RB 197299

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

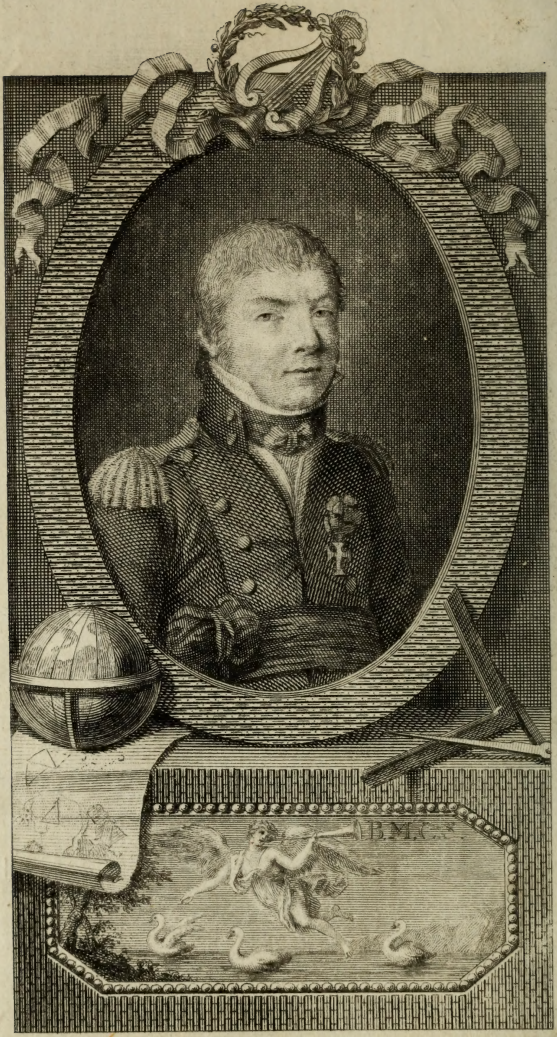
Professor

Ralph G. Stanton

COMPOSIÇÕES POETICAS.

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

http://archive.org/details/composicespoetic00seme


B.M.C.

COMPOSIÇÕES POETICAS

OFFERECIDAS

AO SERENISSIMO SENHOR

DOM JOÃO

PRINCIPE REGENTE DE PORTUGAL

POR

B. M. C. S. Curvo Semedo

SOCIO DA ACADEMIA TUBUCIANA

ENTRE OS ARCADES

BELMIRO TRANSTAGANO.

LISBOA,

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA

M. DCCCIII.

Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus:
Nam neque chorda Sonum reddit, quem vult manus, et mens.

Horat. Art. Poet. v. 345.

SERENISSIMO SENHOR.

A Escolha de hum Mecenas he indispensavel a todos os que publicaõ as suas composiõçes, o nome Protector serve de Egide contra as hervadas frechas da detracçaõ, e da Inveja, e quem mais digno, do que hum Principe, e que Principe mais digno do que V. A. R. se deve eleger para abrigar, e proteger os mal formádos adejos de huma acanhàda Musa; a dita de vassallo, e a honra de criado de V. A. multiplicaõ os deveres de consagrar ao meu Principe, e ao meu Amo estes productos dos meus apoucados talentos.

Digne-se por tanto V. A. R. de os acceitar como succintos preludios, em quanto me naõ vigoriza o tempo as azas, para em sublimes vôos elevar aos Orbes em brilhantes Epopéas as abalizadas Virtudes, e Heroismos, que tanto resplandecem no benigno Coraçaõ de V. A. R. de quem me glorio ser

Vassallo fiel, e submisso criado

B. M. C. S.

PROLOGO.

O Descuido, que tenho tido em guardar as minhas composições, dando os escriptos originaes de humas, e naõ escrevendo outras, me tem feito perder huma grande parte dellas, entrando neste numero hum dos meus Dithyrambos melhores, premiado pela Academia Real das Sciencias na sessaõ de Maio de 1789, do qual nem vestigios conservo: o querer agora obviar o descaminho das que ainda me restaõ, e ao mesmo tempo satisfazer empenhos, e instancias de pessoas sensatas dignas de contemplaçaõ, me tem feito emprehender a presente impressaõ, juntamente reimprimindo algumas das obras, que publiquei nos Almanaks das Musas, e outras, que dei ao prelo avulsamente.

Naõ

Naõ ignoro o muito, a que se expõe quem escreve para o publico, e o quanto he difficil agradar a todos: os nossos juizos, como diz Pope, saõ como os nossos relogios, que nenhum se ajusta perfeitamente, e comtudo todos acreditaõ o seu (1): o que huns louvaõ por optimo, outros condemnaõ por pessimo, e a paixaõ e o capricho saõ quasi sempre os arbitros, que decidem do merecimento alheio. Raros Authores tem obtido em quanto vivem geraes applausos, a detracçaõ lhos reserva como exequias para depois da sua morte.

Nada he taõ difficil como a Arte de criticar, e de nada ha tanta abundancia como de loucas, e informes criticas; he cem vezes maior o numero dos que censuraõ errada, e avessamente, do que o daquel-

(1) 'Tis with our judgments as our watches, none Go just alike, yet each bilieves his own.

Pope essay on criticism.

quelles que naõ escrevem , ou compõem com perfeiçaõ (1). O Egoismo, que com Sceptro de ferro impera em quasi todos os corações, nos faz odiar o merito alheio, e regozijar com o abatimento dos outros: esta infeliz propensaõ franqueia o caminho á maledicencia, e faz levantar do pó immensos Satyricos, (ou antes maldizentes) que pelos applausos, que conseguem, arreigaõ cada vez mais a sua maledica inclinaçaõ, condemnaõ o que naõ saõ capazes de emprehender, e até o mesmo, que naõ entendem (2): naõ digo, que naõ hajaõ Censores, a justa, e discreta critica he necessaria; ella ensina a distinguir o bom do máo, coopera para a perfeiçaõ, e regula, e assinala barreiras aos vôos precipitados, e intempestivos do genio.

Mas

(1) Ten censure wrong for one who writes amiss ;
Pope essaj on criticism.

(2) Quod plerisque accidit, damnent, quæ non intelligunt,
Quint. L. 10 *Cap.* 1.

Mas ensine os outros , como diz Pope , o que lhes he superior em talentos , e censure francamente o que melhor tiver composto (1).

Com tudo o querer intimar , que as minhas composições saõ isentas de defeitos , fora avançar hum absurdo indesculpavel , nada ha perfeito em todas as suas partes (2) ; o mesmo Homero dormitou (3) ; versos requerem descanço , e paz de espirito (4) ; e os meus foraõ feitos no centro de fadigas , e distracções , a pesar disso devo dizer , que , comprindo com o pre-

---

(1) Let such teach others who themselves excel,
And censure freely who have written well.
Pope essay on critic.

(2) . . . . Nil est ab omni
Parte beatum.
Horat. L. 2. Ode 16.

(3) . . . . Quandoque bonus dormitat Homerus.
Horat. Art. Poet. v. 357.

(4) Carmina proveniunt animo deducta sereno :
Ovid. Trist. L. 1. Eleg. 1. v. 39.

preceito de Horacio (1), me cancei assás em os polir, e aperfeiçoar fugindo quanto me foi possivel de collisões, cacafonias, toantes, versos agudos sem ordem collocados, e outros defeitos, que offendem a cadencia, e de que os nossos Poetas antigos naõ escrupulizáraõ, tendo sempre em vista a observaçaõ, que a este respeito faz o dito critico Latino (2). Além disso devo igualmente dizer, que me empenhei sempre em inventar, e innovar, e que raras vezes sobre alicerce alheio levantei os meus edificios, fugindo prevenidamente de plagios, e imitações servis.

Tive ao mesmo tempo o maior cuidado em proporcionar a locuçaõ, e o estilo

(1) Carmen reprehendite, quod non
Multa dies, et multa litura coercuit, atque
Præsectum decies non castigavit ad unguem.
Horat. Art. Poet. v. 292.

(2) . . . . Sectantem levia, nervi
Deficiunt animique.
Horat. Art. Poet. v. 26.

lo naõ só aos assumptos de que tratava, mas ás qualidades das Poesias, que compunha: nos meus Dithyrambos usei daquella soltura, audacia, e liberdade tanto de versos, como de expressões, e pensamentos taõ propria de semelhantes Poemas (1), que fizeraõ a Pindaro credor dos louros de Apollo (2), ajuntei, ou liguei palavras (3), inventando outras, que derivei da fonte Latina, origem legitima da nossa lingua (4), pondo em pratica desta

(1) Già nulla più d'audace a te s'appresta
Del Dithyrambo, che col forte piede
L'erto giocco Greco preme, e calpesta.
Alenz. in Art. Poet.

(2) Laurea donandus Apollinari
Seu per audaces nova Dithyrambos
Verba devolvit, numerisque fertur.
Lege solutis. *Horat. L. 4. Ode 2.*

(3) Dixeris egregiè, notum si callida verbum
Reddiderit junctura novum.
Horat. Art. Poet. v. 47.

(4) E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupçaõ crê, que he a Latina.
Cam. Lus. Cant. 1 oit. 33.

ta sorte os preceitos, e regras, que se assinalaõ a semelhantes composições (1): confesso, que de todas as obras, que tenho composto, as desta qualidade foraõ as que mais me custáraõ: o grande cuidado de seguir ordem, e nexo no meio da desordem apparente; a transiçaõ de huma especie de versos para outra, que lhe fosse analoga na harmonia, e accentos; e mais do que isto, o sustentar aquelles vôos impetuosos sem interpollaçaõ, saõ difficuldades, que só quem as emprehende as conhece.

Nos meus Apologos, ou Fabulas moraes usei daquella singeleza de expressões, e frase familiar, que recomenda Mr. de La

(1) .... Dithyrambus
Non enim aliud est, quam Liberi encomium, constans vario carminis genere, verbis novatis, et magnifice ornata dictione, crebræ in eo metaphoræ, crebræ verborum geminationes (teste Demetrio Phaleræo) nulla numerorum, nulla carminum recurrentium certa lex, etc.
Martin. Ant. Del Rio Prolegomen. ad Senec. L. 3. Cap. 3.

La Motte, e praticáraõ Fedro, Pilpai, John Kidgell, porém dei-lhes mais adorno, e amplifiquei mais os meus pensamentos para unir o util com o agradavel (1), seguindo a Mr. de la Fontaine, o mais elegante, e energico de quantos tem escripto esta interessantissima especie de Poesia.

Julgo tambem, que o Leitor imparcial naõ achará nas minhas Metamorfoses menos verisimilhança, e invençaõ do que nas de Ovidio; nellas involvo a moral mostrando o castigo da avareza, da indocilidade, da lascivia, do perjurio, e outros crimes taõ nocivos á Sociedade.

Igualmente cuidei, em que os meus Sonetos fossem adornados de expressões vivas, concluindo perfeitamente os pensamentos, degradando delles repetições de palavras, e frases ociosas, e trabalhando por-

(1) Qui miscuit utile dulci.
Horat. Art. Poet. v. 341.

por pôr em pratica os preceitos de Despreaux (1): com igual cuidado teci as minhas Cantatas, Idyllios, Odes, etc. como o Leitor desapaixonado poderá observar.

Entre tanto vejo-me obrigado a declarar, que imprimo aqui alguns versos de menos caracter mais por annuir aos rogos de algumas pessoas, do que por livre arbitrio.

Talvez alguns genios fleumaticos, e infecundos me increpem, de que me empenhei mais em adornar a maior parte das minhas composições com pinturas vivas, e imagens fantasticas, filhas da invençaõ, do que com a moral, e a filosofia; a estes respondo com Horacio (2), e com o que diz Mr.

---

(1) Sur tout de ce Poeme il bannit la licence,
Lui meme en mesura le nombre, et la cadence;
Defendit, qu'un vers foible y pûst jámais entrer,
Ni qu'un mot déja mis osâst s' y remonter.
Boileau Art. Poet. Cant. 2. v. 89.

(2) Aut prodesse volunt, aut delectare Poetæ.
Horat. Art. Poet. v. 333.

Mr. Le C. de B.*** no discurso sobre a Poesia, que vem no principio das suas obras (1), deixando com tudo, tanto a estes como a outros quaesquer fanaticos de Litteratura campo aberto para poderem criticar á sua vontade.

Disse.

---

(1) L'invention est l'attribut le plus essentiel, et le signe le plus infaillible du génie. En fait d'arts; qui n'invente pas, ne mérite point le titre de grand homme; Mais l'homme inventeur n'est pas toujours poete. Il ne le devient qu'en donnant á ses expressions cette couleur vraie, et animée qui distingue le style poétique de tous les autres styles. Convenons donc que l'art de peindre est le vrai talent des poetes, et que l'esprit, malgré toutes ses ressources, ne pourra jámais ni imiter le talent, ni le remplacer. Lucain avec de grandes beautés a confirmé cette maxime par son exemple; et le traducteur de l'Iliade, si estimable d'ailleurs, ne l'a que trop prouvée de nós jours.

La necessité de peindre s'étend á tous les genres de poesie. Tout poete, qui n'est pas peintre, n'est qu'un versificateur. Un grand tableau a le caractére, et le mérite du poéme epique. La chanson peut passer pour une espéce de miniature. Je crois qu'en faisant l'histoire des arts sous le Régne de Louis XV on pourroit comparer le Sallon d'Hercule peint par le Moine, avec le celébre poéme de la Henriade.

EPISTOLA.

BElmiro, honra de Marte, Amor das Musas;
A quem bafeja Febo, a quem soccorre
Com tanta copia aceso Enthusiasmo,
Quando deve surgir nos Ceos o dia,
Em que a Fama justissima te conte
No numero dos Vates, e em que possas
Já seguro viver na Eternidade?
Teus sinceros amigos te preparaõ,
E já t' enastraõ merecidos louros;
Mas tu mereces mais, que occultos premios:
E teus sonoros versos já saõ dignos
De naõ menor theatro, qu' o Universo:
E teus grandes applausos se naõ devem
Fechar em menos ambito, que o Mundo.
Naõ prolongues meus votos, e repara
Que vai fugindo a idade, e os leves annos
Naõ se suspendem, naõ; o teu silencio
Mui pouco dista já do vicio, e culpa.
Toda a virtude, que se occulta, he crime.
Trato a causa das Musas, e inspirado
Já me sinto de hum Nume, que me ordena

Vingar o ultraje indigno, que tu fazes
A seus sagrados dcns. Tens merecido
Os premios todos, que as sagradas Musas
Costumaõ outorgar, o nome, e o louro,
A Fama perennal, e o que he mais nobre,
Já mereces a inveja. Se pretendes
As armas, e os varões assinalados
Aos Astros levantar, teus doces versos
Ao som respondem d'Epica Trombeta;
E se pretendes remontar-te ao Pindo
Apôz a eburnea Venusina Lyra,
A par vôas do Lyrico Romano.
Se da triste Elegia o tom magoado
Muitas vezes te apraz o mesmo Apollo
Confessa que tacteias o Alaude
Do desterrado, Sulmonense Ovidio.
Se alguma vez c'o pampinoso Thyrso
O grave Nume domador do Ganges
Levemente te fere, entaõ derramas
Torrentes de furor. Sôaõ teus versos
Acima do vulgar, no estylo, e fraze.
Os mesmos Aristarchos te confessaõ
Digno daquelles Seculos dourados,
Em que a sabia, e guerreira Lusitania
Vio nas margens do Tejo, e do Mondego
Cantar os alvos Cysnes, cujos nomes

Leva a Fama aos limites do Universo.
Naõ póde o Mundo duvidar, naõ póde
Destes louvores, que a verdade inspira,
Se alguma vez extasiado escuta
Pequena parte de teus doces versos.
Mas seráõ para ti de baixa estima
Teus trabalhos doutissimos, se apenas
Te pagas só de teu trabalho, e estudo.
Ah! quantas vezes te clamei: *Tu deves*
Os versos teus á Fama, e impaciente
A mesma Fama teu trabalho a guarda.
Mas obstinado, teus ouvidos fechas
Aos desejos do amigo, á voz da Fama:
Erradamente me respondes: *Poucos*
Nos daõ, Elmiro, accolhimento ás Musas.
Tua modestia te allucina; eu vejo
Que o Mundo outros naõ tendo, aplaude, acclama
Os Versos do Monótono Sadino,
Que ignorante de harmónicos accentos,
Unisonas Antitheses nos vende.
Ah! naõ pretendas minorar a culpa,
Honre-se a Musa, que de honrar-se he digna:
Quem seháõ loucos nos profundos mares
Lançaõ de novo as pérolas, que á custa
De mil trabalhos no Erithrêo pescáraõ?
Naõ te opponhas ás Musas, e a ti mesmo,

Que em teus versos protestas tantas vezes
A Fama desejar, que os mesmos versos
Seguros te promettem, e afiançaõ.
Deve acaso guardar-se no sepulcro
Envolto em frias cinzas o teu Nome?
E a mesma fria lapida, que os ossos
Cubrir-te deve, cubrirá teus versos?
Muda, Belmiro, de projectos, muda,
Naõ ignore a futura, e a nossa idade
Quanto te igualas c'os antigos Vates.
Naõ sepultou seus marmores Lisipo,
Nem os polidos bronzes, que animára
Com seus doutos cinzeis; e o antigo Apelles
Aos olhos naõ roubou da sabia Grecia
A portentosa Deosa de Amathunta,
Em que vencida a destra Natureza,
Foi dos esforços da Poesia muda.
E tu consentirás, que teus Escriptos,
Que valem mais que os marmores, e bronzes,
Soffraõ a pena de hum silencio eterno?
Se antigos Vates tal furor tivéraõ,
Que seria de Horacio, e de Virgilio,
Do engenhoso Nasaõ, do altivo Estacio?
Se como sentes tu, sentira Homéro,
Qual dos modernos Vates poderia
Hoje banhar-se nas Aónias aguas?

Dis-

Dista mui pouco a Inercia da Virtude,
Se a Virtude se occulta, como a Inercia.
Essa novilha, celebrada tanto
Esforço de Miron Syracusano,
Que a si, e a seu Author deo Fama e nome,
Deveo mais esta Fama á luz do Mundo,
Que á douta maõ do Artifice pasmoso:
Deo-lhe as feiçôes Miron, e a Fama a vida.
Se teimoso te escondes, e sepultas,
De que te serve a dádiva Celeste,
Feita a poucos no Mundo, a Poesia?
Se desprezas o louro, que approveita
Havello merecido? Que duvidas,
Ou que terror fantastico te encolhe?
Nada falta a teus versos, douta lima
Os tem purificado, os tem polido.
Em torno a ti revôa a eterna Fama,
Nas mãos os louros traz, nas mãos a tuba;
Solta as prisões á rápida Quadriga.
Ah! naõ duvides, vencedor no Estadio
Bem depressa serás, seguir-te-haõ promptas
As merecidas Palmas de Iduméa.
Quantos desejaõ circundar a frente,
E enastrar os cabellos de hera, e louro;
Mas as heras, e os louros se lhes negaõ,
E Febo he surdo, as Musas insensiveis.

Já

Já tu contas vivendo, esses triunfos,
Que a Fama a poucos deo depois da morte.
Vejo voar Calliope do Pindo,
Conduzindo-te a c'roa; e o douto Choro
Dos sublimes Poetas te assinalla
O lugar entre si, de lá te acêna
De lá bradando está, que a honrallo venhas.

De Elmiro Tagidio:

SONETO.

TEmendo Amor que ao Mundo eu publicasse
Em brando metro seu rigor temido;
Mil vezes me implorava prevenido,
Que ao som da lyra as vozes naõ soltasse.

Temia que se os damnos meus cantasse,
E fosse dos Mortaes meu canto ouvido,
Que em Pafos, Erix, em Cythéra, em Gnido
A dar-lhe cultos ninguem mais entrasse:

Mas vendo-me no intuito permanente,
Em novas magoas me submerge tanto,
Que a voz me abafa, me perturba a mente.

O mal que Amor me fez choro naõ canto:
Mortaes, ouvi-me ficarei contente
Se hoje de exemplo vos servir meu pranto.

SONETO. *A Alcippe.*

FOrmosa Alcippe, aos teus desdens affeito,
Quando mais terna a mim volves o rosto,
Sinto, adorado bem, sinto de gosto
Pular-me o terno coraçaõ no peito.

Se entaõ procuro, em vivo amor desfeito,
Pintar-te os damnos a que vivo exposto;
De novo ás iras do cruel desgosto
Ficar me deixa teu rigor sujeito.

Ah! quando te hei de ver mais grata, quando!
Se naõ foste no Caucaso nascida,
Attende aos ais qu' aos teus ouvidos mando:

Mas quem sabe, meu bem, se enternecida
Teus agrados me negas, receando,
Que o prazer de os gozar me roube a vida.

SONETO.

Mandou-me Alcippe, que vivesse atado
Do Nume Idalio no grilhaõ cruento.
Quebrei os votos de viver isento,
E os pulsos te offertei, cruel Vendado.

Em rigida cadeia agrilhoado
Tenho erguido padrões ao soffrimento,
Vendo a Iniqua zombar do meu tormento
Solta, e feliz, eu preso, e desgraçado.

Que os duros ferros com meu pranto gaste
Manda, quando lhe imploro lenitivo.
Naõ soffras isto, Amor, de injurias baste.

Se o nome queres ter de compassivo,
Ou desata as prisões que me lançaste,
Ou prende aquella por quem preso vivo.

SONETO.

Perfida Alcippe, naõ te lanço em rosto
Quanto soffrido tenho a teu respeito:
Nem os vivos extremos de meu peito,
Por ti mil vezes á desgraça exposto.

Mas de teu falso coraçaõ deposto,
Lembro-te as juras vans que me tens feito:
Lembro-te aquelle Amor taõ bem acceito,
Que n'outras eras te preencheo de gosto.

Se a nada attendes, se o rigor duplicas;
Rouba-me a vida, acaba os meus queixumes,
Que assim a offensa de te amar despicas.

Naõ temas que vingança implore aos Numes:
Que impios remorsos a que exposta ficas
Vingaraõ minha morte, e meus ciumes.

SO-

SONETO.

SE dá vil que te sulca me vingares,
Antes que mais o dissabor me enoje,
Neptuno, huma hecatomba, verás hoje
Tingir de quente sangue os teus altares.

Morra, morra a cruel: toldem-se os ares:
Raios ardentes Jupiter lhe arroje:
Sovertaõ-lhe o baixel, em que me foje,
Urrando horrendamente os roucos mares.

Desça bramindo ao Reino do queixume
Sua alma indigna, damnos soffra eternos
Das mãos das Furias no Tartareo lume:

Mas naõ, naõ a mateis, Numes supernos,
Prove ciume igual ao meu ciume,
Que este inferno equivale a mil infernos.

SONETO. *A Lilia.*

ARmou-se hum dia Amor, da eburnea aljava
Hum ferro tira de cruenta ponta:
Hoje (diz) *vingar quero tanta affronta:*
Lilia ou morta ha de ser, ou minha escrava.

Eis entre os Risos Venus assommava;
Ao vella o Numen hum triunfo conta,
Que julgando ser Lilia a seta apronta
E n'alma, cego do furor, lha crava:

Féro, a Deusa bradou, *zombas comigo?*
E Amor fazendo na illusaõ repáro,
Ah! mereces, lhe diz, *maior castigo.*

Frouxa me negas contra Lilia amparo,
Vendo que nada, cruel Mãi, consigo
Se as frechas naõ inflammas, que dispáro.

SONETO.

N'Um verde espesso bosque se occultavaõ
Feras quadrilhas d' impios Salteadores;
Das tropas do Frecheiro desertores,
Que tudo a ferro, e fogo devastavaõ.

Almas, e vidas, corações roubâvaõ
Por toda a parte semeando horrores:
Corria a fama atróz dos Agressores,
E ermos de gente os campos se encontravaõ;

Mas vem Lilia em soccorro assalta, e rende
Os perfidos Ladrões, que melhor fora
Frustrada ser a grande acçaõ, que emprehende,

Que em premio da conquista a Vencedora
Mais vidas, almas, corações pretende,
Do que roubava a chusma salteadora.

SONETO.

DE enlaçados listões ornava hum dia
Os brandos fios d'ouro Lilia bella,
E attento hum cauto Amor naõ longe della
A urdir potentes laços aprendia.

Belmiro opposto ao Deos qu' a scena via,
E o bem da triste humanidade zela:
O' Lilia, ó Lilia, disse, *tem cautéla,*
Que hum perfido Frexeiro te vigia.

O Nume o opprobrio castigar procura.
Tece impias tramas, e depois de armálas
Nellas as mãos ao Misero segura.

Ves-te em prisões, lhe diz, *temes rojallas?*
Pois roga a Lilia, naõ a mim soltura,
Que urdillas aprendi, naõ desatallas.

SONETO.

SE Amor de brancas pennas me cobrira,
E em ledo veloz cysne me tornára;
Onde me occultaõ Lilia hoje voára,
E o que faz sem me ver ancioso vira;

Se a novo Amante sobre a Idalia pyra
Votos fazendo a Perfida encontrára;
Tornando ao ser antigo lhe arrancára
As vis entranhas abrazado em ira:

Mas se chorosa a visse, entaõ cantando
Tentára divertilla; e se ainda austera
Nada attendesse, em mim terna pensando;

Cego de gosto hum vôo aos pés lhe déra,
E ella encerrada, e linda, eu cysne, e amando,
Outra Leda, outro Jove Amor tivera.

SONETO.

QUe Nynfa observo alèm, qu' anciada corre!
As roupas, e a madeixa ao vento dando:
Hum Fauno a segue os braços alongando,
Que vejo! he Lilia, ó Ceos! quem a soccorre!

Foge que eu vou! cruel na farpa morre
Deste impio ferro, que a teu peito mando:
De vista os perco, ai triste! ai miserando. . .
Vinganças! que farei! nada me occorre.

Furias, que nalma rebramar presinto,
Surgi, roubai ao Perfido os alentos,
Que a vida em troco victimar naõ sinto:

Mas eis Lilia o meu bem, fugi tormentos,
Nas mãos o ferro tráz no sangue tinto
Do vil, que teve de aggravar-me intentos.

SONETO.

Lilia em quanto naõ foge a fresca tarde
Desce ás margens frondosas deste pégo,
Vem ver quem de saudades louco, e cego
Pela doçura de teus olhos arde.

Attende aos rogos d'um Amor cobarde,
Que te chama do rio em que navego:
Vem, ou pór termo ao pranto a que me entrego,
Ou do teu desamor fazer alarde.

Assim clamava Alzeu, qu'a Lilia adora,
Eis como encanto, d'uma algosa gruta
Ouve dizer com voz clara, e sonora:

Naõ chames, Pescador, quem naõ te escuta:
Lilia nos braços de Belmiro agora,
Quanto ha doce em Amor, tanto disfruta.

SONETO *A Celia.*

Tinto de sangue por brazaõ mostrava
Cupido hum ferro, que nâ maõ trazia,
Com que de Celia traspassado havia
O peito esquivo, que a fereza armava.

Este, que illustra minha eburnea aljava,
Cravei na Ingrata, para mim dizia;
E eu duvidoso da expressaõ qu' ouvia,
Como a feriste? ao Nume perguntava.

Mas o tyranno de affligir sedento,
Indo travesso a figurar o tiro,
Sem dó me fere c' o farpaõ cruento.

Foge-me d'alma a Celia hum vaõ suspiro;
E alegre o Falso de meu mal violento,
Eia, me torna, *foi assim*, *Belmiro.*

SONETO.

MEntes Lemano a minha Celia amada
Naõ he quem julgas, tenho melhor gosto,
Contempla esta pintura mal traçada,
Verás o engano do que tens supposto.

Aureas madeixas tem, fronte nevada,
Olhos escuros, agradavel rosto,
Boca gentil de perolas orlada,
Collo de leite, e purpura composto.

He grata, esperta, affavel, carinhosa,
Meiga no gesto, no fallar singela,
Cheia de encantos, delicada, airosa:

Os signaes aqui tens da minha Bella,
Vê se a que dizes, para mim odiosa
Podes acaso comparar com ella.

SONETO.

COm duros ferros me enlaçaste os pulsos,
E accendes em minha alma fogo activo,
Sem que possaõ tornar-te compassivo,
Amor, Nume sem lei, meus ais convulsos;

Quantas vezes, Traidor, naõ tenho impulsos
De obstar aos damnos em qu' ancioso vivo,
E sem de objecto algum viver captivo
Só falsos votos prodigar avulsos:

Se québro esta prisaõ, que me envergonha,
Depois dado ao prazer da variedade
Ninguem, qu' eu torne aos laços teus supponha.

Que na posse d' alegre liberdade
Teus fructos posso obter, sem que me exponha
Aos dois monstros crueis, Zelo, e Saudade.

SO-

SONETO. *A Laura.*

CRáva-me antes no peito hum ferro duro,
Do que me digas Laura, que te offendo;
Quem poderá teu doce agrado obtendo
Outro objecto adorar, ser-te prejuro?

Se á loura Nize ter Amor figuro,
A posse de seus braços naõ pretendo;
Para teu rosto ver della dependo,
E tella em meu favor cauto procuro.

Se tanto extremo te naõ fosse ignoto,
Eu vira o premio da illusaõ que traço,
Em vez das iras, que em teu gesto noto:

Que em meus pulsos d'Amor beijando o laço,
Os cultos, e oblações qu' a Nize voto,
Saõ sacrificios, qu' a teus olhos faço.

SONETO.

Medonha corre a noite, a frouxa Lua
A furto mostra o rosto desmaiado,
Em mil voluveis serras levantado
Ruge raivoso o mar na praia nua;

Hum só baixel nas ondas naõ fluctua,
Os Nautas dormem, zune o vento irado;
Ah! doce Laura, Ah! doce objecto amado,
Quem vira agora a linda imagem tua!

Assim as vozes eu soltava ancioso,
Quando Laura, o meu bem, a minha estrella
Ao lado vejo, e vejo-me ditoso.

No meu pobre batel entro com ella:
Oh Ceos! desde que sulco o Tejo undoso,
Nunca vi, nem gozei noite mais bella.

SONETO.

JA' matizando o Ceo de vivas cores
Vinha a brilhante aurora apavonada,
E inda sobre os meus braços fatigada
Laura dormia, Laura os meus amores;

De terna magoa, d'horridos temores
Vejo minha alma a hum tempo salteada,
Sinto privar do somno a minha amada,
Temo vejaõ, que logro os seus favores.

Em quanto pugna em mim susto, e ternura,
Vistos somos d'Espia vigilante,
Que o nosso affecto destruir procura.

Vou-me, deixo o meu bem; desde esse instante
Cançados olhos, olhos sem ventura
Nunca mais vistes seu gentil semblante.

SONETO.

Junto deste cypreste corpolento,
Ah! corre pranto meu, Laura mimosa,
Que já do Summo Bem no Empyreo gosa,
Fez de amar-me o primeiro juramento.

Que presagios naõ vio nesse momento
Por estes campos a minha alma anciosa!
Gralha da esquerda ergueu voz espantosa,
O Ceo toou, zunio raivoso o vento.

Pouco tempo tardou qu' a Sorte escura,
De funestos desastres precedida
Naõ viesse turbar nossa ventura.

Morreu Laura, o meu bem, Laura querida:
E eu por damno maior, pena mais dura,
Tive a desgraça de ficar com vida.

SONETO.

Risonha margem do aprazivel Tejo;
Donde o Ceo me roubou Laura amorosa,
Naõ sei que nuvem negra, e pavorosa
Me cobre o coraçaõ quando te vejo!

Da scena atroz, que em vaõ riscar desejo
De minha alma infeliz terna, e saudosa,
Tu me avivas a imagem lastimosa,
Risonha margem do aprazivel Tejo.

Se já findou em ti minha ventura,
Findem tambem meus horridos tormentos;
Dá-me em teu seio morte, e sepultura.

Quem em tanta magoa, damnos taõ violentos
Destina Amor, destina a Sorte dura,
Que onde Laura perdi, perca os alentos.

SONETO *A Inalia.*

DE mil ciumes, de temores cheio
Sinto meu peito ancioso, e palpitante,
Quando naõ vejo, Inalia, o teu semblante
Dos tristes olhos meus doce recreio.

Ora me finge o pallido receio,
Qu' és victima da Parca devorante:
Ora qu' acceitas cultos de outro Amante,
E vans quiméras por verdades creio.

Mas apenas te avisto a face linda,
Foge meu damno, alegre beijo os laços,
Que humidos acho de meu pranto ainda.

Ah! se Amor nos ligou, rompe embaraços,
Cumpre teus votos, meus tormentos finda,
Vem adorada ser entre os meus braços.

SONETO.

Hoje qu' Inalia faustos annos conta,
Anda, me disse Amor, *anda comigo*,
Verás d'um Nume teu contrario antigo
Até que ponto o obsequio se remonta:

Nesta nuvem, que ves a erguer-se pronta,
De Cypria ao Templo voarei comtigo;
Disse, e os passos do Nume alegre sigo,
Que os leves ares a meu lado affronta.

A Gnido chega; alli vemos ufanos
De Venus sobre o throno a minha Amada
Cheia de applausos mil, dons sobre-humanos.

Entaõ sei cultos dar, Amor me brada,
Para louvar da minha Inalia os annos;
Tudo he pouco: eu lhe torno: *Tudo he nada.*

SO-

SONETO.

ADeos Inalia, a Deos meu bem, qu' a Sorte
Manda qu' eu viva de teu rosto ausente,
Estes suspiros, este pranto ardente
Bem mostraõ quanto o meu tormento he forte.

Por mais que o triste coraçaõ conforte
Desmaio aos golpes d' affliçaõ vehemente,
Que a negra Desventura naõ consente,
Que o meu damno termine antes da morte.

Porém se de te amar a gloria tive,
Nutrir verás do meu afecto a chamma
Por mais, qu' o bem de obter-te se me prive.

Que hum puro amor no peito de quem ama,
Quanto mais de oppressões cortado vive,
Tanto mais cresce, tanto mais se inflamma.

SONETO.

HUm pouco hum pouco, ó mar enfurecido,
Serena as crespas ondas bonançoso,
Deixame o gesto hir ver meigo, e formoso
De quem me traz de amor louco, e perdido.

Se ao mal-fadado nadador de Abido
Déste morte cruel no seio undoso,
Livra deste destino hum desditoso
Tambem victima infausta de Cupido.

Deixa-me inda hoje ouvir meigos agrados
Da minha Inalia, por quem choro ausente
Nestas areias, nestes descampados.

Mas ah! triste de mim, qu' o pranto ardente,
Que verto de meus olhos desgraçados,
Te engrossa mais a rapida corrente!

SONETO.

Voa saudoso lugubre Suspiro,
Chega á presença do meu bem amado,
E em tom mavioso de affliçaõ cortado
Conta-lhe os damnos do infeliz Belmiro.

Vê se estima viver nesse retiro,
Ou noutro objecto emprega o seu cuidado;
Ah! se assim for, intima-lhe apressado,
Qu' ás mãos das Furias sem remedio espiro.

Mas se o vires por mim dando ais ardentes,
Consola-o; dize qu' a fortuna errante
Nem sempre he contra os miseros viventes:

Que firme seja como sou constante,
Que a pezar de Invejosos maldizentes,
Inda veremos nosso amor triunfante.

SONETO *A Jonia.*

QUal Diana gentil n'um bosque umbroso,
Afoita Jonia as feras assaltava,
Ora farpas crueis lhes atirava,
Ora as prendia em laço cavilloso.

Eis colmilhudo Javali cerdoso,
Que por tres golpes sangue espadanava,
A linda Caçadora procurava
As alvas foices esgrimindo iroso.

Eu qu' isto observo c'um farpaõ cruento
Entrego o monstro ás mãos da morte dura,
E a Nynfa amavel do perigo isento:

Ser minha em premio agradecida jura:
Mas hoje sem respeito ao juramento
Roubar-me a vida com desdens procura.

SONETO.

Estes muros, que ves aos Ceos erguidos,
Tenho, alta noite, vezes mil trepado;
Aqui Jonia viveo, tendo a seu lado
Velante escolta d' Argos presentidos:

Pelas calladas trevas protegidos
Vencer podemos nosso iniquo fado,
E ambos de Amor n'um extase sagrado
Obtivemos prazeres nunca obtidos.

Mas voou tanto bem: Monstros potentes
Daõ Jonia ao meu rival, Jonia foi sua,
Sem lhe valerem lagrimas ardentes.

Meu peito em mares de afflicçaõ flutua:
Amor, se impio naõ és, como consentes,
Qu' huns braços, que eraõ meus, outro os possua?

SONETO.

NAõ te comprehendo coraçaõ mavioso
Por Jonia ingrata amante inda palpitas!
Ao mesmo tempo que fiel me gritas;
Que horror lhe tenha para ser ditoso!

Se affroxo os laços pranteando ancioso,
De novo a amalla com razões me excitas;
Se de novo os aperto, eis que te agitas,
E avesso fim me auguras temeroso.

Ah! do lethargo, em que te ves, desperta;
Olha que cego ao precipicio corres;
Deixa a cruel, do jugo te liberta:

Mas que espiras me clamas; bem discorres:
Se amando, ou naõ amando a morte he certa,
Antes morre d' amor, que feliz morres.

SONETO.

Fui entre ferros por Amor levado
A's vis catastas do cruel Ciume:
Este era o premio, que me dava o Nume
De ter a Jonia taõ constante amado.

D' azuis serpentes vejo coroado
O Estygio monstro respirando lume;
D' horridas Furias horrido cardume,
Com torvos gestos, lhe vozeia ao lado.

Eis de Zelos crueis bando cruento
Amim se avança, mil punhaes brandindo:
Gélo de susto, d' affliçaõ lamento.

Nisto acode a Razaõ meus ais ouvindo,
Quebra-me os laços; furta-me ao tormento.
Illeso saio da Perjura rindo.

SONETO *A Analia.*

HUm dia ornado Amor de verde louro
No sacro templo do Destino entrava,
E hum negro almalho ao Nume victimava
Prever querendo o fado meu vindouro.

O gume de fatal secure d'ouro
Pelo collo da victima enterrava,
E aos Ceos co' as mãos o lindo rosto alçava,
Rogando na oblaçaõ propicio agouro.

As entranhas perscruta semivivas,
Fito a fito auspicia o Sol dourado;
E o chaõ fere tres vezes successivas:

Depois me clama subito o Vendado:
Naõ mais, Humano, lacrimoso vivas
Analia he tua, que assim manda o Fado.

SONETO.

QUatro vezes na Ecliptica brilhante
Febo tem dado a fulgida carreira,
Depois que, doce Analia, a vez primeira
Vi teu risonho, teu gentil semblante:

Desde taõ grato venturoso instante
Minha alma de teus olhos prisioneira,
Consagrando-te a fé mais verdadeira,
Colheu primicias de teu peito amante:

Milhões de vezes por mercê do Fado
Expertos Argos temos illudido,
E horas furtivas de prazer gosado.

O Ceo nos chegue ao praso appetecido
De alegres vermos, qu' Hymineo sagrado
Nos doura os laços, que tramou Cupido.

SONETO.

VAi-se a Lua nas ondas sepultando,
D' informes sombras terra, e Ceo s'enluta:
Dorme o vento, na costa o mar naõ luta:
Vê-se a espaços a esfera fusilando.

Vaga hum triste silencio o horror dobrando,
Naõ se encontra mortal, voz naõ s'escuta;
Só no seio daquella horrenda gruta
Se ouve hum Moxo piar de quando, em quando.

Propicias trevas, sitio pavoroso
Vede acabar a vida, que o flagella,
Com ferro atroz, Belmiro desditoso:

Mas qu'emprendo? Quem perde Analia bella
Deve seus dias conservar ancioso
Para extinguilos a chorar por ella.

SONETO. *A Ilvia*

MUdou-se Amor em Róxinol hum dia,
E saltando veloz de ramo, em ramo,
Ora erguia hum gorgeio, ora hum reclamo
N'um bosque onde Ilvia á sombra em paz dormia.

Eu que os dolos do Falso conhecia,
Para o prendermos Ilvia acordo, e chamo,
Com ella hum traidor laço alli lhe tramo,
E entre hum vergel nos pômos á vigia.

Na rede cahe o Deos, que armado temos:
Mas quando alegres a apanhallo vimos,
Ceos! em vez do Aggressor prezos nos vemos:

Armámos as prisões, nellas cahimos:
Ilvia, ó Ilvia meu bem, naõ as quebremos,
Que ou brandas, ou crueis nós as urdimos.

SONETO

MEus olhos viraõ teu delicto infame,
Vingado estou; deixei-te, Ilvia impostora,
Com louco pranto em vaõ tentas agora,
Que torne a amar-te, que por ti me inflamme.

Vingativa sem prova, sem exame
Creste-me falso, e foste-me traidora:
Por hum vil me trocaste, hum vil adora;
Que he justo que huma indigna, indignos ame.

Odiar-te devo, que a Razaõ mo pede:
Vãmente fazes de illudir-me estudo,
Qu' ouvir-te hum novo amor me naõ concede:

Morro por Marcia, de paixaõ naõ mudo;
Que Marcia tanto em perfeições te excede,
Quanto eu excedo ao meu rival em tudo.

SONETO *A Marcia.*

QUando hoje a Aurora no rosado Oriente
Vinha os campos d' aljofares cobrindo,
De Marcia aos annos mil canções urdindo
Amor pulsava Cithara cadente.

Eu qu' invejoso, n'um vergel frondente
Do Nume estive o doce canto ouvindo,
Dos ramos cheio de fervor sahindo,
Das mãos lhe roubo a Cithara impaciente.

Quero cantar, lhe grito prasenteiro,
Eis lançando-me o Deos grilhões tyrannos
Me diz: *Vivente, chorarás primeiro.*

De meus ferros mortaes exposto aos damnos,
A victima serás, qu' hoje o Frexeiro
De Marcia bella sacrifique aos annos.

SONETO.

Porque me roubas o descanço antigo
Amor, tyranno Amor, falla, responde?
Que por mais que minha alma inquira, e sonde
Culpa naõ vejo para tal castigo.

Se frôxo ha tempos tuas leis naõ sigo,
He medo ás fraudes, que teu gesto esconde:
Dize, Inhumano, donde nasce, donde?
A fereza, o rigor qu' usas comigo?

Mas Ceos! Marcia gentil o roubo ampara!
Marcia gentil, encanto sem segundo,
Para meus pulsos laços mil prepara!

Cruel, eu entro nas prisões jucundo:
Ah! se o teu fogo vivido faltara,
Que triste fora subsistir no mundo.

SONETO

SE intentaş ser meu barbaro homicida,
Basta Cupido, basta de tormentos,
Tens duras frexas, tens grilhões cruentos,
Ata-me as frôxas mãos, rouba-me a vida.

Mas deixa qu' o meu bem, Marcia querida,
Soltar me veja os ultimos alentos,
Naõ separes de mim, nem por momentos,
Quem tanto enleia esta alma enternecida:

Os ais te movaõ, que derramo a espaços,
Primeiro rasga o peito meu constante,
Do qu' intentes romper taõ firmes laços.

Marcia me aperte no final instante,
Que antes morrer desejo entre seus braços,
Do que viver dos olhos seus distante.

SONETO *A Natercia.*

NAõ mais, Natercia, reciosa vivas
De que ando pesaroso de adorar-te,
Que Amor aos olhos meus sabe pintar-te
Com gratas cores cada vez mais vivas.

Chorosa ás vezes de te ver me privas,
Porque me increpaõ de estremoso amar-te:
Que modestia! meu bem, naõ sei mostrar-te
Quanto me agradas, quanto me captivas.

Dignos somos de amar, sem susto amemos:
Quem murmura de ver-me a ti ligado
Embora, Idolo meu, fallar deixemos.

Que ou teus dotes naõ tem inda observado,
Ou se os observa, e culpa os meus extremos,
Tem d'um rochedo o coraçaõ formado.

A Irene enfadada por lhe ter cahido no chaõ hum caôsinho, que tinha no collo.

SONETO.

DArdeja os raios teus, Jove infinito,
A soltas, negras cinzas me reduze:
Guardar-me a terra o frio pó recuse,
Seja meu nome dos Mortais proscrito:

Nas horridas masmorras do Cocyto
Meu crime horrendo sem cessar me accuse:
Comigo de piedade ninguem use,
Que em fim sou réo do mais atroz delito.

Forjem os monstros, qu' Orco immundo aninha
Novos tormentos, qu' a infernal morada
Pena devida aos erros meus naõ tinha.

Que fui tal, ó catastrofe impensada!
Que de Irene o tó-tó, por culpa minha,
Cahio no chaõ, ganio, mas naõ fez nada.

SONETO.

GRaças a Amor! quebrei o grilhaõ duro,
Que em firmes voltas me opprimia os braços,
E isento, por trofeo, os vis pedaços
Hoje nas aras da Razaõ penduro.

Inda naõ posso crer, que estou seguro
De infames dolos, inda tremo a espaços,
E incredulo do bem, os ferreos laços
Nos pulsos duvidoso inda procuro.

Livre estou, mas dos Zefyros no dorso
Inda aos orbes meus ais mando insessante,
Inda para alegrar-me em vaõ me esforso:

Que lasceraõ minha alma a todo o instante
A lembrança cruel, o impio remorso
De taõ fiel ter sido a huma Inconstante.

SONETO *A Inaliá.*

AS leves chinchas Marineu lançava
Do manso Tejo na corrente undosa,
E á loura Algéa Nynfa carinhosa,
Cheio de affecto, o lanço dedicava.

Eis de bravos tufões falange brava
Incha o mar, nubla o Ceo, ruge raivosa:
Chovem raios da esfera tenebrosa,
E o baixel n'um rochedo lhe abicava.

O triste amante na affliçaõ tremenda
Só clama por Amor, com voz afflita,
Sem qu' á morte cruel fugir pertenda.

Que intentas, diz o Nume: o Infausto grita
O coraçaõ me salva, naõ se offenda
A linda Algéa, que nelle anda escrita.

SONETO.

SAltando sobre a praia humida, e fria
O terno Alfeu, que á dura Algéa amava,
O barco ao tronco d'um salgueiro atava,
E ao Sol as pardas redes estendia.

Ondas ligeiras respeitai hum dia
O districto em qu' estou, mesto bradava,
Eis o nome da Nynfa, que adorava
N'areia entre soluços escrevia.

Assim qu' em lello hum pouco se recrêa,
Vai beijallo, e huma vaga marulhosa
Lhe entra na boca removendo, a arêa.

Ah! (clama o triste erguendo a voz queixosa)
Quem te ha de amar se mesmo escripta, Algéa,
Com quem te ama és esquiva, és amargosa.

SONETO.

CEos ! qu' implacavel horrida figura
Destas campinas cruel posse toma !
De enorme vulto, viperina coma,
Faiscantes olhos, torva catadura.

Ponte-agudo punhal na maõ perjura
Goteando sangue, com terror lhe assoma,
E em ferreo carro diras Furias doma,
Prole cruenta lá da Estygie escura.

He a Discordia qu' os Mortaes debella,
Os passos segue da Illusaõ ferina,
E os Odios assanhando nos flagella.

Mas eis lá desce em nuvem crystallina
Limpa Verdade ; foge o monstro ao vella,
E aos nossos lares volve a Paz divina.

No anniversario das nupcias do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Bellas José de Vasconcellos e Sousa.

SONETO.

Deixai os filtros os farpões hervados,
Respire o mundo em paz neste almo dia;
Ledos hymnos cantai, Amor dizia
A' linda tropa dos crueis Vendados:

Hoje faz annos, inclytos Soldados,
Que á luz do Cirio de Hymineo qu' ardia
Ezio prendemos, e a formosa Armia
Em doces ferros pelo Ceo dourados.

A prole destes Conjuges ditosos
De Lyzia honra será, do mundo espanto,
E a nós se devem bens taõ portentosos.

Callou-se o Deos, e a grata chusma entanto,
Sobre os astros levanta os dois Esposos
Nas puras azas d'um celeste canto.

Aos faustissimos annos do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Bellas José de Vasconcellos, e Sousa.

SONETO.

NAõ decanto, Senhor, neste aureo dia
Tua alta Prole, teu Natal florente,
Qu' he na ordem do mundo hum accidente
Nascer de humilde, ou nobre Jerarchia:

A sãa virtude que teus passos guia
Te dá lustre maior, mais permanente,
Que sem este almo dom do Ceo clemente
He fumo, he sombra, he nada a Fidalguia.

A mil varões de sangue excelso, e nobre
Inuteis sendo aos miseros humanos,
Sem fasto, e nome fria pedra cobre:

Mas tu qu' abranges dotes soberanos,
Valendo ao triste, soccorrendo ao pobre,
Do Lethes salvas teus ditosos annos.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Duque de Lafões nas melhoras de seu Excellentissimo filho Duque de Miranda do Corvo em Nov. de 1799.

SONETO.

LAfões, dos Lusos inclyto Patrono
Exulta, vive teu amavel filho,
O Ceo, a quem prostrado a fronte humilho,
Tuas preces ouvio em nosso abono.

Mais naõ temas, Senhor, qu' hum ferreo somno
De seus olhos taõ cedo offusque o brilho,
Que dos Regios Avôs pisando o trilho,
Os Ceos o guardaõ para honrar hum Throno.

O herdado Heroismo, que no peito enserra
Mais no mundo o fará temido, e amado,
Do que Tito na paz, Scipiaõ na guerra.

E inda espero, qu' o vejas a teu lado
Naõ só dar leis aos Principes da terra,
Mas aos pés submetter a Morte, e o Fado.

Ao dito Excellentissimo Senhor Duque de Lafões.

SONETO.

O Costume, Senhor, faz natureza,
E desde a infancia hum joven costumado
A ver o rosto de Bellona irado
Naõ desanima na mais ardua empreza.

Orna esforço Marcial, Marcial destreza,
Ao qu' entre as duras armas he criado,
E engrandece a Naçaõ, faz honra ao Estado
Educar Cidadãos para a defeza.

Se attendes á verdade em que me fundo,
Faze que o tenro filho meu se aditte
A's falanges de Marte furibundo:

Que se as graças do Ceo naõ tem limite,
Talves que vejas huma vez no mundo
Quem na Sciencia no valor te imite.

Ao dito Excellentissimo Senhor, sendo gratificado com os honrosos cargos, que o Principe nosso Senhor foi servido conceder-lhe em 6 de Janeiro de 1801.

SONETO.

SE o Trono exalta os meritos supremos,
Que em ti flammejaõ com fulgor constante,
He porqu' une em tua alma o Ceo brilhante
Quantas virtudes espalhadas vemos.

Parabens, naõ a ti, a nós daremos
Da fausta escolha do feliz Reinante,
Que tu obtens a graça relevante,
E nós os fructos da mercê colhemos.

Se Pai dos Pobres és, se dás sem custo
O teu descanço pelo nosso em trouco,
Que o digno premio alcances, quanto he justo!

Mas que te proporciono errado, e louco!
Se tudo que naõ for hum Solio Augusto,
Para teus dotes premiar he pouco.

SO-

SONETO.

Que assombro! aos astros subito se eleva
Padraõ á Lusa gloria consagrado,
Nelle hum busto se observa collocado
Onde Jove, incessante, a vista ceva.

Dissipa da ignorancia a opáca treva
A luz suprema com que brilha ornado:
Da Gratidaõ nas azas levantado
Mil oblações o Patrio-amor lhe leva.

Rota a carne mal sãa do peito informe,
Prezo com cem grilhões Bruto mesquinho
Junto da altiva base, ou freme, ou dorme.

Eis ao raro Portento me avizinho,
Este he da magra Inveja o monstro enorme,
E aquelle o busto do immortal Coutinho.

SONETO.

NO seio desta fria sepultura
Jaz Lelia, a linda Lelia sepultada,
Em terra convertida, em sombra, em nada
Graça, belleza, discriçaõ, ternura.

Pelo braço cruel da Morte dura
Ao mundo em fresca idade foi roubada,
E como era dos Ceos, aos Ceos levada
Foi entre Cherubins su' alma pura:

Ah! se os meus eccos podem commover-te,
Espirito feliz, no Olympo Santo,
Onde entre os Anjos Adonai quer ter-te;

Pôe termo ao pezar meu; porqu' entretanto,
Que a Deos naõ rogas, que me suba a ver-te,
Neste Sepulchro choverá meu pranto.

Aos terremotos , e tempestades do mez de Janeiro de 1803.

SONETO.

FRemem , supremo Deos , ventos irados ,
O Ceo diluvios d'agua desencerra ,
Abála fogo sotterraneo a terra ,
Rugem os crespos mares indignados :

Flagellos taõ crueis , taõ duplicados
Do mundo , que remiste hoje desterra ,
Qu' impios remorsos que nos fazem guerra ,
Sabem punir assás nossos peccados:

O fragil coraçaõ d'horror partido
Agora , immenso Nume , agora temos ,
Que tens o braço justiceiro erguido.

Porque , tristes de nós , só conhecemos
Que somos réos , que temos dilenquido ,
Quando eminentes os castigos vemos.

A' Virgem Maria da Conceiçaõ.

SONETO.

MAi dos tristes Mortaes , Virgem Celeste ,
Intacta , pura , Santa , Immaculada ,
Calça-te a Lua , e d'Orbes coroada .
Fulgor mais puro , que o do Sol te veste :

No collo a planta á serpe audaz pozeste ,
Que em vaõ se annella , se corcova anciada :
Abriste as portas de Siaõ sagrada ,
E ao mundo escravo redempçaõ trouxeste.

Depois que leis observa a natureza ,
Só tu nasceste , por divino arcano ,
De graças fonte , fonte de pureza ;

Que na mente do Eterno Soberano
Foste ab-inicio do contagio illesa ,
Qu' a prole infesta do primeiro humano.

Mote

Hum ferro agudo no meu peito crava.

SONETO.

MOrro, Ingrata, por ti, mais hum instante
Naõ posso disfarçar minha ternura,
Se por louco me tens, desta loucura
Culpa teus olhos, teu gentil semblante.

Quem póde ver-te sem se ver amante,
Prova ter coraçaõ de rocha dura;
Que mal se põe em Campo a formosura,
De humanos peitos sempre sai triunfante.

Que immensa dita se enxugar quizesses
O pranto ardente, que meu rosto lava,
E hum viso ao menos de amorosa désses:

Mas se taõ pura confissaõ te aggrava,
Antes qu' o triste desengano expresses
Hum ferro agudo no meu peito crava.

SO-

Ao mesmo Mote.

SONETO.

HErvaõ se igneos farpões, rufaõ tambores,
Soltas ondeaõ rubidas bandeiras,
E contra Lilia marchaõ prazenteiras
Impias falanges de crueis Amores.

Chovem de parte a parte os passadores:
Disputa-se o combate horas inteiras,
Até que rotas as crueis fileiras
Cedem o Campo ao som de mil clamores.

Eu qu' isto observo de ternura cheio,
Vendo o imperio d'Amor, que se acabava,
Seus infortunios, sem cessar pranteio:

Lilia, que ufana da victoria estava,
Porqu' eu chore o meu mal, naõ chore o alheio
Hum ferro agudo no meu peito crava.

SO-

Mote

A doce gloria de viver comtigo.

SONETO

NAõ sei, Marcia, naõ sei, que laço forte
Me traz ligado a ti, que hum só instante
Me naõ posso apartar do teu semblante,
Por mais, e mais tormentos que supporte:

O cego errado mundo, a iniqua sorte
Me vedaõ, que eu te logre em paz constante,
Quando o Amor que te abraza o peito amante
Faz, qu' eu só deixe de te amar por morte.

Lei do Destino, lei severa, e dura
Me condemna a soffrer o atroz castigo
De tanto ver turbar nossa ternura.

Ah! que infortunio o meu se naõ consigo,
Antes que entre na fria sepultura,
A doce gloria de viver comtigo.

SO-

Mote

Venceu-me de Natercia a formosura.

SONETO.

TU com setas nas mãos, gesto sombrio,
E da linda Natercia acompanhado!
Aposto, Amor, que intentas denodado
Ter com minha alma novo desafio.

Se animo tens, vem só, que naõ he brio
Trazer hum Nume defensor ao lado,
Verás o como de affoiteza armado
Dos laços teus, dos teus farpões me rio.

Mas d'almos olhos, que fulgor celeste
Me abraza o peito! eis morro de ternura:
Traidor, que estylo de pugnar he este?

Os braços te offereço á prisaõ dura,
Porém naõ julgues, naõ, que me venceste,
Venceu-me de Natercia a formosura.

SO-

Mote

Depois de morta a lamentavel Dido.

SONETO.

JUnto da voraz pyra, que ondeava
D'atro fumo toldando o Ceo formoso,
Escondendo hum punhal no peito ancioso,
Convulsa Eliza, á morte se entregava.

Inda ao longo das ondas procurava,
Com flebeis olhos, o fugaz Esposo,
E o spectro horrivel de Sicheu raivoso
De seus crimes aos Manes a increpava:

A bocca torce, torce os froxos braços,
E o ar fendendo com mortal gemido
Assim proclama, a voz truncando a espaços:

Em vaõ foges de mim, consorte infido,
Que em sombra errante seguirá teus passos
Depois de morta a lamentavel Dido.

Mote

O fogo abrazador dos meus ciumes.

SONETO

DEixou-me ; a fé rompeu qu' as almas liga ;
E inda o Ceo contra a vil raios naõ chove !
Ah ! quem te ha de temer supremo Jove,
Se o teu braço os Perversos naõ castiga !

Quantas Furias crueis o Averno abriga
Contra a Perjura despiedado move ;
Tormento igual, ao meu tormento prove,
Naõ mais impune em me offender prosiga.

Antes que eu ceda ao mal que me devora,
Faze qu' a Indigna encontre, ó Pai dos Numes,
Traiçaõ á sua igual nesse, qu' adora.

Vinga meu pranto assim, meus vãos queixumes:
Depois a cinzas me reduza embora
O fogo abrazador dos meus ciumes.

SO-

Ao mesmo Mote.

SONETO.

O Vento zune, mais se empolla o Tejo:
Infausta pesca! volto á praia algosa;
Porém naquella penha cavernosa
Alcippe junto ao meu rival naõ vejo?

Vogai meus braços; mas em vaõ forcejo
Contra a corrente d'agua impetuosa:
Ah! que o Traidor, na face côr de rosa,
Mizerrimo de mim! lhe imprime hum bejo.

Impios, eu vou, tremei do vosso estrago:
Mas naõ posso aportar: Aos meus queixumes
Surgi, Furias, surgi do Estygio lago;

Castigai quem me offende, e offende os Numes,
Que eu ás ondas me arrojo a ver se apago
O fogo abrazador dos meus ciumes.

SO-

Mote

Nunca mais te farei outra ameaça.

SONETO.

QUe julga sô Amor, naõ me desdigo,
Basta já de soffrer tanto calote,
Fazer que Lilia de taful me note!
E ande trombuda ha quasi hum mez comigo!

Basta basta de petas! ouve, amigo,
Vá ter brincos com outros do seu lote,
Se naõ quer levar muito piparote,
Que lho farei milhor do que lho digo.

Mas já soluça! já perdaõ implora!
Ah! naõ soluces qu' isto em mim foi graça;
Tome hum beijo: ora cale-se: inda chora?

Olha se a Lilia pedes, que me faça
A mesma festa, que te fiz agora,
Nunca mais te farei outra ameaça.

(1) *A D. AFFONSO HENRIQUES descercando seu Filho D. SANCHO, bloqueado pelo Miramolim dos Arabes, e treze Reis Mouros, em Santarem.*

E co' a famosa gente á Guerra usada,
Vai socorrer o filho, e assi ajuntados,
A Portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
Camões Lus. Cant. 3 *oit.* 81.

ODE PINDARICA

ESTROFE I.

QUando erijo duraveis monumentos
Nos hymnos meus pomposos,
A quantos, honraõ Lysia, Heroes famosos,
Algemo as vagas, quebro a furia aos ventos;
O fulvo Tejo assoma
D'assombro cheio na veloz corrente:
Dá-me o Pindo trofeos na verde cõma,
E dobra Febo, por me ouvir, a frente.

(1) Assumpto dado pela Academia das Bellas Letras de Lisboa.

ANTISTROFE I.

(1) Se á Patria Prometheu sobio radiosa
Do fulminante Nume,
E o facho trouxe do encantado Lume,
Que empresta vida á estatua auri-formosa;
Maior audacia eu tendo,
No Permesso roubei fogo divino,
E Argolicos pinceis habil movendo,
Vida concedo aos quadrados, que illumino.

EPODO I.

De perfidos naõ culpo
Os Evos devorantes:
Respeita o Lethes as acções brilhantes,
Que d'alta Gloria nos umbraes esculpo:
De AFFONSO a herocidade
Hoje em meu canto levo a eternidade.

ES-

(1) Audax Japeti genus
Ignem fraude mala gentibus intulit.
Horat. L. 1. Od. 3.

ESTROFE II.

Treme a Calumnia ao ver, que os Orbes trilha
O plaustro meu sonoro,
Que nas aureas Canções, que aos Ceos arvoro,
A luz Celeste da verdade brilha:
Cysne d'Aonia sendo,
A' bifrente lisonja naõ adulo;
Nem de falso louvor louros tecendo,
O lustre, a gloria dos Heroes maculo.

ANTISTROFE II.

Feros Cacizes (1) juntaõ por mil partes
As horridas gazuas, (2)
Do vaõ Miramolim soberbas Luas
Ondeaõ nos altivos estandartes:
Horrificas falanges
De Arabes feros, adargados Mouros
Levar pretendem nos crueis alfanges,
Invicto AFFONSO, teus ganhados louros.

EPO-

(1) Cacizes, os Sacerdotes dos Mouros, que com as suas prédicas, em a Naçaõ estando em perigo, ajuntavaõ o Povo, e o excitavaõ a tomar as armas:

Ve Jacint. Fr. L. II. num. 147. *e Mon. Lus. Tom. III. p.* 261.

(2) Gazuas, ou Gazias he o ajuntamento de Gente com

EPODO II.

Bramindo a infensa Guerra
Foge da Estygie escura:
Ao ver-lhe a torva, horrenda catadura,
Treme de espanto, de pavor a terra:
Do Monstro sanguinoso
Alvo tu foste, Scalabis (1) famoso.

ESTROFE III.

No Ilion novo, que á vasta Ausonia illustra,
De Rutulos cercado
O Teucro imberbe Julo d'ira armado,
Das bravas hostes os intentos frustra:
Porém armipotente
D'horror, e susto enchendo os Campos Lacios,
Marcha o Dardaneo Heroe na invicta frente
D'Arcades, Lydios, Populonios, Thracios.

AN-

---

que os Reis Mouros fazem a Guerra em defensa da Religiaõ, e do Estado.

Ve Barr. Dec. II. p. 183, *e Mon. Lus. Tom. II.*

(1) Scalabis, Scalabiscus, e Scabelicastro saõ nomes dados a Santarem por Plinio, Potolomeu, e outros.

ANTISTROFE III.

Qual frecha d'arco Indiano sacudida
Cahe sobre as longas cohortes,
E horrenda nuvem desatada em mortes,
Rouba a Lauso, a Mezencio, a Turno a vida:
Seu braço procelloso,
Que horriveis raios incessante expelle,
Faz que o Stygio Charonte duro, e annoso,
Affeito ao remo, de vogar anhelle.

EPODO III.

No fervido combate,
Cruel impio Mavorte,
Que usas saciar d'humano sangue a Morte:
D'horror no peito o coraçao te bate;
Mas scena igual divisas
Nos Lusos Campos, que medroso pizas.

ESTROFE IV.

Balistas, Catapultas se levantaõ
Nos terreos cavalleiros,
De hervadas setas horridos chuveiros
Do invicto SANCHO o esforço naõ quebrantaõ:
Na bellica estacada
Do barbaro os progressos agrilhôa:
Mas lampeja d' AFFONSO a ardente espada,
Eis a victoria sobre os Lusos vôa.

ANTISTROFE IV.

Christãos guerreiros, quaes Leões rompentes
Das brenhas de Numidia,
Dos barbaros prostrando a atroz perfidia,
Supplantaõ Sceptros, pizaõ Regias frentes.
A' torva horrenda Guerra
O grande AFFONSO a ter furor ensina;
Hum diluvio de sangue inunda a terra
Onde o seu braço troador fulmina.

EPODO IV.

Se pouco inda te exalto
Os dotes, e os louvores,
E o quadro teu de mais brilhantes côres;
Luso Romulo Invicto, naõ esmalto;
He porqu' o brilho ardente
De acções taõ raras me deslumbra a mente.

ESTROFE V.

Dos Almoádes o Rei cedendo a palma,
Deixa em tributo a vida;
Tejo, tu viste pela atroz ferida
Fugir-lhe envolta em fumo a feroz alma.
Nos Fastos Lusitanos
Com taõ solemne, taõ feliz victoria,
O Sabio AFFONSO, victima dos annos,
De seus triumphos quiz fixar a gloria.

ANTISTROFE V.

Nas paludes Meónides grasnando
De Adens caterva sôa,
Veloz Aguia nubicola revôa,
Investe, prostra, mata o longo bando.
Ao Persa furibundo,
Que em seus immensos esquadrões confia,
Vence o animoso Vencedor do mundo:
Sempre o numero cede á valentia.

EPODO V.

Mas se hoje, ó plectro ufano,
Perder o Norte havemos,
Breves louvores d'engolfar deixemos
De tanto Heroismo no profundo Occeano;
Basta, que Febo intonso
A empreza toma de cantar d' AFFONSO.

A Immaculada Conceiçaõ da Virgem Maria Senhora Nossa.

Te Genitor stabili firmam sibi lege sacravit,
Mansuramque tuo fixit sub pectore sedem.
Jacob. Sannazarius de part. Virgin. L. I. v. 116.

(1) ODE

SE entre os canoros Cysnes,
Qu' o patrio Rio affamaõ,
Almo influxo me dá nome distincto,
Celeste Urania, qu' entre os orbes vagas,
Qu' os sacros bosques de Siaõ penetras,
E ao Santo Vate Rei a voz douraste,
Hum filho egregio naõ desdenhes hoje.

Aos

(1) Esta Ode foi recitada na Academia de Bellas Letras de Lisboa na Sessaõ de 8 de Dezembro.

Aos astros me levanta:
Mas que diviso, ó Musa!
Sobre mim desces com sonoro adejo!
Minha alma verga com teu peso augusto!
Inundas-me em torrentes de mysterios!
O plectro empunho, teus preceitos sigo:
Quem, Libethride, mandas que celebre?

Qu' observo! hum quadro immenso
Na mente me debuxas!
Que mais que Febo viva luz dardeja!
Nas mãos aureas Virtudes o sustentaõ:
Curvado o mundo incensos lhe tributa,
E a torpe Culpa urrando em raiva accesa
Em vaõ pretende macular-lhe o lustre.

Da Gloria a Soberana,
Iris de paz, bem nosso,
Virgem tres vezes, Mãi dos peccadores
Eu vejo fulgurar por entre as luzes,
Qu' á roda em turbilhões mil Soes lhe aggregaõ
Talar, ceruleo, radioso manto
Lhe cai dos hombros em ligeiras ondas.

Mas do fulgor divino
A mente deslumbrada,
Em quadro inverso o turvo Abismo attenta,
(1) Flammas azuis no centro lhe estrepitaõ;
Mas fulgente claraõ dellas naõ surde,
Antes visivel mesta escuridade,
Qu' horriveis scenas de terror descobre.

O iniquo Rei das trevas
A horrenda fronte alsando,
Tantos no mundo por vassalos conta,
Quantos a nodoa primitiva mancha:
Parece qu' o Archetypo do Universo
Creando o globo para o dar aos homens,
Creára os homens para os dar á stygie.

De

(1) As one great furnace flam'd, yet from those flames
No light, but rather darkness visible
Serv'd only to discover sights of woe.
Milton Paradise Lost. Book 1.

De incognitos prodigios
N'um mar vagueio, o Musa!
Depois qu' a Imperatriz dos Ceos me antolhas,
Porque me pintas de Satan o imperio?
Se ordem segues nos factos que decantas,
Lucifer teve essencia antes da Virgem...
Mas ah! eu vos comprehendo, altos mysterios.

Primeiro que do nada
Tirasse os Ceos, e a terra
O immenso Nume que de si descende,
Já tinha ser Maria Santa, e pura,
Da mancha illesa do futuro crime:
Na Mente Sacratissima guardada
Para Sacrario excelso do Deos vivo.

Salve gentil Donzella,
Que de valor armada
Qual Betulia a invicta defensora
Trunca do impio Olofernes a cabeça
Do septifauce horrendo crime truncas
As sevas frontes, que se toucaõ de hydras,
E os froxos pulsos dos grilhões nos salvas.

Salve Mãi, Filha, e Esposa
Da Trina Divindade
Qu' a Lua calcas, toucas-te de Estrellas:
A ti louvores sem cessar descantaõ
Anjos, Virtudes, Potestades, Thronos:
De ouvir teu nome o Tartaro estremece,
E os rebeldes Espiritos ululaõ.

Salve do Mundo escravo
Feliz Corredemptora.
Salve de graças, de prodigios fonte.
Mas lampeja hum relampago, qu' assombro!
Radioso raio me fulmina a mente!
Musa acode ao teu vate, qu' emprehendia
Com vôo audaz transpor cohibidas metas.

No feliz Nascimento do Serenissimo Principe da Beira o Senhor Dom Antonio.

Credo equidem , nec vana fides , genus esse Deorum.

Æneid. L. IV. *v.* 12.

ODE

ONde os vôos dirijo ! onde me elevo ,
Nas azas do Alvoroço !
Que Sancto fogo he este ,
Que dentro d'alma scintillar presinto !
Ismenia Lyra empunho ,
Que o Povo do Helicone
Corre ancioso em tropel por escutar-me.

Se filho amado Pathareu me chama ,
Ao vulgo sobranceiro
De Lysia o novo Augusto
Transponho aos Evos no padraõ qu' erijo :
Embora arranque anciada
Da coma as crespas serpes
A torpe Inveja , qu' abocanha a gloria.

Põem

Põe termo ás tristes dolorosas preces,
Ditosa Lusitania;
Aos teus ardentes votos
Annuio de Israel o immenso Nume;
Hum Principe adoravel,
Dos Ceos dadiva egregia,
Vem de teus sustos dissipar as nuvens.

Negro marulho com sussurro horrendo
Na Estygie se levanta:
Abisma-se a Desgraça;
Sobre ella as aguas com fragor se applanaõ;
O Tartaro estremece,
E o som do baque horrivel
Nas lobregas abobedas rebomba.

A tristes magoas succedêraõ ditas;
Falsifera bramando
A torva Libitina
O Regio tronco Bragantino assalta (1);
Mas salva o Ceo piedoso
O Ramo aventurado,
Que pingues fructos nos produz, nos vinga.

(1) Allude-se á morte do Serenissimo Senhor D. José Principe da Beira.

Exultã, Portugal manda ás esferas,
Entre fragrantes nuvens
D'Arabicos incensos,
Prole da gratidaõ Canticos gratos;
(1) Em quanto a infausta Europa
Geme de horror cuberta,
Os premios colhes da lealdade tua.

Epoca fausta de Saturno, e Jano,
Os Lusos naõ te invejaõ:
Dias mais ledos brilhaõ:
Os Ceos orvalhaõ sobre nós favores.
A' dextra da Ventura
Revôa a Paz Celeste
No vasto seio de Ulysséa invicta.

Sem que surto na tripode Cuméa
Acceso em furia ulule,
O Deos luci-comante
A profetica voz me arranca d'alma;
Sedento de prodigios,
Lá corro o véo nubloso,
Que a scena encobre da vindoura idade.

Re-

(1) Allusaõ á Guerra da Europa.

Resenho junto aos penetraes do Fado
Longo esquadraõ d'Arcanos
Bramindo enviperada
Surgir do Averno a Dissençaõ naõ ousa.
Da misera Penuria
Nas macilentas faces
Germinaõ rosas d' Abundancia filhas.

Lá surge a humilde, abjecta Dependencia
Dos pés audaciosos
Da Prepotencia altiva.
Cahe do seu throno a tumida Soberba;
E cheia de improperios
Dos sumptuosos paços
Foge a cambiante, perfida Lisonja.

Vem de remoto clima aureo Commercio
Beijar a Lusa areia.
Artes, Sciencia, Industria
Brotaõ de novo prosperas vergonteas:
Arquejaõ fulminados
Os Crimes titubantes
Perante o Solio de Suprema Astreia.

Do Tejo fogem mil baixeis nadantes,
Galerno lhes sussurra
Nas velas enfunadas,
Lançaõ algemas do Occeano aos pulsos,
E sem qu' os rijos bronzes
Vomitem damnos, mortes
A' Patria voltaõ de trofeos cubertos:

Dobrai Celsos, Trajanos, Titos, Numas
As frentes venerandas,
Qu' hum Principe recente
Ao Templo chega da immortal Memoria:
Será seu grande nome
Gravado sobre os vossos
Por mãos da Fama nos annaes do Tempo.

O mundo tremerá, se contra o mundo
Brandir a ardente espada,
Virá preso o Triumpho
No tope de seus fidos Estandartes;
De louros permanentes
Fará qu' a fronte cinjaõ
Tejo, Prata (1), Amasonas (2), Indo (3), Ganges (4).

Quando em repouso legislar seus Povos
Solons, Minos, Lycurgos,
Os tremulos joelhos
Aos seus dictames dobraráõ submissos,
Teraõ Laurea as Virtudes...
Musa onde vôas? Pára
Altos mysterios divulgar naõ ouses.

Ao

(1) O Rio Prata, a que os Indios chamaõ Paranaguazu, o qual atravessa o Paraguai, e desemboca no Mar do Brazil.

(2) O Rio das Amazonas, que nasce entre as montanhas do Perú, donde corre até ao Mar do Norte, vulgarmente Graõ Pará.

(3) *Indo* Rio da Asia, que tem origem no monte Paropamiso.

(4) *Ganges* Rio da India, que tem o seu nascimento no monte Dalanguer nos confins da Tartaria, atravessa o Imperio do Mogòl, e mete-se por muitas bocas no golfaõ de Bengala.

Ao grande Affonso de Albuquerque.

Se quereis ver o Capitaõ mais claro,
Que a fama conhecen, que vio a terra,
Vede Albuquerque insigne, archivo raro,
Que a disciplina Militar encerra.
Maced. Ulisip. Cantat. XII. oit. 96.

O D E.

SObre as sonóras rutilantes azas
Meus aureos Hymnos, que do Lethes zombaõ;
Hoje, Albuquerque, subiráõ ás nuvens
Teu grande illustre nome.

Das humanas acções arbitro o mundo
D'inerte, e froxo, austero me acusára
Se hum eterno padraõ a gloria tua
Meu canto naõ erguêra;

Mas donde teu louvor começar devo?
Se huns aos outros progressos se anticipaõ,
Instaõ-me todos, que primeiro os cante,
E a primazia alterçaõ.

Prol-

Prolle de Febo sou, e as brandas Musas
Regraõ zelosas meus accentos graves,
Talvez pensasse leviano vulgo,
Que eu decidir-me ousava.

Francas as portas do supremo alcaçar,
Onde a Fama eterniza altas emprezas,
A longa serie de heroismos vejo
Do Luso novo Marte.

Da fóz do Tejo lá demanda os mares,
Lá treme o Oriente, lá se espanta o mundo:
Inclyto esforço de pavez lhe serve
Contra a desgraça infanda.

Por entre nuvens de enrolado fumo,
Crepitaõ roxas ponte-agudas chamas
E'arma, Orfaçaõ, Pangim, Calicut vejo
A cinzas transtornadas.

Pergamo (1) assim, assim Carthago (2), e Tyro (3)
Victimas foraõ do voraz Vulcano (4),
Quando as vaidosas torreadas frontes
Erguiaõ ás esferas.

Tu do vasto Indostan (5) soberbo Emporio,
Rebelde Goa de Bastiões orlada,
Provaste vezes duas d'Albuquerque
Os bellicos furores.

Do fundo seio dos troantes bronzes
Surge a Morte bramindo envolta em fumo,
Dardeja ás cegas coriscantes globos,
Pelouros incendidos.

De

(1) *Pergamo.* Troia abrazada pelos Gregos.

(2) *Carthago.* Foi a principal Cidade da Africa sobre as costas da Barbaria destruida, e abrazada por Scipiaõ Africano.

(3) Tyro, que hoje se chama Sur, era antiga Cidade da Fenicia destruida, e abrazada por Alexandre Magno.

(4) *Vulcano.* Deos do fogo, toma-se pelo mesmo fogo, e pela figura Metonymia.

(5) *Indostan.* Paiz dos Indios no Imperio de Mogòl.

De victoria em victoria Affonso vôa;
Eu vejo Trisvari (1) ao jugo atada,
E eis d'Aurea Chersoneso (2) a terra beijaõ
Os horridos Cubellos.

Ao som terrivel das guerreiras caixas,
Da Lusa tropa na brilhante frente
Marcha a Victoria de trofeos cuberta,
Do grande Affonso ao lado.

Arabes, Persas, Curaçones, Rumes,
Mais ao seu nome, qu' ao seu braço fogem;
Naires (3) facciosos, Bramanes (4) soberbos
O chaõ co' a plebe alastraõ.

(1) *Trisvari.* Ilha, onde está situada Gôa.

(2) *Chersoneso.* Peninsula Indiana além do Ganges, hoje Maláca.

(3) *Naires.* Apotentados do Malabar taõ Soberbos, que naõ tocaõ as cousas, que a Plebe toca.

Vid. Barros. D. 1. *L.* 9, *c* 13.

(4) *Bramanes.* Sacerdotes dos Indios.

A mente se me turba, cia, soccorro,
Cytherides (1) gentis, qu' o brilho ardente
De taõ raras proezas me deslumbra
Os olhos abismados.

Onor, Baticalá, Dabul, Cambaia
Mostraõ no rosto debuxado o susto:
Mascate, Homiliaõ, Lamo, Queixome
Rojaõ grilhões pezados.

Que horrivel scena junto a Ormus contemplo?
Do azul Nereo se cobre a crespa face
De Zambucos (2), Lancháras, Calaluzes,
De fogo, e ferro armados.

Eis Albuquerque as bravas ondas sulca,
Arma-se, corre, chega, oppugna, vence:
No esquipado Paráo (3) se furta á morte
O Coge-Atar doloso.

In-

(1) *Cytherides*. Nome que se dava ás Musas do monte Cytheron da Beocia.

(2) *Zambucos*, *Lancharas*, *Calaluzes* embarcações dos Mouros.

(3) *Paráo*. Especie de Barco dos Mouros.

Invicto Heroe, teu animo naõ turbaõ
Crueis revezes da voluvel Sorte:
Tinge teu sangue com valor golfado
O lar do atroz Ceráme (1).

Reis de Pegu, Siam, Pacem, Maldiva
Supplices olhas a teus pés captivos.
Mais teus progressos, qu'os teus dias foraõ,
Devias ser eterno.

Na

(1) *Cerame.* Sobrado sustido em quatro pés de Arvores cuberto com folhas de Ola.

Ao Serenissimo Senhor D. JOAÕ *Principe Regente de Portugal.*

Na publicaçaõ da Paz de Portugal com Castella, e França, e preliminares da Paz Geral:

Un plein repos favorise nos vœux
Chantons, chantons la paix, qui nous rend tous Heureux.

Racine Idyl. sur la Paix.

O D E

DEixa a Guerra feroz farta de sangue
Os campos de cadaveres cubertos;
Victimas da loucura, e da vaidade:
Cruentos Homicidios
Roubos, Traiçoes, Siladas
Voltaõ com ella ao Tartaro horroroso.

Já naõ se ouvem troar formando cũrvas
Igneos pelouros, emulos do raio;
Nem com marcio clangor bellica tuba
Chamando *á morte, á morte*
Assusta, esfria, assombra,
O terno amor, a candida amizade.

Em nuvem rosea, ó Paz, desces do Olympo
Mansa Oliveira te circunda a fronte,
A terra aljofras do sentido pranto
Assim qu' os olhos fitas
Na triste infausta Europa,
Theatro iniquo de horrorosas scenas.

Depõe com teu influxo o ardor mavorcio
Gallia a rival do mundo, a invicta Gallia;
(1) Do seio esquiva de Germania os sustos;
(2) D'Ausonia os grilhões quebra,
(3) E ao septi-fauce Nilo
Deixa errar sem temor no patrio berço,

Da-

(1) *Do seio* etc. entende-se o susto em que a França poz toda a Alemanha.

(2) *D'Ausonia* etc. a liberdade restituida á Italia.

(3) *E ao septi-fauce Nilo.* Virg. Æneid. Lib. 6. v. 800.
Et septem gemini turbant trepida astia Nili.
Deixa errar etc. a Evaçuaçaõ do Egypto pelos Francezes.

Dá-te cultos o undivago Britano,
(1) Depois qu' o bravo Adamastor algema,
(2) E da pingue Ceilaõ franqueia as margens,
E em mil baixeis guerreiros
Trofeos amontoando
Do mar disputa o Senhorio a Thetis.

Faz-te Lysia oblações largando as armas,
(3) Que além do Idaspe lhe colhêraõ louros
O vasto globo do seu nome enchendo,
E á sombra do teu Solio
Depondo o orgulho, a sanha,
(4) O Iberio audaz Leaõ dorme tranquillo.

O!

---

(1) *Depois que o bravo Adamastor etc.* entende-se o cabo da Boa Esperança.

Ve Cam. Lus. Cant. V. oit. 39.

(2) *E da pingue* etc. Os Inglezes tomáraõ aos Hollandezes Ceilaõ, e nos preliminares da paz lhe deixaõ o Commercio franco.

(3) *Que além* etc. Allude-se ás grandes conquistas que os Portuguezes fizeraõ na Asia.

(4) *O Iberio* etc. entende-se a Hespanha.

O ! Tempos de terror do Lethes dignos !
Quanto fora melhor qu' a maõ de Jove
No turvo cáhos vos deixasse occultos ;
De maldiçôes credores ,
Mais luz em vós naõ tinheis
Que a luz das flammas em qu' ardia Alécto.

Qual junto a Dirce as horridas falanges
(1) Do lasso Filho de Agenor colheita ,
Qu' os impios dentes do Dragaõ brotáraõ ,
Qu' em mutua horrenda lide
Naõ cessaõ de matar-se
Em quanto aos golpes lhes sobejaõ vidas !

(1) *Do lasso filho* etc. Cadmo filho de Agenor, que matando-lhe hum Dragaõ os companheiros junto da fonte Dirce, onde estes hiaõ buscar agua quando se fundava Thebas : Cadmo com o soccorro de Minerva matou o Dragaõ, e semeando-lhe pelo campo os dentes nascêraõ Esquadrões armados, a quem Cadmo temeo, e por sua industria fez que se matassem mutuamente.

Os homens rebelados contra os homens,
Da vida á custa disputavaõ torvos
Da terra mãi commum porçôes escassas.
Temia a Natureza
No dessolado globo
Ver extinta de todo a prole humana.

O vesgo infame Crime do Orco oriundo,
Co' ás vestes da Virtude mascarado
Em solio horrivel acceitava incensos,
Em torno ás diras aras
A Fraude, o Incendio, a Morte
De louro as frentes infernaes cingiaõ.

A fulgida Razaõ, astro dos Numes,
Tinha apagado seu farol radioso,
Deixando o mundo submergido em trévas:
Os Brutos, e os Humanos
Erravaõ confundidos
De igual instincto, igual fereza armados.

Ah

Ah ! quem aos Deoses abrandou com rogos?
Quem póde as iras applacar celestes?
Quem fez baixar da etherea azul morada
Serena alma Concordia;
Foraõ as preces tuas,
Principe egregio, que puderaõ tanto.

Que brilhante prodigio os Ceos franqueaõ
A' vista dos attonitos viventes!
Que a face do Orbe se mudou parece:
Claraõ de brilho estranho
De subito dissolve
A tenebrosa cerraçaõ do globo.

Co' a leda Esposa de Vertumno ao lado
Ceres ao mundo, que deixára volve,
Pingues messes avultaõ sobre os Campos,
Solicito o Colono
Já sem temor d' estragos
O fructo em paz de seus disvelos colhe.

Na firme terra, nos voluveis mares
Livre o Commercio as livres azas solta;
(1) Foge a Penuria mãi de horrendos crimes:
Porpaga-se a Abundancia
Renovos mil brotando
Ao bem propicios dos Humanos todos.

O' Luso Esteio, ó Principe adoravel!
Se a Patria escudas, pacificas o Orbe
Se as ditas nossas dadivas saõ tuas.
Sobre as fulgentes azas
De insolitos louvores
Teu nome hombreará co' a eternidade.

---

(1) Magnum pauperies opprobrium, jubet
Quidvis et facere et pati,
Virtutisque viam deserit arduæ.

Horat. L. 3. Od. 24.

A hum Rico vaidoso.

. . . . . AEqua lege necessitas
Sortitur insignes, et imos;
Omne capax movet urna nomen.
Horat. L. 3. Ode I.

ODE SAPHICA.

O acceso Raio, que furioso ardià
Na rubra dextra do tonante Jove,
A' torre altiva, qu' assombrava os Polos
Subito abate.

Se opprime os hombros do nubloso Atlante
Antiga Faia, que dos evos zomba,
Hum dia aos sopros desabridos cede
D'Aquilo, e Noto.

Na rodâ instavel da voluvel Deosa
Marcada a sorte do Universo gira:
A nada firme persistencia outorgaõ
Lubricos tempos.

Vaidoso Auliso, confiar naõ deves
Nas longas sallas, qu' ataviaõ sedas;
N'aurea berlinda que Frisões soberbos
Rapidos tiraõ.

Pode a Fortuna d'um revez sómente
Vastos Colossos derrubar por terra;
Póde querendo submergir o orgulho
No horrido abysmo.

Se á lauta meza de iguarias cheia,
Onde os naõ fartos Parasitos moraõ,
Hoje recebes de venais lisonjas
Publico incenso!

Mudada a scenâ servirás de riso
Aos que te cercaõ Lisonjeiros falsos,
Qu' a teus deboches da torpeza filhos
Meritos chamaõ.

No mãr fluctuas das paixões, levando.
Vicios por norte, por baixel riqueza:
Com fresco vento denodado arrostas
Naufragas Syrtes.

O metal fulvo dos avitos cofres
Ganhado a troco de fadigas arduas,
Naõ goza eterna duraçaõ, e extincto,
Tornas-te em nada.

DI-

DITHYRAMBO.

Nas faustas melhoras do Serenissimo Principe o Senhor D. JOAÕ.

Cressa ne careat pulcra dies nota:
Neu promptæ modus amphoræ
Neu morem in Salium sit requies pedum.
Horat. L. I. Ode 36.

AO fulvo solar coche luminoso,
Qu' os fervidos Ethontes (1)
Com impeto fogoso
Arrastraõ nos purpureos horisontes
Eu subo, eu subo, qu' o prazer me instiga,
E á Delfica Deidade (2),
Qu' os Ceos affermozêa

Rou-

(1) *Ethontes*, os quatro cavallos do coche do Sol Pyrois, Eôo, Phlegon, e Ethonte, deste ultimo lhes veio o nome de Ethontes.

(2) *Delfica Deidade.* Entende-se Febo, pelo templo que teve em Delfos Cidade da Beocia junto do Parnaso.

Roubando senhorio, e Divindade,
Parar farei a rapida quadriga
No Zenith (1) de Ulysséa (2),
E o dia triplicando
Do Cáhos surdo á filha (3) umbrosa, e feia
Farei do vasto Firmamento Ethereo,
Qu' as furvas longas azas encurvando
Frema açaimada no covil Cimerio (4):
Qaero que Lizia (5) veja,

Que

(1) *Zenith.* Hum dos polos do Horisonte opposto ao Nadir.

(2) *Ulysséa.* A opulentissima, e antiquissima Cidade de Lisboa edificada por Ulisses.

Cam. Lus. C. VIII. oit. 5.

Que se lá na Asia, Troia insigne abraza
Cá na Europa Lisboa ingente funda.

(3) *Do Cáhos surdo á Filha.* Entende-se a Noite Filha do Cáhos.

(4) *Covil Cimerio.* A Scythia, ou Tartaria Paiz sempre coberto de Nevoeiros, e povoado de bosques densissimos, onde o Sol naõ entra, e por isso chamado abrigo, ou morada da Noite.

Ve Strab. L. I. e III. e Erasmo adag. Cæcutient.

(5.) *Lysia.* Luzitania, ou Portugal nome derivado, ou de Elysios por se julgar que foraõ aqui os Campos Elysios, ou de Lysa Filho, ou companheiro de Bacco, assim como Lusitania he derivada de Luso.

Cam. Luz. Cant. III. oit. 21.

Que hum Triduo (1) tanta dita,
Illuminado o Ceo, tambem festeja,
Eu posso, ó Lusos (2), se a razaõ me excita
Naõ só reger os fulgidos Ethontes
Deter os orbes, transplantar os montes
Como tambem do Solio fulgurante
Desthronar a Dicteu (3) Celi-tonante: (4)

Qu'

Esta foi Luzitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Bacco antigo
Filhos foraõ parece, ou companheiros,
E nella entaõ os incollas primeiros.

(1) *Triduo.* O espaço de tres dias, palavra adoptada do Latim.

(2) *Lusos.* Os Lusitanos, ou Portuguezes nome derivado de Luso primeiro fundador da Lusitania.

(3) *Dicteu.* Jupiter, assim chamado por ter nascido, e ser criado no monte Dicteu de Creta.

Donec erat parvus; donec puerilia sensit
Jupiter incoluit Dictæi montis in antro.
Apolonio Rhodio L. I. *Argon.*
Ante etiam Sceptrum Dictæi Regis...
Virg. *Georg.* L. II. V. 536.

(4) *Celi-tonante.* Palavra composta de duas Latinas *Cælum e tonans*: Estas palavras compostas, que Horacio abona Art. Poetica v. 46. saõ muito usadas nos Dithyrambos. Francisco Redi no seu *Bacco in Toscana* traz entre muitas, estas:

Qu' o Nume de Niza (1)
Qu' aos tristes alenta,
E d'alma afugenta
O frio temor.
Que a brindes Evantes (2)
Requesta as vontades,
A's mesmas Deidades
Me faz sup'rior.

Eia

E altri, cigni ebri-festosi.
Questa che Pan somiglia
Capri-barbi-corni-pede famiglia.

E Marcello Malaspina no seu Bacco in America

L'ori-crinite stelle de Saturno

Igualmente Benedetto Menzini in *Art. Poet. L. III.*

A té quest' Inno, ó buon Lenêo, s'innalza
Ebri-festoso-altier, fiammi-spirante.

(1) *Nume de Niza.* Bacco, criado em Niza Cidade da Arabia feliz perto do Egypto, edificador da Cidade de Niza na India, e venerado em Niza lugar do monte Helicon donde se chamou Nizeu, ou Nizeno.

Ve Luciano Dialog. dos Deoses.

Regeo hum Capitaõ de fronte liza,
Que com frondentes Thyrsos peleijava;
Por elle edificada estava Niza.

Cam. Lus. Cant. VII. oit. 52.

(2) *Evantes.* Alegres: palavra derivada de Evan, ou Evio nome de Bacco.

(1) Eia, Humanos, brindemos, brindemos.
(2) A causa suprema da nossa alegria.
De Falerno (3) huma dorna aqui temos,
Qu'

---

(1) *Eia Humanos* etc. Estes versos decasyllabos tem os accentos na terceira, sesta, e nona syllaba, como se vê nestes do Bacco in Boemia de Bartoloni.

Quel clareto ch' il Rodano manda
Fia dell' uve il più grato tesoro,
E ben lodo ch'ei sia la bevanda
Reserbata al tuo calice d'oro.

Chamaõ-se entre nós de Gregorio de Mattos, por ser este o primeiro que os compoz em Portuguez.

(2) *A causa suprema* etc. Estes versos chamaõ-se de Arte maior, constaõ de dois senarios, tem a quinta, e undecima syllabas longas, como se observa neste de Camões.

Naõ ha formosura que naõ percedais

Juan de Mena compoz hum Livro intitulado *Las trezientas* nesta qualidade versos, por exemplo:

Tus casos fallaces, fortuna, cantamos;
Estados de gentes, que giras, e trocas;
Tus muchas mudanças, tus firmezas pocas
Y los qu' en tu rueda quexosos hallamos.

(3) *Falerno* Chama-se ao vinho, que se cria nas faldas do monte Gauro vizinho a Massici, e Sorrentini.

Ve Plin. L. XIV. Cap. 6.

Estaõ naõ só do Italico Falerno
Cam. Lus. Cant. X oit. 4.

Qu' ao Nectar (1) excede, qu' excede a Ambrosia (2):
Eu seja o primeiro,
Qu' audaz, prazenteiro
Lhe sinta a Virtude:
Em honra do Nome
Do ledo Nizeu (3)
Empino hum almude.
Evohé (4).... Bassareu (5)

Eis

Toma-se por toda a qualidade de vinho generoso.

.... *nec cellis idéo contende Falernis.*
Virg. *Georg.* L. II. v. 96.

(1) *Nectar.* Bebida dos Deoses. Ovidio fallando de Ganimedes na Epistola Par. Elen.

.... *qui nunc*
Cum Diis potando nectare miscet aquas.

E Nectar sobre todos espargio.
Cam. *Lus.* Cant. I. oit. 41.

(2) *Ambrosia.* Manjar dos Deoses.

.... *et liquidum Ambrosiæ diffudit odorem.*
Virg. *Georg.* L. IV. v. 415.

(3) *Nizeu.* Nome de Bacco por ter nascido em Niza, como fica dito.

(4) *Evoé.* Interjeiçaõ de alegria, especie de exclamaçaõ que se dava a Bacco nas Orgias.

Evoe! recenti mens trepidat metu.
Plenoque Bacchi pectore turbidum
Lætatur, Evoe! parce Liber,
Parce, gravi metuende thyrso.
Horat. L. II. Ode 19.

E Virg. Æneid. L. VII. v. 389.

Evoe! Bacche; fremens solum te virgine dignum
Vociferans....

(5) *Bassareu.* Nome que se deu a Bacco de Bassara, lugar

Eis vaõ (1) benefico, lucido Principe,
Eis vaõ (2) á tua ditosa saude

Tres

---

da Lydia onde foi adorado.

.... *Non ego te, candide Bassareum,*
Invitum quatiam.

Horat. L. I. Ode 18.

(1) *Eis vaõ benefico* etc. Estes versos chamaõ-se coriambicos tem os accentos na quarta, e setima, e decima syllabas, acabando em exdruxulo, como se vê nestes de Francisco Redi no Dityrambo incompleto de Arianna enferma:

Quindi dall' ugola giù per l'esofago
Frucheta sdrucciola, fin nel Stomaco.

E o mesmo no *Bacco in Toscana.*

O' come l'ugola e bacami, e mordemi:

Seneca na Tragedia *Agamemn.* Chor. Act. 4. v. 805.

Argos nobilibus nobile civibus.

(2) *Eis vaõ á tua* etc. estes versos endecassyllabos tem os accentos na quarta, setima, e decima syllabas saõ muito proprios para os Dithyrambos, e o já citado Francisco Redi no seu *Bacco in Toscana* traz entre muitos estes:

Ma si la terra comincia a tremare,
E traballando minaccia disastri,
Lascio la terra, mi salvo nel mare.

O dito no Dithyrambo incompleto de Arianna inferma igualmente usa delles:

Empila: colmala d'Aqua cedrata

Tres taças (1), seis taças, dez taças,
Que prazer! Lá foi a primeira!
Já posso cantar tuas graças,
Já posso com voz lisongeira
Briseu, (2) cornifronte

Bri-

Ma non di quella ch' il volgo si cionca.

O nosso Antonio Ferreira quinhentista na sua Tragedia *Castro* em o Coro do acto segundo igualmente os usa.

Que assim te deixa correndo, e voando.
Tristes riquezas ninguem as deseje,
Cegas grandezas ninguem as procure etc.

(1) *Tres taças* etc. Chamaõ-se estes versos enneasyllabos, a collocaçaõ das syllabas longas, e breves he arbitraria. Ronsard os fez com a terceira, sesta, e oitava syllabas longas, e com a segunda, quarta, sesta, e oitava:

Il me plait de noyer ma peine
Au fond de cette tace pleine

Le Chevalier Parny lhes colloca as syllabas longas deste modo.

Tendres Amans, si d'aventure
Vous trouvez un Bouton naissant,
Cueillis, le Bouton en s'ouvrant
Vous guêrira de la piqûre.

E Redi no Dithyrambo incompleto de Arianna enferma.

Corri, Niza, prendi una conca etc.

(2) *Briseu cornifronte.* Da Cidade de Brisa na Laconia, onde Bacco foi adorado, lhe veio o nome de Briseu: Pintavaõ-

No bifido (1) monte
As Pimpleides (2) argutas, formosas
Deixar encantadas,
E fazer que das mãos engraçadas
As numerosas,
Lyras douradas
Lhes caiaõ de assombro por terra quebradas.
Ouvio da ingenua Lysia
O Ceo benevolo as férvidas supplicas,
Eis

---

no cornigero para significar o furor dos seus adoradores; assim o representa Horacio L. II. Ode 19 a Bacco

Te vidit insons Cerberus aureo
Cornu decorum....

E Sannaz. Eleg. V. ad Bacch.

Bache bimater, ades: sic sint tibi nexa corymbis
Cornua etc.

(1) *No bifido monte.* Entende-se o Parnaso monte da Focida partido em dois cumes, hum sagrado a Febo, outro a Bacco.

Mons Phœbo, Bromioque sacer.

Lucano Phars.

(2) *As Pimpleides.* As Musas assim chamadas do monte Pimpleo perto do Parnaso, onde eraõ veneradas.

Necte meo Lamia coronam
Pimplea dulcis,

Horat. L. I. Ode 26.

Eis qu' (1) em soccorro do Luso Principe,
Qu' em vaõ lutava c' o Mal tyrannico
A' terra envia Saude angelica.
Ao vella a torpe Doença rabida
De horror solta famelica
Ceruleas flammas da boca tabida;
Posta na frente bellica
D'um maligno esquadraõ de atrozes dores,
Febres agudas, ancias, e temores.
Investe a Deosa impavida,
Que neste ensejo de triumfos ávida
Lhe frustra as iras, lhe agrilhôa os pulsos,
Faz na caterva sanguinoso estrago.
Foge a vencida Fera ao Stygio (2) lago,
Ber-

(1) *Eis que em Socorro* etc. Estes versos chamaõ-se Alcaicos, o nosso Pedro Antonio Correia Garçaõ compoz muitos destes versos, que tem os accentos na quarta, e nona Syllabas tendo a partiçaõ na quinta, e acabando em exdruxulo. v. g.

Quando o terrivel Deos dos Exercitos
Nas leves azas de Aquilões turbidos.

Obras de Garçaõ Cde Alcaica X.

(2) *Stygio Lago.* A lagoa Estygia. Rio infernal pelo qual os Deoses juravaõ. Quando a Sibylla Cumèa entrou com Eneas no Averno assim lhe dizia

Cocyti stagna alta vides, Stygiamque paludem
Dii cujus jurare timent.

Virg. Æneid. L. VI. v. 323.

Ferrando as prezas nos tendões convulsos,
E na furna da Morte despiedada
Os olhos envesgando,
E as verdes crinaes serpes arrancando
Se esconde enviperada.
Canta a Deosa Celeste os Epinicios (1);
E os Lusos exultando
Aos Ceos offertaõ gratos sacrificios,
D' Evio (2) murmura
Nos enramados
Copos dourados
Roxo liquor.
Taças se empinaõ,
Libaõ-se almudes,
D' altas saudes
Sôa o fragor.
Venha venha hum tonel portentoso

Por quem no Stygio Lago jura a Fama.
Cam. Lus. Cant. VIII. oit. 11.

(1) *Epinicios.* Versos, ou Hymnos, que se cantaõ em occasiaõ de victoria.

(2) *Evio.* Nome de Bacco Horacio L. II. Ode 11.
.... *Dissipat Evius*
Curas edaces.

D'almo (1) elexir Maçaõ trimato (2) borbulhante,
Que para nossa gloria Epafio (3) ebri-saltante
Em valle pampinoso,
Virente, racemoso,
(4) Thyrsigero, biboso,
Produz Sazona ovante,
Que eu quero temulento

(1)

---

(1) *D'almo Elexir* etc. Estes versos chamaõ-se Alexandrinos, ou heroicos Francezes tem a quarta, sesta, e duodecima syllabas longas. v. g.

Jeune et vaillant Heros, donc la haute sagesse
N'est point le fruit tardif d'une lente vieillesse.
Boileau Desp. Discours I. au Roi.

(2) *Trimato.* De tres annos, palavra adoptada do Latim.

(3) *Epafo.* Nome de Bacco, derivado ou de Pafos Cidade de Chypre onde foi adorado, ou de ter amado Venus a quem chamavaõ Pafia.

Se Epafio fremente de pontas taurinas
Antonio Diniz Dithyr. ao Marquez de Pomb.

(4) *Thyrsigero.* Que traz Thyrso, era esta insignia de Bacco huma haste de pinho com huma farpa na ponta, e toda enramada de pampanos, folhas, e hera.

.... *Et enim molles tibi sumere thyrsos.*
Virg. Æneid. L. VII. v. 390.

E Ovidio L. IV. Meth.

... *Manibûs frondentes sumere thyrsos*
Jusserat.
E Cam. Cant. VII. oit. 52.

(1) Thericles perpotente
Deixar no esquecimento.
Dá-me desse Tokai (2) mais corado,
(3) Qu'a corada papoula que Ceres (4) semeia;
Entre as pallidas messes, que Zefyro (5) ondeia.
Dá-me desse liquor affamado

Que com frondosos Thyrsos peleijava.

(1) *Thericles.* Foi hum homem taõ amigo de vinho, que inventava diversas formas de vasos para o beber, donde veio o proverbio de chamarem aos bebados *Thericlei amici.*

(2) *Tokai.* Vinho de Tokai, Paiz de Ungria.

(3) *Qu'a corada* etc. Estes versos de 13 syllabas saõ compostos de hum verso de 7, e outro de 6, ou de hum de 10, e de hum de trez Syllabas tem os accentos na terceira sesta nona, e duodecima, e saõ rigorosamente Francezes, ou Alexandrinos. Despreaux Disc. I. au Roi

Et qui seul sans Ministre â l'exemple des Dieux,
Soutiens tout par toi-même, et vois tout par tes yeux.

(4) *Ceres* Deusa das Searas, que com Bacco fazia a fecundidade do anno.

..... *Vós, ó clarissima mundi*
Lumina labentem coelo, quae ducitis annum;
Liber, et alma Ceres....

Virg. Georg. L. I. v. 5.

(5) *Zefyro.* Vento occidental o mais agradavel, e apto para a fecundidade das plansas.

De Champanha (1) de Chypre (2) de Chio (3)
Genial, saboroso, sadio,
Qu' intento prostrado
Cantando este dia,
Da nossa alegria
A causa brindar.
Viva o Magnanimo, o Lucido Principe
O Sabio, Prudente JOAÕ Virtuoso,
Viva o Regio Esposo
De CARLOTA Bella,
Radiosa Estrella

Que

.... *Te dulcis amice reviset*
Cum Zefyris etc.

Horat. L. I. Epist. 7.

Frigora mitescunt Zefyris.

Horat. L. IV. Ode 7.

(1) *Champanha.* Provincia da França que produz excellente vinho.

(2) *Chypre.* Ilha no Medetirraneo extensissima noutro tempo consagrada a Venus, hoje sujeita ao Turco, onde nascia primoroso vinho.

(3) *Chio.* Ilha no mar Egeo no Archipelago, onde se criava optimo vinho muito prezado pelos antigos.

Horat. L. V. Ode 9.

Capaciores affer huc, puer, scyphos
Et Chia vina....

Que benigna augura
A gloria d' Iberia (1) de Lysia a ventura,
Porém que sinto em mim!
Qu' alegre fernezim
Assalta o peito meu!
Es tu, es tu Leneu (2)!
Es tu Bromio (3)? Evohe!
He elle, amigos, he,
Que de novo a saudar me convida
O benefico Heroe florecente,
Que da vani-loquente
Soberba entumecida
As pullulantes cabeças golpeia,

Qu'

(1) *Iberia* etc. A Hespanha nome, que os Antigos lhe deraõ, ou derivado d'ElRei Ibero, ou do Rio Eberus, ou Ebro.

(2) *Leneu.* Nome de Bacco.
Huc pater, ó Lenaee: tuis hic omnia plena
Muneribus....
Virg. Georg. L. II. v. 4.
E Horacio L. III. Ode 25.
.... *dulce periculum est,*
O Lenaee, sequi Deum.

(3) *Bromio.* Nome de Bacco. Ovidio Methamorf. IV.
Thuraque dant, Bacchumque vocant, Bromiumque....

Qu' á bifrente Lisonja sobpeia ;
A' Lisonja tyrannica Esfinge , (1)
A' lisonja qu' em torno semeia
Dos fastosos Palacios , que cinge,
A Cizania , a Calumnia dolosa ,
A Fraude capciosa.
Mas chiton ! escutemos. . . Evohé
O ecco estrepitoso
D' altisona Thymele , (2)
A cujas vozes turbidas festivas
Assomma ebri-formoso
O filho de Semele (3)
Entre confusos vivas.
Mil Corymbiferas , pallidas Menades (4)

Gri-

---

(1) *Esfinge.* Monstro filho de Tyfon com rosto de Donzella , e corpo de Dragaõ. O Poeta Ausonio a descreve desta forma :

Sphinx volucris pennis , pedibus fera , fronte Puella.

(2) *Thymele.* O concerto de vozes , e instrumentos , que se fazia em honra de Bacco , nome proveniente de huma bella dançadeira , e musica acceita ao Imperador Domiciane.

Vê Marcial Epig. L. I.

(3) *Semele.* Mãi de Bacco. Concebeo de Jupiter , e morreu abrazada por ciumes , e astucia de Juno.

Vê Orph. Hym. de Bacc. E Ovid. L. III. Meth.

(4) *Menades.* As Baccantes : eraõ aquellas mulheres , que

Gritando, ululando,
Saltando, exultando
Lhe vem circundando
O vite-enramado
Carro estridente bijugo dourado,
Qu' arrastraõ furiosos
Os mosqueados Tigres (1) pressurosos.
Evohe! Mimalonides, (2) vinde

Vin-

---

alienadas da embriagues faziaõ as festas de Bacco.

E le Menadi tue punge, ed incalza.

Menzini Art. Poet. L. III.

Treicias fusis Menadas, ire comis.

Ovid. Fast. L. IV.

Chamavaõ-lhe corymbiferas, pelos cachos de hera que traziaõ nas mãos, e cabeça.

(1) *Tygres.* Animaes ferozes, que puxavaõ o carro de Bacco.

Jam Deus in curru, quem summum texerat uvis,
Tigribus adjunctis, aurea lora dabat.

Ovid. L. I. de Art. Amand.

Hac te merentem, Bacche Pater, tuae
Vexere tigres, indocili jugum
Collo trahentes. Horat. L. III. Ode 3.

(2) *Mimalonides.* As Baccantes, assim chamadas do monte Mimanto da Asia menor onde faziaõ as Orgias.

Ecce Mimalonides sparsis in terga capillis

Ovid. L. I. de Art. am.

Vinde Thyrsigero, rubido Ménoles, (1)
Façamos hum brinde,
Almudes libemos,
(2) Coréas travemos,
Saltemos, dancemos,
E alegres brademos,
» Viva o Magnanimo o Lucido Principe,
» Qu' ha de arvorar as tremolantes Quinas
» De imperios subjugados
» Sobre as fatais ruinas;
» Vendo a seus pés curvados
» Climas ignotos, mares insulcados:
» E a Lysia armi-potente
» Da septi-colle Roma (3) florescente

Fe-

---

(1) *Menoles.* Nome de Bacco.

Quid dicam de Dionysio, quem Maenolem Graece, id est Latine totum furentem appellant! ....

Euzeb. Prep. Evang. Cap. V. de arcanis mysteriis gentilium.

(2) *Coreas.* Especie de dança antiga

Cam. Lus. Cant. IX. *oit.* 50.

Com corêas gentis usança velha

(3) *Roma.* Cidade opulentissima da Italia fundada por industria de Romulo, irmaõ de Remo, filhos de Marte, e Ilia; chama-se-lhe septi-colle por estar situada sobre sete

Feliz imitadora,
» Engrinaldando a torreada frente
» Da rama vencedora,
» Fará do mundo tutelar Senhora.
Mas silencio! outro brinde mais nada;
Que já titubeio,
Que já cambaleio,
Que já tenho cheio
De Celeste ambrozia (1) rosada
O peito, qu' anhella
Outro brinde, que já me esquecia
Do Brazil á Princeza formosa
A' formosa CARLOTA mais bella
Do qu' ao raiar do dia
De Phebo a Precursora radiosa.
De CARLOTA á quem sempre á porfia
Os Risos, as Graças,

Em

---

grandes montes: O estado da sua grandeza, magnificencia, e riqueza, se pòde ver em Vossius in lib. *de magn. Romæ veter.*

(1) *Ambrosia.* Como já se disse he manjar dos Deoses, mas igualmente se toma por bebida, ou pelo mesmo vinho.

Os vinhos odoriferos, qu' acima
Estaõ naõ só do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima.

Cam. Lus. Cant. X. oit. 4.

Em nitido bando
Lhe estaõ volteando
O rosto gentil.
Evohé ! bom Lyeu , (1) naõ me illudes
Para Regias Supremas Saudes ,
Descorado (2)
Naõ me dês liquor
Que naõ tem valor ;
Mas qu' imite sim
Na purpurea côr
Ao gentil Rubim.

Des-

(1) *Lyeu.* Nome de Bacco derivado do Grego λύω *lyo* Soltar.

Curam metumque Caesaris rerum juvat
Dulci Lyaeo solvere.
Horat. L. V. Ode 9.

Quid Danaen, Danaesque nurum ; matremque Lyaei ?
Ovid. Trist. L. II. v. 401.

Do licor que Lieu prantado havia.
Cam. Lus. Cant. I. oit. 49.

(2) *Descorado.* Estes versos de quatro Syllabas chamaõ-se quebrados de Redondilha maior. Gabriel Chiabrera usa muito delles v. g.

Fa che cada
La rugiada
Distillata di Rubino.

E Camões Canç. XVI.

Desse, desse, Nictileu, (1)
Qu' escarlate espuma faz,
Qu' envergonha o rubor teu,
Desse gósto, esse me apraz.
Vivã o Magnanimo o Lucido Principe
Mais Sabio, Pio, e Justo.
Que Numa (2), Tito (3), Augusto (4)
Porém que sinto, Bassareu fulgido?
Nublaõ-se os olhos, a terra foge-me!

Trun-

Por quem prados
Esmaltados
Com frescura
De vèrdura.

(1) *Nictileu.* Nome que se deu a Bacco pelas festas nocturnas, que lhe faziaõ

Os copos brilhantes,
O' bom Nictileu.

Obras de Garçaõ Dithy. I.

(2) *Numa.* Segundo Rei de Roma, nascido em Cures Cidade dos Sabinos, as suas virtudes o elevàraõ ao Solio. Ve Tit. Liv. L. I., e Aurel. Vict. *de viribus illust* Cap. 3.

(3) *Tito.* Imperador Romano filho de Vespasiano, e Flavia denominado o clemente.

(4) *Augusto.* Segundo Imperador Romano, sabio Protector dos Sabios, os seus louvores foraõ cantados por Virg. Horac. e outros Poetas do seu tempo.

Truncaõ-se as vozes , a idéa turba-se !
Cantar os dotes do amavel Principe
Naõ póde a eburnea já rouca Cithara.
(1) Cantores inclytos ,
Suaves canticos
Lhe entoem férvidos ,
Em quanto eu ávido
Nas taças lucidas
Do roxo Mênoles
Lhe faço prodigo
Saudes mil.

Ao

(1) *Cantores inclytos* etc. Estes versos quinarios exdruxulos saõ muito usados pelos Italianos , Lourenço Magalotti entre muitos traz estes.

Qual nuovo giubilo
All'aria intuonano
Alegri timpani ,
Festosi cantici ,
Retorti Bucine
Guernite d'or. etc.

DITHYRAMBO.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Joaõ Carlos de Bargança Sousa e Line, Duque de Lafões. No fausto Nascimento da Sua Excellentissima Filha a Senhora D. Anna Maria José Domingas Francisca Julia em 21 de Setembro de 1797.

Quando di grembo a Teti
Sorge a' mortali un desiato giorno,
Volgere il piede intorno
Con le liete Baccanti alcun non vieti.
Gabriel Chiabrera Canc. Eroica 55 est. 3.

TENOR I.

O' Prole de Calliope! (1)
Que na aurea Lyra magica
Cantaste Hymnos a Ménoles,

Que

(1) *O' Prolle de Calliope.* Entende-se Orfeo filho da Musa Calliope, e de Apollo, o qual se avantajou a todos em can-

Que detiveste
Co' a voz Celeste
Do Ebro, e do Strimon o curso rapido,
E da soberba fronte celi-fera
Do Ismaro alpestre, do ingreme Rhodope
Roubaste a idosa c'rôa nubi-fera
De antigas penhas, vetustas arvores:
Tu qu' amentaste surdas Eumenides (1)
Hydras (2), Quimeras, Harpias; Gorgonas,

E

---

tar versos a Bacco. Diz-se que o som da sua Lyra fazia deter as correntes do Ebro, e do Strimon Rios da Tracia; atrahia, e levava após si as arvores, e os rochedos do Ismaro, e do Rhodope, montes altissimos da sua Patria: adormentou os monstros do Averno, conseguindo tornar a ver a sua Esposa Euridice; depois da sua morte foi collocada entre os astros a sua harmoniosa Lyra. Vê Virg. Georg. IV. v. 454, e Horacio L. I. Ode 12.

(1) *Eumenides.* Furias infernais.

..... *Caeruleosque implexa crinibus anguis*
Eumenides... Virg. Georg. L. IV. v. 482
.... *Ferreique Eumenidum thalami*
Virg. Æneid. L. VI. v. 280.

(2) *Hydras*, *Quimeras* etc. monstros infernais, que povoaõ o Averno.

Flammisque armata Chimaera
Gorgones, *Harpiaeque*, *et forma tricorporis umbrae.*
Virg. Æn. L. VI. v. 288.

E das Tartareas (1) cavernas lobregas
Tiraste Euridice;
Sabe que pleno de furor Delfico
Te excedo, e venço no doce cantico,
Na Lyra harmonica,
E ao Lethes (2) mando teu nome celebre,
Quando ao farfante Jacco (3) Thyrsigero
Ergo Canções insolitas,
E ao grande, ao Sabio Lafões magnanimo,
Prole de Principes,
Teço coroas de louvor jucundo,
Tronco fecundo,
Qu' o fausto germen vecejando brota,

E

(1) *Tartareas.* Infernais.

(2) *Lethes.* Rio do esquecimento no Inferno, as almas, segundo o systema da transmigraçaõ, antes que passassem a animar outros corpos bebiaõ as suas aguas para se esquecerem do passado.

... *Animæ quibus altera Fáto*
Corpora debentur, Lethaei, ad fluminis undam
Securos latices, et longa oblivia potant
Virg. Æneid. L. VI. v. 713.

(3) *Jacco.* He hum dos nomes, que se daõ a Bacco.
... *Et mystica vannus Jacchi.*
Virg. Georg. L. I. v. 166.
Populus Alcidæ gratissima, vitis Jaccho.
Virg. Ecloga VII. v. 61.

E ao vasto mundo
Com seus immensos attrativos dota;
Teu aureo instrumento
Do azul firmamento
Hei de hoje arrancar:
E a Lyra que pulso
No mesmo lugar
Por mais sonorosa
Irei collocar.
O' Bromio, ó Nume bemfazejo asylo
Do triste humano, qu' a Desgraça acossa;
Faze qu' eu possa
Por novo estyllo
Brindar o fausto natalicio instante
Da nova Heroina;
Astro brilhante
A quem destina
Hum Regio throno Jove igni-tonante
Almo çumo alija-angustias,
Elexir vivificante,
De meu peito ebri-festante
Hoje os ambitos devaça;
Nesta vitrea egregia taça
Consagrada a faustos brindes
Deita Sileno

Do

Do fertil Rheno (1)
O almo balsamico, rubido, nitido
Espanca-tristezas,
Que n'alma titila,
Nos olhos scintilla,
A magoa aniquilla,
E o mortal Coraçaõ refocila.
(2) Saboé! Nictileu, que doçura
N'aromatica doce fluxura
O teu Vate solicito achou!

TENOR II.

Rugindo (3) roucas as rebeldes vagas
Entestem recuando furiosas,
Nos ingremes escolhos, qu'assoberbaõ;
Horrisonas procellas tormentosas,

(1) *Rheno.* Ou Rhin Rio celebre, que nasce nos Alpes, e corta os Paizes baixos em cujas margens nasce excellente vinho.

(2) *Saboé.* Interjeçaõ, voz de alegria usada nos Hymnos, e festas de Bacco.

Evohé! Saboé!

Obras de Garçaõ Dythyr. I.

(3) *Rugindo roucas* etc. neste verso se vê a figura *Onomatopeya*, que os Latinos chamaõ *Nominatio.*

Qu' os Euros (1) exacerbaõ
O Globo ethereo abalem.
Rotos (2), roucos torvões rufando estalem.
O crespo graniso
Inunde improviso
Os turbidos ares,
E os horridos mares
Em mil escarcéos
Topetem nos Ceos;
De sombria tyrannica frente
Sobre o carro de gelo estridente
Tirado com impeto
(3) Por Austros, (4) Africos, (5) Aquilos (6) algidos

O

---

(1) *Euros.* Ventos Les-suestes
.... *et agente nimbos*
Oeyor Euro. Horat. L. II. Ode 16.

(2) *Rotos, roucos* etc. perfeitamente se vê neste verso a figura Onomatopeya.

(3) *Por Austros* etc. neste verso Coriambico cujas palavras começaõ pela mesma letra se vê a figura Parameon.

(4) *Austros.* Ventos Sues.
.... *Neque Auster*
Dux inquieti turbidus Adriae
Horat. L. III. Ode III.

(5) *Africos.* Ventos Sudoestes.
.... *Nec timuit praecipitem Africum*
Decertantem Aquilonibus.
Horat. L. I. Ode III.

(6) *Aquilos.* Ventos Nortes.

Ó gelado Inverno,
Inimigo eterno
Dos Mortaes assome:
Mil farpas subtis
De frios hostis
Contra o mundo tome.
Que eu brindando Lafões, Regia Stirpe,
Cáro ás Musas, e a Deosa (1) qu' embraça
Enea Egide, onde as Serpes se enroscaõ
(2) Sobre a frente da unócula Gorgona,
Naõ me assustaõ seus barbaros impetos.

(1) *A Deosa qu' embraça* etc. por esta Periphrasis se entende Pallas, ou Minerva Deusa das Sciencias, cujo escudo se chamava Egide, por causa da pelle de hum monstro que o cubria, o qual a Deosa matou. Perseo se servio deste Escudo para degollar a Gorgona Meduza, que tinha só hum olho, e serpentes por cabellos, cuja cabeça collocou no meio do dito. Vê Virg. Æneid. L. VIII. v. 435.

(2) *Sobre a frente* etc. Estes versos decasyllabos esdruxulos saõ proprios para os Dithyrambos, Francisco Redi, os usa no seu Bacco in Toscana:

Or qual nera con fremiti horribili
Scatenòsi tempesta fierissima
Che de tuoni fra gli orridi sibili.

CORO.

(1) Lafões viva, viva a Espósa
Entre pompas, ditas, fastos,
E de seus amores castos
Viva o candido penhor.

TENOR I.

(2) Carreguem-se os canhões de rubra polvora;
Por tempos tres se faça hum fogo triplice;
Honre-se o invicto Heróe Lafões benefico,

A

---

(1) *Lafões viva* etc. Estes versos chamaõ-se de redondilha maior: a sua belleza consiste em terem a terceira syllaba longa; assim usaõ os Italianos v. g.

Versa versa quel bel vino

Gab. Chiab.

(2) *Carreguem-se* etc. Estes versos endecasyllabos exdruxulos; saõ usados por muitos Poetas. Cam. Lus. Cant. V. oit. 39.

Se nos mostra no ar robusta, e valida.
O rosto carregado, a barba esqualida.

Bartoloni no seu Baco em Boemia

Spremer saprã più generosi i grappoli,

etc. etc.

A Esposa amavel, o renovo explendido
A quem o Fado
Tem destinado
Os dons mais dignos de encantar o mundo.
O atroz Cuidado
Fique affogado
No roxo fundo
Da taça evante,
D'onde fragrante
Me rouba o coraçaõ Lieu (1) jucundo.

TENOR II.

Evohe! Thyoneu: (2) Reverente
Encho, e bebo este vaso fulgente
Do

---

(1) *Lieu.* Como já se disse, nome de Bacco tambem se toma pelo mesmo vinho.

Harat. L. III. Ode XXI. fallando com a talha diz.

.... *Tu Sapientium*
Curas, et arcanum jocoso
Consilium retegis Liaeo.

(2) *Thyoneu.* Nome de Bacco, *Camões Lusiad.* Cant. VI. oit. 6.

Mas o máo Thyoneu, que n'alma esconde.

E Horat. L. I. Ode 17.

Cum Marte confundet Thyoneus praelia.

Do liquor louro,
Que o patrio Douro (1)
Por entre frescas pampinosas vides
Nos racemos crystallinos
Para brodios perserva divinos.
Oh suave doce Nectar,
Que no ethereo firmamento,
Es o placido alimento,
O geral contentamento
Das Deidades,
Quando o Teucro Ganymedes (2)
A quem tua essencia inflamma,

So-

(1) *Douro.* Rio Portuguez, nasce em Castelha velha, e entra em Portugal junto a Miranda, e depois de longas voltas desemboca no Occeano junto a S. Joaõ da Foz; saõ optimos os vinhos, que se criaõ nas suas margens, nellas Camões nos diz, que foraõ os campos Elysios.

Do Douro, e Guadiana o Campo ufano
Ja dito Elysio, tanto o contentou.
Lus. Cant. VIII. oit. 3.

(2) *Ganymedes.* Mancebo Phrygio amado por Jove, e arrebatado aos Ceos por huma aguia, onde exerceo, depois de Ebe, o officio de Copeiro dos Deoses.

.... *Quin, et Jovis armiger ipse*
Accipit à Phrygio jam pocula blanda ministro.
Vall. Flac. L. II. Argonaut.

Sobre os copos te derrama ;
Tu no gosto naõ excedes
Este melico licôr.
Mas eu tremo , ó Ceos , que horror !
Ardem os faxos da cruel Discordia :
Surge a torva Megera (1) angui-crinada
Da lobrega morada ,
E estragos , sustos , aflições dardeja :
Envolta em sangue a horrenda Morte adeja ,
De exangues corpos alastrando a terra :
Por duas bocas sopra Jano (2) a Guerra :
O' Nume Nizeno ,

Fe-

---

(1) *Megera.* Huma das tres Furias infernaes Alécto , Tesiphone , e Megera.

.... *Et tartaream nox intempesta Megaeram.*
Virg. Æneid. L. XII. v. 846.

(2) *Jano.* Rei de Italia exemplo de Principes perfeitos; foi reverenciado em Roma como Nume : pintavaõ-no com duas cabeças, e a declaraçaõ da guerra era abrirem-se as portas do seu Templo.

Virg. Æneid. L. VII. v. 610.
Nec custos absistit limine Janus ,
Janique bifrontis imago.
Virg. Æn. L. VII. v. 180.

Dizer-se que sopra a guerra por duas bocas he alluzaõ á guerra , com que Hespanha , e França ameaçavaõ Portugal.

Feliz valhacouto
Do grande, e pequeno
O teu Vate affoito
Naõ teme as iras da cruenta Erynnis (1),
Quando ameaçada
A Patria amada
Vê pelas Furias,
Que o ferreo carro de Bellona (2) escoltaõ.

TENOR I.

Lysia guerreira, quem profano intenta
Com sacrilego ferro
Teu nobre seio devastar furioso?

O

(1) *Erinnys.* Huma das Furias.
,,,,. *Queis condita Erinnys*
Virg. Æneid. L. VII. v. 570.
,,,, *Tot Erinnys sibilat hydris,*
Virg. Æneid. L. VII. v. 447.

(2) *Bellona.* Deosa da guerra irmãa de Marte.
Dos jogos de Bellona verdadeiros.
Camões L. Cant. III. oit. 27.
,,,, *Gaudet Bellona cruentis.*
Horacio Sat. III. L. 2.

O Iberio (1) atroz Leaõ será raivoso?
Que a juba sacudindo,
E as garras esgremindo,
Famelico rugindo
Te busca lacerar?
Ou saõ os feros Gallos, (2)
Que no impio mal da guerra,
Qu' em torno assola a terra
Te querem mergulhar?
Saõ todos, naõ me engano, Epafio! Epafio
Em meu peito entorna
A mais ampla dorna,
Que repléta exorna
A sempre-verde, pampinosa Naxos (3)

On-

(1) *O Iberio atroz Leaõ*; Entende-se Hespanha.

(2) *Gallos*. Os Francezes.

(3) *Naxos*. Ilha do Mar Egeo no Archipelago, huma das Cyclades, onde se criavaõ excellentes vinhos, e por isso os antigos a consagráraõ a Bacco: Theseu trazendo roubadas as filhas de Minos Rei da Creta, Fedra, e Ariadne, aportou a esta Ilha, e nella deixou repudiada Ariadne, Bacco se comoveo do seu mal, e a desposou; no dia das nupcias Venus, ou o mesmo Bacco lhe deu huma coroa, a qual foi collocada entre os Astros:

Gnosiaque ardentis decedat Stella Coronae
Virg. Georg. L. I. v. 222.

Onde entre as serpes do cruel Repudio,
Fuga, e traiçoes do bigamo Consorte
A Gnosia (1) Nynfa pranteando achaste,
Cuja aurea c'roa nas esferas brilha,
De corymbos, e pampanos tramada,
Que assim brindar quero
O Heroe que venero
Por Sabio, e Prudente
Que espanca valente
De Lysia o temor.

TENOR II.

Trôa da horrenda bellicosa tuba
O funebre clangor nos Lusos Campos:
Em armas vejo a Patria, ó Ceos, que assombro!
Lafões de indulto naõ te serve a idade
A' testa vôas das falanges Lusas.

E

Mox thalamos, Ariadne, tuos, taedasque jugales
Quaeque nitet medio fixa corona polo.
Sannazarius Eleg. V. ad Bacchum.

(1) *Gnosia.* Ariadne, assim chamada de Gnosia Cidade de Creta.

.... *Et Gnosia Bacchus amavit.*
Ovid. Epist. Saph. Phaoni.

E eis sobre Lysia de Saturno (1) as eras.
Bacco perdoa
Se te desbanco,
E se te arranco
Da frente a c'roa:
D'um sorvo estanco
Este copo fulgido
De força magnetica,
Qu' est' alma fernetica
Me puxa, e me attrai,
Salubre Tokai
Onde entre mil jubilos
Nadaõ Prazeres, Regosijos nadaõ.

TIPLE.

Venha Carcavellos, (2)
Liatico, Albano;

Ma-

(1) *Saturno.* Pai de Jupiter, e por elle expulso do Ceo, reinou na Italia com Jano, e o tempo do seu Reinado foi chamado idade de ouro.

.... *Redeunt Saturnia Regna.*
Virg, Eg. IV. v. 5.

(2) *Carcavellos, Liatico* etc. Especies de vinhos que derivaõ os seus nomes, ou das terras que os produzem, ou dos fructos de que saõ feitos.

Maçaõ, Maçacaõ,
Madeira, Champanha,
Falerno
Superno,
Qu' eterno
Farei no meu Canto:
Que honrar quero hum fausto dia,
Que de oliva coroado
Sobre Tejo equilibrado
Resarcio nossa alegria.

CORO.

Desce em nuvem crystallina
Paz divina
Sobre nós.
Manda austera d'Orco (1) ás fragoas
Sustos, magoas,
Damno atroz.

TENOR I.

A' frente de meus Hymnos,
A quem franqueia a Eternidade as portas,
Aguia

(1) *Orco.* O Inferno.

Aguia (1) aos ares me elevo ali-possante
Bebo as luzes de Cynthio (2) fulgurante:
Milhões de esferas sottopostas deixo,
E sobre os astros fulgidos errando,
Teus dons gravo, Lafões, onde fluctuando
(3) Negras nuvens naõ nublaõ nobres nomes.
Do liquor Celestial
Em men peito alegre entorno
Este copo festival;
Evohe! qu' á terra torno!

TENOR II.

Vem recente penhor, progenie augusta
D'um Heroe honra do mundo,
Qu' erma a terra de Heroinas

Por-

Primisque in faucibus orci
Virg. Æneid. L. VI. v. 273.

(1) *Aguia aos ares* etc. Imitaçaõ de Horacio, que na Ode II. do L. II. se finge convertido em Cysne.

(2) *Cynthio.* O Sol, ou Apollo derivado do monte Cynthio de Delos, onde nasceo. Horat. L. I. Ode 21.
Intonsum pueri dicite Cyntium

(3) *Negras nuvens* etc. Neste verso se observa perfeitamente a figura Parameon.

Por ti ferverosa anhella:
Vem gentil radiosa Estrella
Com fausto influxo propagar venturas.

CORO.

As graças te embalaõ
O berço ditoso,
E as aureas Virtudes
No seio mimoso
Te vem habitar.

TIPLE.

Este copo d'ouro orlado
De suave Malvasia,
D'alvas bolhas cravejado
Bebo açorado
Em louvor deste almo dia.
O' Péan, (1) Evohé, que espanto!
Qual

(1) *Péan.* Hymno, que se cantava aos Deoses, e principalmente a Febo, e a Bacco, e tambem Sobrenome de Bacco.

Hear in all tongues consenting Paans ring!
Pope Essay on critisism. v. 186.

Qual o ignivomo Cofanto, (1)
Flamas arroja o peito meu flagrante,
E no incendio vóraz arde ullulante
A baça Hypicondria,
Que em sanha, e furia acceza
Minha alma submergia
Nos antros sinuosos da Tristeza:
Fogo os olhos meus dardejaõ,
As entranhas me chammejaõ;
As idéas me trovejaõ.
Evio, a tanto estrago accode,
Vini-prenhes, roxas nuvens
Sobre os labios me sacode,
Que só póde
Hum vini-fero diluvio
Apagar hum tal vesuvio.

CORO.

A Jacco invoquemos,
Occeano de graças,
Deidade benigna.

Que

Felicesque Animas laetum Paeana canentes
Sannazurius de Mort Crist v. 60.

(1) *Cofanto.* Monte da India, que continuamente lança chamas horrorosas.

Que naõ se dedigna
Enchernos as taças,
Qu' havemos libar.

TENOR I.

Topasio (1) naõ tragas
Naõ tragas rubim,
Daquelle procura,
Que excede n'alvura
Ao lacteo jasmim;
Qu'a rara candura
Vou louvar de Henriqueta formosa
De brilhantes virtudes compendio,
Consorte amorosa
De Lafões, da sapiencia thesouro.

TENOR II.

Os Risos, os Prazeres,
Os Ocios voluptuosos,
Os Jogos, os Agrados

De

(2) *Topasio.* Entende-se o vinho palhete, ou côr do topasio.

Redi no Bacco id Toscana:

De rosas coroados,
Ante meus olhos de sombra nublados
Soltando vivas, louvores fastosos
A' tenra Infante de graças thesouro,
(1) Pulando
Dançando
A seguillos me estaõ convidando.
O' ledo bando,
Ebrio vos sigo:
Porém primeiro
Brindai comigo
O util ramo da Planta Bragantina,
Que germina
Regeas vergonteas de esperanças faustas.
Fiquem exaustas
Mil taças fulgidas
Do liquor placido,
Que ao ledo murice

Bei di questo bel'crisolito
Topasio pigiato in lamporecchio etc.

(1) *Pulando.* Esta palavra forma hum verso trinario Bartoloni no seu Bacco in Bohemia usa delles.
Quivi, quive le vigne si piantino
Del chiange
Del gange
Del Indo

Vence na côr
Doce liquor
Que ao seio gelido
Da Laponia (1)
Da Noruega (2)
Fria Zembla (3)
Dá calor.
Que espanca das almas dos tristes viventes
Paixões viperinas, tristezas pungentes.

TIPLE.

Entre os astros rutilantes
Vejo as Hyades (4) nimbosas,

Ho-

(1) *Laponia*, Regiaõ septentrional entre a Noruega, Suecia, e Moscovia, terra frigidissima.

(2) *Noruega*. Paiz frigidissimo do Norte.

(3) *Zembla*. Terra boreal separada da Moscovia pelo estreito de Waigts, e descoberta pelos Hollandezes.

(4) *Hyades*. Ou Pleiades a quem os Latinos chamaõ *Virgiliae*, e os Portuguezes *Sete Estrello*, aparecem junto da cauda de Aries, e da boca de Tauro, dizem que foraõ as filhas de Atlante, que criaraõ a Bacco, e este em premio as sobio aos Ceos, e as collocou entre os Astros. Vê Hygin. L. II. Astr. Poet.

Dizem que trazem chuvas, por isso lhe chamaõ chuvosas.

And from the Pleiads fruitful showr's descend.

Pope spring the first Pastoral.

Hoje Estrellas, Nynfas d'antes;
Entre as vagas marulhosas
Os Delfins (1) vejo nadantes
N'outros evos navegantes;
Pelas vides pampinosas;
Trepaõ heras vecejantes,
Em que Cisso (2) foi mudado
Ah! se a tantos Deos Binado (3)
Tens a forma transtornado
Muda o teu Cantor jocundo
N'um Tifeu (4) naõ bravo, e torvo

Ora micant Tauri septem radiantia flammis
Navita quas Hyadas Grajus ab imbre vocat,
Pars Bacchum nutrisse putat.

Ovid. Fast. L. V.

(1) *Delfins.* Peixes Cetaceos: dis-se que Acetes, e os seus companheiros hindo navegando com Bacco zombaraõ delle, e este Deos em vingança os converteo em Delfins. Vê Ovid. Meth. L. III.

(2) *Cisso.* Dançante de Bacco, e seu valido, morrendo por hum desastre, Bacco o converteo em hera, de que ao depois se coroava donde lhe veio o nome de Corymbifero, por se chamarem Corymbos os cachos de hera. Vê Faust. L. IV. Epig.

(3) *Deos Binado.* Bacco duas vezes nascido como fica dito.

(4) *Tyfeu.* O maior dos Gigantes, que pertendêraõ escalar o Ceo.

Mas sim largo, e sitibundo;
Que beber possa d'um sorvo
Quanto vinho encerra o mundo;
Porqu' hum brinde tal sómente
Era digno, era decente
De louvar, Lafões amavel,
Tua Esposa incomparavel:

TODOS

Tua estirpe singular.

CORO.

Viva Jove, Eromio viva
Qu' ás catastas nos esquiva
Das acerbas afflições:
Eromio viva, viva Jove,
Que mil bens, mil graças chove
Sobre a Prole de Lafões.

DI-

Jupiter lhe lançou em cima a Ilha de Sicilia.

Está Tyfeu debaixo d'alta serra
Do Etna, qu' as flammas lança crepitantes.
Camões Lus. Cant. VI. oit. 13.

Alta jacet vasti super ora Tyfeos Ætna
Ovid. Fast. L. IV.

DITHYRAMBO.

Aos annos de Cassidro.

Hic dies, ānno redeunte, festus
Corticem astrictum pice dimovebit
Amphorae....

Horat. L. III. Ode 8.

DE meus versos inclitos
A Falange harmonica
Hoje escolto impávido;
Tu Niseu benevolo,
Lhe arma as dextras vallidas.
De mil settas fulgidas
De harmonia insolita,
E o brilhante Exercito
De viçosos pampanos
Todo coroado
Por mim commandado
Acosse
Destrosse,

Fla-

Flagelle,
Debelle,
Sobpeie,
Golpeie,
As catervas murcidas
Dos mais versos infimos,
Qu' intentarem perfidos
Com seus eccos turbidos
Profanar este dia aventurado
Consagrado
De Cassidro aos faustos annos.
Confundaõ-se, pasmem-se, abismem-se
De ouvir-me os humanos.
Que prazer! Do liquor espumoso
De Borgonha, (1) do Rheno famoso
Libarei tantos copos gostoso,
Quantos annos conta
Cassidro facundo
Com pasmo de mundo.
Evohé! que suprema alegria
A minha seria
Se agora Cassidro mais annos tivera,

Qu'

(1) *Borgonha*. Provincia de França, que tem mais de 50 legoas do Norte ao Sul, e 30 de Leste, ao Oeste os vinhos que produz saõ da maior estimaçaõ.

Qu' os annos pezados,
Qu' opprimiaõ os hombros cançados
(1) Do filho de Chlori, que Pyle regêra;
Porque entaõ a vontade me enchêra
Do liquor divino,
Que segrega d'alma
O pezar ferino.
Eis, Amigo, começo a brindar-te:
Se as mãos dadivosas
Da errante Ventura
Me naõ enchem de bens qu' offertar-te,
Mil saudes acceita famosas
Por brilhante gentil Colgadura.
Liquor corado
Naõ quero agora;
Venha desse alambreado,
Que dá gosto, que vigora
Os membros tremulos;
Que presta espiritos,
Qu' aos frios animos
Dá novo ardor.
Evohé! que suave liquor!

Tu

(1) *Do filho de Chlori.* Entende-se Nestor hum dos Capitães da Armada Grega filho de Chlori o Rei de Pyle, e viveo 300 annos.

Tu naõ és mais grato, Amor,
Tu naõ tens maior doçura,
Quando entre os braços
Da Laura bella
Com potentes doces laços,
O meu peito unindo ao della,
Me disfazes em ternura
O mavioso coraçaõ.
Mas que nuvem ligeira globosa
No seio me encerra?
Eis me ergue da terra
Sobre o dorso dos ventos possantes.
Chego a orbita d'Herschel (1) famosa,
E mais de Hell ás (2) tres celicas plagas
Ma-

---

(1) *Herschel.* Planeta descuberto em 13 de Março de 1781 pelo celebre Alemaõ *Frederico Guilherme Herschel.* Foi visto pela primeira vez entre os cornos de *Tauro*, e os pés de *Geminis*: faz a sua revoluçaõ, segundo os melhores calculos, em 82 annos, e 5 mezes, e dista Sol o dobro pouco mais ou menos da distancia de Saturno.

(2) *Hell.* O Abade Hell astronomo Real assistente em Vienna; que em honra de S. Magestade Britanica *George III.*, e *Mr. Herschel* imaginou tres constellações na Esfera, o *Psalterio* de *George III*, e o *Telescopio* maior, e o menor de Herschel.

Malezieu (1), Leeuwenhoek (2),
Qual de vós me empresta agora
Hum dos vossos vidros fulgidos;
Já que subo a etherea abobeda,
Quero ver se o astro nitido
Tem as fuscas tristes máculas,
Que lhe achára o trefo Scheinero: (3),
Se lhas vir por Bacco juro,
Apago-lhas, tiro-lhas
Para mais brilhante, e puro
Este dia alumiar.
Venolencia naõ he, mil Soes diviso,
Eis canjo além dos Orbes!
Eis toco a azul esfera!
Nuvem luzente,

Hum

(1) *Malezieu.* Nicolão Malezieu Parisiense dado aos Estudos Mathematicos, e Filosoficos, celebre pelas descubertas que fez com os seus Microscopios.

(2) *Leeuwenhoek.* Antonio Leeuwenhoek nascido em Delft; Fysico optimo cortava excellentemente vidros para Microscopios, com os quaes descobrio infinidades de insectos.

(3) *Scheinero.* Christovaõ de Mundelheim, natural da Suevia, celebre Mathematico: foi o primeiro, que descobrio manchas no Sol, e imprimio hum Livro intitulado *Roza Ursina*, que trata deste descobrimento, e da incorruptibilidade do Ceo.

Hum pouco espera
Deixa primeiro, qu' engrinalde a frente
Da rama frondente,
Em que Cisso dançante afamado
Foi na morte por Evio tornado.
Consente, que este almude
De grata Malvasia
Eu beba hoje á saude
De taõ ditoso dia,
E que nas cordas de ouro
De minha branda Lyra sonorosa
As virtudes entõe de Cassidro.
O' Nuvem pressurosa,
Aonde me pnzeste?
He este, dize, he este?
Das esquivas Cytherides (1)
O monte explendido, celebre, e ingreme
Onde vãamente
Subir procuraõ
Mil enfunados vaidosos humanos
Onocrotalos (2) de canto sinistro,
Que misturar-se pretendem nos Coros
Dos Cysnes canoros

Do

(1) *Cytherides.* As Musas assim chamadas do monte Cytheron da Beocia.

(2) *Onocrotalos.* Aves cujo canto imita ao Zurro.

Do manso Caystro (1)?
Ah! quanto o Sagrado
Briseu me proteje!
Lá vejo sentado
De Çafiras n'um throno brilhante
O Nume, que rege
O luci-rorante
Coche do dia:
Ao dextro lado
Tem coroado
De immarcecivel louro verdejante
Cassidro facundo,
Qu' a tubi-sonante,
Aurea fama eterniza no mundo:
Ledas as Camenas (2)
Çantaõ á porfia

Gra-

(1) *Caystro.* Rio, e Lagoa da Asia menor na Cidade de Efeso abundante de Cysnes.

Jam varias pelagi volucres, et quae Asia circum
Dulcibus in stagnis rimantur prata Caystri;
Virg. Georg. L. I. v. 383.

(2) *Camenas.* As Musas

Alternis dicetis; amant alterna Camaenae.
Virg. Egl. III. v. 59.

Nem, Camenas, tambem cuideis que cante.
Cam. Cant. VII. oit. 85.

Gratas cantilenas
Ao seu ditoso natalicio dia;
O' tu Calliope (1) Delfica, harmonica,
Sabia Deosa que prezides
Ao Supremo, grato Coro
Das venustas Libetrides; (2)
Manda callallas
Faze deixallas,
As brandas Lyras,
Os Alaudes,
Porque hoje arrogo,
Abrasado no Bacchico fogo,
O prazer de cantar-lhe as virtudes.
Venhaõ tres, seis, nove almudes.
Do gageiro Nectar louro,
Que produz o fertil Douro,

Au-

---

(2) *Calliope.* A principal das Musas, que presidia a canticos heroicos, amante de Febo.

Vós ó Caliope, precor, aspirate canenti.
Virg. Æneid. L. 9. v. 525.

Agora tu, Calliope, me ensina.
Cam. Lus. C. III. oit. 1.

(1) *Libetrides.* Nome que se dá ás Musas da fonte Libetra da Magnesia, Paiz da Grecia junto da Thessalia.

Nymphae, noster amor, Libetrides....
Virg. Eglog. VII. v. 21.

Aureo çumo placido,
Que do peito gelido
Do Britano (1) astuto,
Do Belga (2) versuto
Degrada
A fera,
Pezada,
Severa,
Malvada,
Tristeza
Cruel:
E qu'á gente guerreira, que piza
As terras fecundas,
Que o Dravo (3) ameniza,
As magoas espanca
E d'alma lhe arranca
Pelas azas tremulas

O

(1) *Britano.* Entende-se os Inglezes pela figura Synedoche.

(2) *Belga.* Pela mesma figura Synedoche os habitadores dos Paizes baixos.

(3) *Dravo.* Rio de Alemanha, que tem o seu nascimento nos Alpes junto da Aldeia de Innichen na diocese de Saltzbourg, perto do Tirol, dalli corre pela Corinthia, entra na Siria, e na Hungria, recebendo em si muitos Rios consideraveis até que se esconde no Danubio.

O pallido, timido, attonito
Frio susto arrepiado,
Que lhe géra o macerado
Othomano (1) perfido,
Com falanges barbaras,
Com perfidias horridas,
Invasões terrificas.
Péan! que gloria meu peito repassa!
Esta formosa taça
Bojuda, crystallina
Do Bromio apreciavel
Da Lesbica Methymna (2)
D'um sorvo bebo:
Vaidoso Febo,
Vem comigo competir,
Que de ti me quero rir
Porqu' hei de ver,
Se eu a beber,
Tu a cantar
Me has de exceder!
Me has de igualar. Mil

(1) *Othomano*. O Turco nomé que lhe veio de Othoman, ou Osman seu primeiro Rei, filho de Ortogulo homem rustico; o seu grande valor o elevou á dignidade de Rei: morreu em 1326.

(2) *Methymna*. Cidade de Lesbos, onde se criava excellente vinho.

Mil bens, mil graças chovaõ
Em ti, famoso dia,
Jámais venhaõ roubar tua alegria
Glaciferos chuveiros,
Cerrados nevoeiros.
Nunca do rouco troador trovaõ
Ouças triste, e pavido
Rebombando o crepito
Nos rochedos concavos,
Quando açoitadas por feroz tufaõ
Ruem as rotas glomeradas nuvens,
Vibrando contra a lamentosa terra
Trisulcas frexas de azulado fogo.
Mas que chusma aligera
De meninos trefegos
Ante mim revôa!
Hydra virulenta,
Que asanhada com silvos medonhos
Investir-me intenta,
Entre si preza trazem risonhos;
Ah! bem vos conheço
Meninos traidores,
Vós sois os Amores,
Flagello da gente
Essa dira horrorosa serpente
He a perfida, triste Lembrança

Das

Das Traições, Tyrannias, Rigores
De Jonia perjura.
Xou pequenos voadores.
Naõ venhaes neste almo dia
Perturbar minha alegria:
Colhei myrtos, colhei flores,
Enlaçai verde capella,
E com ella
Adornai a fronte linda
De Theorinda
Virtuosa,
De Cassidro cara Esposa.
Vai, louçaõ Ganymedes Solicito,
Traze-me rapido
Da pingue Malaga (1)
O liquor trimo,
Que prézo, e estimo
Tanto
Quanto
Prézo da minha encantadora Analia
Os beijos furtivos,
Os ternos agrados,
O rosto jocundo,

O

(1) *Malaga.* Cidade maritima no Reino de Granada, famosa pelos optimos vinhos que produz.

O genio amoroso,
As graças brilhantes,
Por quem sou no mundo
O mais venturoso
Dos ternos amantes,
Que servem Amor.
Que lautissimo, doce liquor!
Milhões de Orbes, de Estrellas flammigeras
De cores diversas
Naõ vejo dispersas
Pelos ares sem ordem vagando?
Eis os copos ligeiros saltando,
A casa de roda;
Té a gente que vejo anda toda
Ora aqui, ora alli baqueando.
Oh! Nyctileu,
Quanto he potente
O liquor teu!
Só felizmente
Eu lhe resisto:
Mas que fazes, ó Numen, qu' he isto?
N'altiva frente
Pões-me d'Hermes (1) o alado gallero.

(1) *Hermes.* Mercurio, Nuncio dos Deoses trazia na cabeça hum capacete alado chamado Galero, nos pés 4 azas, que

Comigo taes graças ;
Epafio, naõ quero.
Eis maligno outro damno me traças ;
A cabeça dos hombros me tiras,
Aos ares ma levas,
E os astros mil vezes com ella regiras!
Se eu fora de Forco (1)
A filha malefica
Angui-coma, rabida,
Que do horrivel Orco
As entranhas defende severa
A gente dissera,
Que tu Passareu
Eras o louco atrevido Perseu (2),

E

se chamavaõ talares, e na maõ huma vara com duas cobras, e duas azas a quem davaõ o nome de Caduceo.

(1) *Forco.* Pai da Gorgona Medusa, a qual Minerva castigou mudando-lhe os dourados cabellos em serpentes horriveis, e agora he hum dos monstros infernais.

Tum variae pestes, et monstra horrentia Ditis
Semiferumque genus Centauri, et Gorgones atrae.
Sannaz. de Part. Virg. L. I.

(2) *Perseu.* Filho de Danae e Jupiter, por mandado de Polidetes seu Padrasto cortou a cabeça a Gorgona Medusa, e com ella veio voando, por ter os talares de Mercurio, até casa de seu Padrasto.

É bem feito esse aleive seria,
Já que fazes de mim zombaria.
Mas, Numen perverso,
Se naõ me consentes
Encher o Universo
De assombro, d' espanto
Co' as vozes cadentes
De meu ledo Canto,
Ao menos, Oreu, (1)
Como déste afflições inclementes
Co' as tyrannicas, rabidas Thyades (2)
Ao sacrilego sobrio Pentheu: (3)

(1) *Oréu.* Nome de Bacco derivado dos montes em que se faziaõ as suas féstas, e Sacraficios.

(2) *Thyades.* As Baccantes

Fas pervicaces est mihi Thyades
Cantare....

Horac. L. II. Ode 19.

.... Complent ululãtibus auras
Thyades effusis per sua colla comis.

Ovid. Fast. L. VI.

(3) *Pentheu.* Rei de Tebas, filho de Exion, e Agave, o qual por querer prohibir as festas de Bacco foi despedaçado pelas Baccantes, e o seu Palacio arrasado.

.... tecta Penthei.
Disjecta non levi ruina.

Horat. L. II. Ode 19.

Castiga,
Fustiga
C'o Thyrso frondente,
A todo o vivente,
Qu' intente
Depois de eu callado,
Sem respeito a meu Estro Sagrado,
Os famigeros annos ditosos
De Cassidro tambem decantar.
Se este gosto me comprires,
E a cabeça orbi-vagante
Outra vez me resarcires!
Com vermelho, ledo rosto
Juro ao Ceo, ao Ceo brilhante
De fazer-te a honra, o gosto
De aureos hymnos te cantar.

DITHYRAMBO.

A Celia.

Bacchus reçoit les victimes d'Amour,
Mr. Bernard. *L'art d' Aimer.*
Chant. III

CHovendo estragos Orion (1) ensifero,
Investe o mundo pavido;
Reveis frementes vórtices,
Procellas mil horrisonas
Compõem seu bravo exercito;

Naõ

(1) *Orion.* Constellaçaõ Celeste Meridional composta de 17 Estrellas principais, que figuraõ hum homem com huma espada na maõ:

Ovid. Fast. L. IV. chama-lhe, *ensifero.*
Ensifer Orion aequore mersus erit

Igualmente Camões Cant. VI. oit. 85. Lus.
De quem foge o ensifero Oriente.

E Sannaz. de Part. Virg. v. 125.
Armatoque ensis subducitur Orioni.

Naõ longe o Inverno revoltoso assoma
Batendo as azas frigidas,
Rugem-lhe em roda tormentas rigidas,
E a porta-gelo emaranhada coma
Erriçaõ-lhe enraivados
Nordestes assanhados.
O brumal tempo agoirando
Dos Rifeos (1) alcantilados
Em confuso, vago bando
Vem piando
Rubros frios ouriçados,
A's pungentes azas dando.
Ah! Celia amavel, que somos victimas
De seus immanes impetos,
Volveu-te a força das crueis rajadas
Os brandos membros tremulos,
As faces carmesins, as mãos roxeadas.
Que faremos?
Como a fria estaçaõ fugiremos?
Eia ledos a Bacco brindemos
Do seu fero rigor zombaremos.
Aqui temos
Longo esquadraõ de gravidas botelhas

Qu'

(1) *Rifeos.* Montes altissimos da Scythia, ou antiga Sarmacia açoitados de perpetuos ventos.

Qu' as bocas vermelhas
Tem inda arrolhadas :
Destapemo-las ,
Despejemo-las ,
Eis já saltaõ as rolhas !
E envolto em alegria
Tres copos coroados
Já vejo , ó Celia , de espumosas bolhas.
As Orgias (1) celebremos :
Evohé ! Peian ! Cantemos ;
E c'os braços enlaçados ,
Ledos brindes revezados
Hoje a Bromio tributemos :
Qual de nós libar primeiro
Do seu copo o Nectar puro ,
Tome posse do terceiro...
Evohe ! que fui eu mais ligeiro !
Por mais qu' afane ,
Celia formosa ,
Por apartar-nos
A Sorte aveça ;
Naõ te pareça ,

Que

(1) *Orgias.* Festas de Bacco ; nome Grego dado antiguamente a toda a especie de Sacrificios.

Inter sacra Deum nocturnique orgia Bacchi.
Virg. Georg. L. IV. v. 521.

Que separar-nos
Ha de poder.
Já mais o liquor placido
Que do almo Dionyso (1) perfuma os altares
Desaloje cruentos pezares,
Cuidados mortiferos,
Remorsos anguiferos
Dessas almas obtusas, vulgares,
Que de nós murmuraõ,
Que brutais procuraõ
Hum laço desatar, qu' a sympathia
A nossos ternos corações forjára,
Que proteje a razaõ, qu' o Ceo ampara,
E mais aperta Amor de dia em dia.
Eis a mente veloz se anuvia!
O peito me enfurece
Fernetica alegria....
Evan (2)! que me parece,

Qu'

---

(1) *Dionyso.* Ou Dionysius, nome de Bacco derivado de *Dio* Deus, e *Niso*, ou *Nisa* Cidade que edificou.

Dionyson Indi existimant

Auzon.

Te Dionyse pater canimus Semeleia proles

Orph. in hymn. de Bacc.

(2) *Evan.* Voz das Baccantes nas festas de Bacco. *Cui Bacchae orgia celebrant, et carnes crudas comedentes Sa-*

Qu'em sanhudo Leaõ me converto...
Naõ me alucino, he certo,
Hispida juba na Cerviz me ondeia...
Garras crueis, rompentes...
Sanguineos olhos, aguçados dentes...
Ebrio furor me presta.
De me ver minha Celia naõ fujas
Que a Niseu (1) na figura imitando
Quando
Ao Tonante Jupiter
Os Gigantes barbaros
Desthronar pretenderaõ sacrilegos
Aquilaõ (2) tyrannico
Hei de ataçalhar.

Mas

---

cro furore initiantur, Evan Evan conclamantes, quae vox aspirata, seccundum exquisitam Hebraeorum linguam feminei sexus serpentem significat....

Euseb. Praepar. Evang. Cap. V. de arcanis myster. Gent.

(1) *Que a Niseu* etc. Quando os Gigantes quizeraõ escalar o Ceo Bacco tomando a figura de Leaõ os destruio, e precepitou a Rheco. Horat. L. II. Ode 19.

Tu cum parentis Regna per arduum
Cohors Gigantum scanderet impia,
Rhaecum retorcisti Leonis
Unguibus, horribilique mala.

(2) *Aquilaõ* Ou Aquilo vento Norte.

Mas guarida, que estou profligado
Da caterva dos horridos Euros,
Dá-me ó Celia, huma taça depressa
Do liquor de Bordeos (1) nacarado,
Possante,
Brilhante,
Cheiroso,
Gostoso,
Que envergonha ao Balais (2) rutilante
No rubor, no gentil luzimento,
Qu' intento
Vencellos,
Prendellos,
Prostrallos,
Deixallos
Sem vida.
Quando a taça me dás Celia querida,
Naõ he mais engraçada,
Que tu a linda Aurora.

De-

(1) *Bordeos.* Ou Bordeaux Cidade de França junto ao Rio Garona cabeça da Provincia de Guienna, onde nasce optimo vinho.

(2) *Balais.* Pedra como rubim muito brilhante.

De Balais, e Safira o solio duro
Formava hum jaspeado transparente.

Ulyss. de Gabriel Pereira de Castro Cant. I. oit. 17.

De luzes coroada
No rutilo Oriente.
Da fulgida carroça apavonada
Os frisões auri-roxos
Co' flagello de rosas castigados,
(1) Naõ tem mais graça...
Mas venha, a taça
Evohé! bebe hum gollo primeiro,
Que mais gosto maior fortaleza
Acharei no liquor lisongeiro,
Que das almas alija a tristeza,
As magoas suaviza,
E as rebeldes paixões tranquiliza.
Oh! naõ vês, Celia mimosa,
Apinhados
Pelo friso da taça formosa,
Em tumulto os Amores damninhos,
Debruçados

Dan-

(1) *Naõ tem mais graça.... Mas venha* etc. A esta suspençaõ de sentido he que os Rhetoricos chamaõ *Aposiopeses*, ou *Reticencia*. Virg. Æneid. L. I. v. 130. nos dá hum elegante exemplo, quando Neptuno indignado brada.

Jam Coelum, terramque meo sine numine venti
Miscere, et tantas audetis tollere moles?
Quos ego.... sed motos praestat componere fluctus.

E Camões Lus. Cant. II. oit. 41.

Mas moura em fim nas mãos da bruta gente,
Que pois eu fui.... e nisto de mimosa etc.

Dando sorvos, piscando os olhinhos?
Olha alguns, qu' embriagados
Com semblante furibundo
Dentro olhando a propria imagem,
Querem dar-lhe, e despenhados
Percipitaõ-se no fundo:
Do marulho, e da voragem
Os mais ficaõ salpicados,
E as cabeças sacudindo
Dos parceiros se estaõ rindo.
Ah! Celia, Celia amada
A' pressa agora Impina
A taça crystallina,
Se queres ter Amor:
Porém se és meiga,
Terna, constante,
Fiel amante,
De que te serve
Este liquor.
Silencio! silencio! ninguem me perturbe,
Alto influxo a cantar me afervora:
Já tomo a ebórea Cithara;
Para a referta impavido
Vos desafio, leves Meonides; (1)

Sois

(1) *Meonides.* As Musas.

Sois poucas,
Sois loucas,
Sois roucas;
Meu canto vence-vos, deixa-vos tremulas
O vosso he languido, barbaro, frivolo,
Ah! vinde ligeiras ser minhas emulas;
Porque meu estro altivolo
Como (1) ás filhas fizeste de Pierio,
E ás gentis Acheloides (2) argutas,
Se cantar intentardes comigo,
Vos fará deste arrojo em castigo.
Eia das frias Orcades (3)

O

Facilesque vocat pariter studioque, locoque
Maeonides. Ovid. Met. V.
Tu mihi, seu doctas percurris Palladis artes,
Maeoniaeque;.... Sannaz. Eclog. V.

(1) *Como ás filhas fizeste de Pierio.* As filhas de Pierio querendo competir com as Musas ficaraõ vencidas, e em castigo do seu arrojo as vencedoras as converteraõ em pegas.

Vê Ovid. Met. L. V.

(2) *Acheloides.* Eraõ as Sereias filhas de Achelôo, e Calliope, quando Plutaõ roubou Proserpina, as Acheloides, que eraõ Nynfas desta Deosa, pediraõ azas a Jove para a procurarem, mas competindo com as Musas estas as depennaraõ, e castigáraõ.

Vê Ovid. Met. L. V.

(3) *Orcades.* Ilhas do Oceano ao Septemtriaõ da Escocia

O almo sumo vitigineo
Tragaõ-me á pressa, que nunca embriaga,
Que pretendo cantar dignamente
O vencedõr potente
Dos fulos Povos da Memnonia (1) plaga.
Deliro! naõ, eu vejo
Esquadrões horridos,
Turmas armigeras
Nos campos bellicos,
Movendo escandalo
Aos Numes Celicos,
Saõ os Povos barbaros
Da Zona (1) Soligera,
Que no carro luminoso
Vem Titaõ (3) flammi-crinado
Quan-

---

afirma-se, que o vinho destas Ilhas por mais, que se beba, naõ embebeda.

Vê Camden. descript. magnae Britann.

(1) *Memnonia plaga.* O Oriente assim chamado de Memnon filho da Aurora. Neste Paiz foi onde Bacco fez as suas maiores conquistas.

Vê Cam. *Lus.* Cant. I. oit. 30.

(2) *Zona Soligera.* Ou Zona torrida, he aquella parte da esfera comprehendida entre os Tropicos de Cancer; e Capricornio.

(3) *Titaõ.* O Sol.

Quando já meio acordado
Faz ao dia perguiçoso
Despertar do claro Ganges (1).
Dôr he vêr entre as fuscas falanges
Como aqui, e alli guerreiro
Évio ligeiro
Toma a setta, arma o arco, aponta, mata,
E as timidas Cohortes
Com repetidas mortes
Soberbo desbarata.
Do falerno purpurino
De Mareotis (2) famosa

En-

Nullus adhuc mundo praebebat lumina Titan
Ovid. Meth. L. I.

..... *ubi primos crastinus ortus*
Extulerit Titan radiisque retexerit Orbem.
Virg. Æneid. L. IV. v. 118.

(1) *Ganges.* Rio da India o mais consideravel do Mundo; chega a ter 5 milhas de largo: nasce no monte Dalanguer, nos confins da Tartaria, atravessa o Imperio do Mogol, e mete-se no golfaõ de Bengala.

(2) *Mareotis.* Huma parte do Epyro onde se criava excellente vinho. Virg. falla deste sitio nas Georgicas L. II. v. 91.

Sunt Thasiae vites, sunt et Mareotides albae
E Horac. L. I. Ode 37.

Encho hum copo crystallino
Eilo he teu, Celia mimosa,
Aceita-o,
Empina-o,
Esgota-o,
Que eu mais dois encho ligeiro
De outra especie mais gostosa;
Que liquor taõ lisongeiro!
Na viva côr excede ás vivas brazas
Dois copos tenho, ó Ceos! Saõ duas azas!
Deixem-me,
Larguem-me,
... Naõ me segurem qu' as forças me quebraõ
Eu subo ás amplas Regiões Sidereas:
Ver pretendo se os Numes celebraõ
Lá no Olympo (1) tambem Antisterias (2)
Evo-

Mentemque limphatam Mareotico
Redegit in veros timores
Caesar....

(1) *Olympo.* Monte altissimo entre Macedonia, e a Thessalia, consagrado a Jove: toma-se pelo mesmo Ceo.

Flava Ceres alto nequicquam spectat olympo
Virg. Georg. L. I. v. 96.

(1) *Antisterias.* Festas que os Athenienses faziaõ pela primavera no mez chamado *Antisterion*, ou *floreal*, e todas

Evohé! Sacro Osiris (1) potente!
Naõ ha vinho que mais me contente
Nem que tanto meus olhos deslumbre
Como o do Rheno,
Suave, ameno:
Nem hum vislumbre
Tenho agora dos negros cuidados,
Que turbavaõ meus dias cançados.
Saboé! que furor me transtorna!
Soccorraõ-me, ajudem-me
A subir té á boca esta dorna:
Quero empinalla,
Quero liballa,
Quero esgotalla
Em honra do Nume Thyrsigero,
Que as magoas adoça,
A rugada velhice remoça,
E qu' açaima os Pezares cruentos.

N Zu-

---

as festas de Bacco tinhaõ este nome. Vê Marcobio L. I. Cap. 14.

(1) *Osiris.* Nome de Bacco no Egypto.

Te canit; atque suum pubes miratur Osirim.
Tibul. L. I. Eleg. 7.

Ogigia me Bacchum vocat.
Osirim Ægyptum putat.
Ausonio.

Zunaõ ferozes desavindos ventos;
Toldem-se os frios ares;
Rebemtem nos recifes pedregosos
Negros revezos mares;
Troem roucos trovões estrondosos:
De horror na esfera escura
Os lentos passos mais ligeiras movaõ
Elice (1) tarda, e a tarda Cynosura (2)
Que nunca as aguas de Amphitrite (3) provaõ.
Com fragor horrido

Das

---

(1) *Elice.* A Ursa maior tambem chamada Callisto, he huma constellaçaõ boreal, que parece girar em torno do Polo.

(2) *Cynosura.* A Ursa menor. Conta a Fabula, que Callisto sendo violada por Jove de quem tivera hum filho chamado Arcas, excitou os ciumes de Juno, que a transformou em Ursa: Arcas sem a conhecer, hum dia na caça, a quiz matar, Jove impedio este parricidio convertendo Arcas tambem em Urso, e collocou Mãi, e filho entre as Estrellas junto do Polo: Juno por se vingar pedio a Thetys que nunca as deixasse banhar nas suas aguas. Vê Hig. L. I. Fabul. 177.

Vimos as ursas a pesar de Juno
Banharem-se nas agoas de Neptuno
Cam. Lus. Cant. V. oit. 15.

(1) *Amphitrite.* Deosa do mar mulher de Neptuno: toma-se pelo mesmo mar.

Ovid. Metham. L

Das encontradas nuvens nimbiferas
Chovaõ trisulcos, tortuosos raios:
Ecco (1) fragueira tresdobre á porfia
O horrisono ribombo
Na ouca penedia;
Qu' eu rio, e zombo
Dos soltos ventos,
Revoltos mares,
Trovões ruidosos,
Raios trifurcos,
Eccos medonhos,
E resupino
Hum grato almude
Hoje á saude
Ledo lhe imp'no.
Evan! Que vejo eu sonho!
Eis se me antolha
De Baccantes hum bando risonho
Celia, que fazes? olha...

Nec brachia longo
Margine terrarum porrexerat Amphitrite.

(1) *Ecco.* Era Nynfa amante de Narciso, e sendo desprezada por elle, se occultou entre as penedias, onde de magoa morreu, e foi convertida em pedra. Juno lhe tirou o uso da falla em castigo de a querer illudir com falsos contos, e mandou, que só repetisse o que os outros dissessem.

Naõ escutas o som nos fundos valles
De tubas clangorosas,
De roucos ataballes,
De stridulos pandeiros,
De Anafiz, de buzinas espantosas?
Naõ vez como ligeiros
De corymbos, e parras coroados,
Dos crespos silvados
Das lobregas grutas
Com tarros de Lieu nas mãos hirsutas
Saltaõ (1) silvicolas Satyros (2) sofregos,
As plantas caprinas leves trocando;
E o desenvolto corni-pede bando
Naõ ouves cantando
O' Bacco Evohé!
Que refusas! vamos
De Niseu ás festas,
As testas

Gin=

(1) *Saltaõ* etc. Neste verso Coriambico, se observa a figura Parameon, e a Onomatopeia.

(2) *Satyros.* Deidades campestres cornigeras, com orelhas asininas, e pés de cabra: acompanhavaõ a Sileno, e a Bacco.

... *et aures*
Capripedum Satyrorum acutas
Horat. L. II. Ode 19. a Bacco.

Cinjamos
De verdes pimpolhos...
Mas que vejo! dois Eus (1), duas Celias!
Evohe! Numen Nisceno,
Que meus olhos obumbrados
Fazem-me, tornaõ-me
Os presentes objectos dobrados:
Pois naõ he por estar vinolento.
Que dita! que portento!
O Destino endeosou-me
Em Bacco transformou-me,
Sou Bacco, e naõ duvides...
Das verdejantes vides
Em mim o Nume adora,
Agora
No Sacrosanto Nectar me embriago.

A

---

(1) *Dois eus* etc. Entende-se que vejo a minhá figura duplicada como se me visse a espelho, ou tomasse a minha sombra por outro eu, effeito da vinolencia como se vê nos outros quatro versos seguintes: Em quanto ao dar ao pronome *eu* o plural *eus*, entre varios exemplos que podia allegar, exponho este de Heitor Pinto no seu Dialogo da Religiaõ Cap. III. folh. 61. v. Edic. de 1591. *Em mim ha dois Eus, e isto ha em todos os homens, hum segundo a carne, outro segundo o espirito.*

A azul Esfera
Veloz transago
Por mim, Celia gentil, hum pouco espera,
Qu' a Jove revôo fulmini-potente
Para que lá no Olympo fulgente
D'um throno luzente
A posse me dé.
Ceos! qu' em prazeres ardo!
A Deos Celia: naõ tardo.
Peian, Bacco! Evohé.

O

ADVERTENCIA.

O ter havido quem julgasse, naõ só que muitos dos versos destes meus Dithyrambos eraõ duros, e errados; porque naõ coincidiaõ em accentos, e numero de syllabas com os que se usaõ trivialmente, mas tambem, que eraõ ficticios, e arbitrarios os nomes, que nelles vem conhecidos na Mytheologia, Historia, Geografia, Astronomia etc. e o querer eu satisfazer, ainda mesmo aos Censores desta Classe para me poupar ás criticas filhas da pouca intelligencia, que saõ as mais frequentes, foraõ os motivos que me obrigaraõ a escrever estas notas, explicando, e authorizando com exemplos de Authores Classicos, e conhecidos, ainda as cousas mais sabidas e usuais, que tudo he pouco para illustrar, e pôr termo ás censuras dos que dizem mal porque naõ entendem.

O TEMPLO DE GNIDO.

DA molle cama de rosas
O frouxo Morfeo se erguia,
E dos cem filhos cercado,
Sobre os Humanos descia.

Eu minha Annalia tyranna,
Pensando nos teus rigores,
Pranteava a desventura
Dos meus infaustos Amores.

Eis que hum aligero Somno
Em torno de mim voava,
E das narcoticas flores
Minha frente coroava.

Logo junto de mim vejo
Hum terno Menino alado,
Em cujo lindo semblante
Brilhava hum risonho agrado.

Puxando por mim, diz ledo:
» Eia mortal, vem comigo,
» Vem ver Annalia, qu' intento
» Ser brando hum' hora comtigo. »

Plumosas azas me presta;
Ambos os ares cortámos,
Taõ leves, que aos leves ventos
Após vencidos deixámos.

Sobre a magestosa Gnido
Nosso vôo suspendemos:
E ás faldas de hum fresco monte
Com brando adejo descemos.

Crespa murta, Pafias rosas
Toda a terra tapizavaõ,
Por entre as quaes serpeando
Mansas aguas murmuravaõ.

Nisto o meu Guia se occulta,
Dizendo-me » Eis de Accidalia
» O sacro monte; aqui pódes
» Ver meiga comtigo Annalia.

Logo subo á fresca cima,
Nella erigido contemplo,
Topetando co' as esferas
Da Deosa o Sagrado Templo.

Corinthias altas columnas,
A faxada guarneciaõ;
Em grossos quicios fulgentes
Eburneas portas gemiaõ.

Chego ao atrio sumptuoso,
E a penas os lares piso,
Da magestade que vejo
Assombrado me diviso.

Fulvo metal reluzia
Nos soberbos alizares;
De gemmas se adereçavaõ
Os thuricremos altares.

Pelas douradas paredes
Em quadros d'alta memoria,
Da Deosa se contemplava
Toda a lisongeira historia.

Nos Frygios campos se via
Meigo o semblante formoso,
Nos braços terna apertando
O Pai do Teucro piedoso.

N'outro quadro ao terno Adonis
Sobre seu collo amimava;
E as roseas faces imberbes
Com vivo ardor lhe beijava.

Em torno os meigos Prazeres
Voar se viaõ gostosos,
E os Zefyros entre os ramos
Suspirarem d'invejosos.

Em fertil gramineo monte,
Que ao fresco Tempe excedia,
Manso gado pastorando
D'Hecuba o Filho se via.

Alli a bella Dione
As nuas carnes mostrava,
E na belleza vencidas
As outras Deosas deixava.

Notava-se o aureo pomo
Da torva Discordia fera,
Que em troco de altos amores
O Pastor d'Ida lhe déra.

Mil cousas contemplo, menos
As redes de subtil arte,
Com qu' o zeloso Vulcano
Preza a tivera com Marte.

Junto ao Portico soberbo
Diviso hum Minino alado,
N'um throno de ouro radiante.
De arco, e de setas armado.

Cultos lhe dou reverente;
Quando esta voz me estremece;
» Naõ he Amor o que adoras,
» He o sagaz Interesse. »

Entaõ reflicto por vello
Tanto ao Numen parecido,
Quantas vezes me haveria
Com seu aspecto illudido.

No topo do excelso alcaçar
Vejo hum altar magestoso,
Sobre tres degráos soberbos
De Assyrio marfim lustroso.

Aureo docel recamado
De Perolas indianas,
Prezo com festões de flores
Tolda as aras soberanas.

No relevo das molduras,
Que o rico throno cercavaõ,
Mil fulgurantes Pyropos
Mais do que o Sol radiavaõ.

Aqui a bella Accidalia
Taõ magestosa se via,
Que n'alma em hum mesmo tempo
Gosto, e respeito infundia.

Alvas roçagantes vestes
D'aljofar alcaxofradas,
Parte dos membros mostravaõ
Em ricas prisões tomadas.

O Ocio, a Ternura, as Graças
Em torno offrendas faziaõ,
De gratos Sabéos perfumes,
Que ao ar de fragrancia enchiaõ.

Em quanto alegre isto observo,
Hum grande estridor contemplo;
Volto o rosto a ver quem era,
Que assim perturbava o templo.

Entre huma chusma de Amores,
Aureos fuzis arrastrando,
Te vejo entrar, minha Analia,
Ternos soluços soltando.

Chegar á Pyra, e jurares
A Amor, pelos Ceos sagrados,
Que só Belmiro seria
Emprego dos teus cuidados.

Que mais piedosa, que d'antes,
A pezar da iniqua sorte,
O puro amor que juravas
Duraria além da morte.

Caber naõ póde em meu peito
O bem qu' escutando estava;
Quiz soltar esta voz terna,
Que a minha gloria dictava.

» Graças aos Ceos que te vejo
» Hum dia comigo amante, »
Mas nisto acordo, e dos olhos
Me foge a scena brilhante.

Entaõ pondero assim vendo
Os meus prazeres frustrados,
Que os gostos que tem hum triste
Até saõ breves sonhados.

APOLOGO I.

O Rouxinol, e a Cigarra.

NAs horas da calma ardente
Hum Rouxinol sonoroso
Doces gorgeios soltava
Sobre hum loureiro frondoso.

Dois Pastores que defronte
A' sombra estavaõ sentados
Seu grato cantico ouviaõ
Embebidos, e encantados.

Eis Cigarra presumpçosa,
Qu' a leda scena observava,
Pousou no extremo do ramo
Onde o Rouxinol cantava.

E d'impia inveja mordida
Lhe diz: Teimoso socega,
» Que das aves importunas
» E's o maior cegarrega.

» Insessante dia, e noite
» Atrôas todo este prado:
» Com teus dissonantes guinxos
» Tens-me os ouvidos quebrado.

» Atento hum pouco me escuta
» Se cantar melhor pretendes,
» Qu'inda que tens a voz rouca
» Ao menos o estylo aprendes.

O doce Musico alado,
Sem dar assenso á invejosa,
Proseguio com mais doçura
Na cantilena saudosa

Ella entaõ por ver se acaso
O turbava, e confundia
A cantiga estrugidora
Ferverosa principia.

Hum dos Pastores irado
Contra a louca impertinente
Diz: Aguarda toma o premio,
» De cantiga taõ cadente.»

Ergueu-se, e com maõ taõ certa
Lhe atira huma torroada
Que á mal fadada cantora
Cahio por terra esmagada.

Se a inveja assim castigassem
Naõ seriaõ turbadoras
Dos Rouxinois do Parnaso
Cigarras estrugidoras.

APOLOGO II.

» *O Touro, e o Leaõ.* » (1)

VEndo hum Touro, que tragava
Torvo Leaõ certa rez,
Assim o increpa: *Essa triste;*
Que mal, ó impio, te fez?

As garras em sangue ensopas,
Esmeras-te em fazer mal,
Manter naõ podes a vida
Sem que pereça hum mortal?

Toma exemplo em mim que pasto
As hervas, que os prados tem,
Que posso estear meus dias
Sem fazer mal a ninguem.

Ora o mundo está perdido:
Ninguem (Lhe torna o Leaõ)
Vè a tranca nos seus olhos.
He bem certo este rifaõ.

Se-

(1) A rima deste Apologo he feita em versos agudos

Se para manter a vida
Sou dos viventes algoz,
Cumpro á risca huma lei dura,
Que a natureza me impoz.

De buscar a subsistencia
Temos justa obrigaçaõ:
Eu se mato he por manter-me
Logo o que obro he com razaõ.

Mas tu que d'hervas te nutres,
Naõ precizas fazer mal,
Com tudo em teus páos cruentos
Dás fim a tanto mortal.

Reflecte, qual de nós ambos
Deve o nome de impio ter,
Se tu, que matas por gosto,
Se eu, que mato por comer.

Para increparmos os outros
Sempre buscamos razaõ.
Sem vermos, que ás vezes somos
Peiores do qu' elles saõ.

» APOLOGO III. »

» *O Pastor, e o Lobo.* »

HUm Lobo velho, e sabido
Por mal feitor conhecido,
Hum dia tendo observado
Em densa moita escondido
D'um caõ, que guardava o gado
A vida farta, e ociosa,
Cheio de inveja, e de enfado
Assim ergue a voz queixosa:
» Quanto infausto me imagino
» Se com a deste rafeiro
» A minha sorte combino,
» Elle dorme o dia inteiro,
» Dorme a noite soccegado;
» Eu se durmo algum bocado
» He com sustos, com temores;
» Elle vive entre os Pastores,

» He querido he estimado,
» Eu por todos sou odiado
» Vivo errante, e perseguido
» Pelas brenhas escondido:
» Elle a farto sempre come,
» Eu por vida trago fome:
» Qual será pois o motivo
» De eu viver no mal que vivo,
» E elle em dita, e bem tamanho?
» Talvez he, porque elle austero
» Guarda as rezes do rebanho?
» E eu se algum cordeiro apanho
» Logo o mato, e dislacero?
» Daqui vem ser elle tido
» Por fiel, por comedido
» E eu por máo, por impio, e fero:
» Naõ, de vida mudar quero,
» Que já basta de andar nisto:
» C'os zagaes desta espessura
» Passo a ver se me bem quisto,
» E se obtenho tal ventura,
» Qual obtem este rafeiro,
» Se topar algum cordeiro
» Do rebanho tresmalhado,
» Hei de tello aprisionado
» Té que venha o Pegureiro

» Para ver que eu naõ apanho,
» Antes guardo o seu rebanho «.
Disse, e logo apressurado
Sai da moita onde jazia.
Muito andado naõ teria
Quando topa n'um vallado
Hum cordeiro desgarrado,
Nelle salta, eis o segura,
E que o veja alguem procura
Como tinha projetado,
Por mostrar aos Camponeses,
Que taõ bem lhes zela as rezes.
Ora a fome que trazia,
Que o tragasse lhe pedia:
Mas a dita, qu' esperava
Os desejos lhe abafava;
Nisto assoma o Pegureiro
Em procura do cordeiro:
Topa o Lobo, e cego d'ira
Sem sessar pedras lhe atira:
Eis o triste qu' o esperava
Sem fugir para elle olhava,
Como quem dizer queria,
Que elle o gado naõ comia
Antes fido lho guardava:
Mas no meio do conflicto

O

O Pastor feroz tomando
A virtude por delicto,
Sobre o Misero saltando
Hum tal golpe lhe desfeicha,
Que no chaõ por morto o deixa.
Que as acções mais virtuosas
Dos máos, por máos conhecidos,
Para os olhos prevenidos
Sempre saõ más, sempre odiosas.

APOLOGO IV.

O Pombo, e a Raposa.

CErto Colono criava
Com terno amor hum Pombinho;
Que implume tirou d'um ninho,
Que n'uma Oliveira estava.

Num soto espaçoso o tinha
De arame engradado todo,
Comer lhe deitava a rodo,
E em tratallo se entretinha.

Refletindo, que seria,
Viver só, cousa penosa,
Alva Pombinha amorosa
Lhe deu para companhia.

O tenro Pombo gosava
De immensa felicidade,
Que á excepçaõ da liberdade,
Tinha quanto desejava.

Mas

Mas deste bem descontente
Em dura magoa vivia ;
Junto á grande noite, e dia
Fugir buscava impaciente.

Se vinha a Esposa intentando
Beijallo, tinha bicádas,
Ferviaõ d'aza as pancadas,
Dando voltas, e arrulando.

Quando algum seu companheiro
Os ares cortando via,
Tristes lamentos fazia
Chorando o seu captiveiro.

Mas descuidou-se huma vez
O dono indo a porta abrir,
Elle achou léo de fugir,
E eterna surtida fez.

N'um verde apartado oiteiro
As leves azas fexando,
Entrou n'um bravio bando
De Pombos por companheiro.

Alli tristezas morrêraõ,
Fugiraõ males antigos,
Inda que os novos amigos
A' pancada o recebêraõ.

Eis passado hum breve espaço,
Quando estava mais contente,
Vio cahir incautamente
Hum companheiro n'um laço.

Em quanto o pobre adejava,
Fogia o bando medroso;
Mas troou tiro horroroso,
Que dois por terra lançava.

O nescio Pombinho anciado
Nem de susto bem resfoga,
Quando hum fero Açor empolga
Hum que ficava ao seu lado.

De horror cheio os vôos ergue,
E entrando em moita soturna,
Vai-se esconder n'uma furna
De velha Rapousa alvergue.

Naquella horrenda espelunca
A noite, e o dia consome,
Sem ver luz, morto de fome,
E ainda mais prezo que nunca.

Já d'horrores combatido
O antigo estado appetece,
Que o bem nunca se conhece
Senaõ depois de perdido.

Vendo perto a dura morte
Clamou: *Já venturas tive*;
Mas ninguem contente vive
Com sua boa, ou má sorte.

No meu estado feliz
O alheio estado invejei,
O bem pelo mal troquei,
Por gosto infortunios quiz.

O' liberdade, ó negaça
De tanto infausto vivente,
A tua dita apparente
Sempre termina em desgraça.

Em tanto que assim clamava
Entra a dona do aposento,
Que em vaõ buscando sustento
Havia tempos que andava.

Mas porque nelle achou falha
Tinha occupado as amigas,
Que todas lhe deraõ figas,
Mas de comer nem migalha.

As orelhas pondo fitas
Lança a vista ao Camarada,
E de o ver toda admirada
Diz: *Ui temos cá visitas!*

Ao lar alheio abastado
Fui pedir, envergonhei-me,
Vim ao meu remediei-me:
Naõ ha mais certo ditado.

Depois ao triste chegando
Fez-lhe grande cortezia,
E estas lerias lhe dizia
Da cauda a ponta abanando:

Se eu ha mais tempo soubera
Quem este alvergue me honrava,
Ao meu dever naõ feltava,
Mais cedo vindo tivera.

Mas perdoe a grosseria
D'esta sua apaixonada,
Que gente em montes criada
Naõ póde ter cortezia.

Diga-me, a sua Senhora
Onde ficou, foi na rua?
Pois esta caza era sua,
Naõ fez bem ficar lá fora.

Cá huma visita, ou duas
Naõ faz nenhum embaraço:
Mas vamos venha esse abraço,
Que tenho saudades suas.

Nisto ao Pombinho se avança,
Que em vaõ por fugir-lhe adeja:
Ella salta, ella forceja
Até que as unhas lhe lança.

E diz, *O' caõ mal criado:*
Pedir-lhe, á perto d'hum' hora;
Hum abraço huma Senhora,
E moita ficar parado!

Ora ande, leve esta esmola
Para naõ ser desattento:
Eis o abóca, e n'um momento
Lhe deu no buxo gaiola.

Quem no seu ditoso estado
Deixa de ter permanencia,
Naõ crimine a Providencia
Se tiver fim desgraçado.

APOLOGO. V.

A Raposa, e e Lobo.

» COmpadre, (contaõ (1) que ao Lobo
» Disse a Raposa huma vêz)
» Pari dois filhos, e agora
» Naõ mos comas por quem és.

» Naõ, Comadre, está segura
(Logo o Lobo lhe tornou)
» Que nunca em damno de amigos
» O meu dente se embotou.

» Lembra-me inda aquelle Inverno,
» Em que taõ doente andei,
» Que dos teus roubos, e traças,
» Comadre, me sustentei.

» Mas

(1) A invençaõ deste Apologo naõ he totalmente nova, por isso uso da palavra „ contaõ. „

» Mas he preciso, que delles
» Me dês agora os sinais,
» Para isentallos da morte
» Quando for comer os mais.

De gosto com tal promessa
A Rapousa regougou;
E catando-lhe huma orelha
Desta sorte lhe fallou:

» De todos os Raposinhos,
» Que has de Compadre encontrar,
» Os mais nedios, mais formosos
» Saõ os meus, naõ tens que errar. »

Com estes signaes sómente
O Lobo se despedio;
E logo em busca de preza
A's vastas brenhas partio.

Em huma idionda furna
Aonde a fome o levou,
Mui feios, sujos, e auguados
Dois Raposinhos achou.

» Naõ saõ os da minh' amiga
» Pelos signaes que me deu. »
Disse; e lançando-lhe as garras
Ambos matou, e comeu.

Eis entra a Raposa, e clama
Vendo o successo: » Ay de mim!
» Ay de mim! negro Compadre,
» Que aos filhos meus déste fim.

» Taõ incessante rogar-te
» Ay triste! naõ me valêo. »
Mas nisto o prudente Lobo
Severo lhe respondeo:

» Pelos signais que me déste,
» Os teus filhos naõ comi;
» E se estes eraõ teus filhos
» Entaõ queixa-te de ti.

» O muito que tudo nosso
» Com excesso nos apraz,
» Quasi sempre he quem no mundo
» Mil prejuizos nos faz. »

APOLOGO VI.

O Gato, o Caõ, e o Rato.

A' volta do dia
Da fome obrigado,
Medroso sahia
Ratinho esfaimado
Da toca sombria.

Aprôve á desgraça,
Que hum Gato daninho,
Que alli veio á caça,
Do triste Ratinho
Cruel preza faça.

Os dentes roedores
Feroz lhe cravava;
Envolto em suores
O triste clamava
Chiando co' as dores.

He crime execrando
Buscar o sustento
O Gato rosnando:
He; disse, e cruento
O foi lacerando.

Hum Caõ que escutava
A queixa sentida,
Que as almas cortava,
No fero homicida
Os dentes ferrava.

O qual sem alento
» *Cruel*, lhe dizia,
» *Porque és taõ cruento?*
» *Foi crime algum dia*
» Buscar o sustento?

O Caõ no conflicto
Lhe diz » *Melhor pensa*
» *No teu proprio dicto*,
» *Tu déste a Sentença*,
» *Eu puno o delicto.*»

» *Rou-*

» *Roubaste huma vida,*
» *Naõ peças desculpa;*
» *Que além de homicida,*
» *Réo foste da culpa,*
» *Que deixas punida.*

» *Se quando intentasses*
» *Qualquer acçaõ dura,*
» *Por ti te julgasses,*
» *Igual desventura*
» *Talvez naõ provasses.*

APOLOGO VII.

Os Rafeiros, e o Goso.

MOrreu hum nedio cabrito,
E o Guardador dono delle,
Depois de tirar-lhe a pelle,
Aos cães no campo o deitou.

Logo d'hum monte chegado
Tomando os ventos, e o cheiro,
Veio hum possante Rafeiro,
Que da preza se apossou.

Depois hum Goso chegando
Quiz tambem ser camarada;
Mas levou tanta dentada,
Que na empreza desmaiou.

Ganindo, e lambendo os beiços
Poz-se de parte sentado,
Até que desenganado
Outro partido buscou.

Foi-se ao casal mais vizinho,
E ao caõ que guardava a porta
De que havia huma rez morta
Naquelle campo, avisou.

Sem que a nova agradecesse
O convidado Rafeiro,
Atraz do Goso matreiro
De corrida caminhou.

Eis que á preza se aproxima
Ladrando, e os ares mordendo;
Mas o que estava comendo
Adiante se atravessou.

Mostrando os mordazes dentes
Hum ao outro se avizinha,
E entre o qu'estava, e o que vinha
Pendencia atroz se travou.

Eilos nas pernas se empinaõ,
Salto agora, agora tombo,
Dentes ferrados no lombo
Largou este, este filou.

Em tanto o ladino Goso
Esta aberta aproveitando,
Nos restos da rez saltando
Nem migalha esperdiçou.

Depois de bem lacerados
Os dois á preza voltáraõ;
Mas só o sitio lhe acháraõ,
Que nada o Goso deixou.

Ah! quantos destes exemplos
Naõ vemos na redondeza
Depois qu'a torpe avareza
Seu veneno propagou.

Em quanto se debellaraõ
Outro, e tu n'um pleito odioso,
Houve quem foi mais doloso,
Que sem nada ambos deixou.

APO-

APOLOGO VIII.

O Pavaõ, e o Burro.

HUm Pavaõ, e hum Burro annoso!
N'um oiteiro se encontráraõ,
E naõ sei em qual das linguas
Larga conversa traváraõ.

O Pavaõ em seu abono
Mil cousas trazendo á balha,
(1) D'Argos naõ lhe esquece a Historia
Nem o successo da gralha (2).

Atraz naõ ficando o Burro,
D'um seu parente lhe conta.
Que deu n'um Leaõ dois coices (3)
Por despicar certa affronta.

Com

(1) Vê Ovid. Meth. L. I.
(2) Vê Fedro Fabula III. *Graculus superbus*
(3) Vê Fedro Fabula XXI. *Leo senio confectus.*

Com estas, e outras conversas
Travárao mutua amizade,
Na qual o tolo sendeiro
Tinha a mais nescia vaidade.

Sómente pelos influxos
Da companhia em que andava,
De que era Burro esquecido,
Outro Pavaõ se julgava.

A cabeça arribitando
O pescoço entumecia,
E sobre as peladas ancas
Da cauda as sedas abria.

Em taõ celebre figura
De muitos seus camaradas,
Ou por tolice, ou por moſa
Levava mil pavonadas.

O Pavaõ vendo tais fumos
Lograva o pobre sendeiro,
E as mais das noites fazia
Do seu costado poleiro.

Hum dia estando ambos juntos
Sobre hum ingreme rochedo,
O Pavaõ soltando as azas
Vôa sobre hum arvoredo.

O Burro qu' atraz naõ fica
O amigo imitar querendo,
Solta-se, e entra a dar aos braços
Tambem voar pretendendo.

Do cimo do alto rochedo
Cahindo precipitado,
Baqueia na terra dura,
Onde fica arrebentado.

Nescio imitador, sentido,
Se falto de azas te sentes,
Porque vês voar os outros,
Voar tambem naõ intentes.

De exemplo o Burro te sirva,
Modera a tua afoiteza;
Transpôr as metas naõ ouses,
Que te poz a natureza.

APOLOGO IX.

» *A Raposa, e o filho.* »

N'Um covil de urzes cuberto,
De ferteis campos vizinho,
Huma Raposa já velha
Deu á luz hum Raposinho.

Vinheiros, e Cassadores
A' porfia lhe matavaõ
Quantos filhinhos paria
Apenas fóra os topavaõ.

Velha a triste se observava,
E na tropega velhice
Ter desejava hum esteio,
Que d'amparo lhe servisse.

Por isso no tenro filho
Punha incessante cuidado,
Temendo qu' o fim levasse,
Que os mais lhe tinhaõ levado.

Pe-

Pelos campos mais vizinhos
Hia buscar-lhe o sustento,
Sem consentir que da furna
Sahisse fóra hum momento.

Sómente em noites d'Estio,
Em quanto a manhãa naõ vinha,
O deixava junto á cova
Dar a sua carreirinha.

Porém o matreiro filho
Assim que fóra a pilhava,
Fazia immensas diabruras,
E hum momento naõ parava.

Andava em perpetuo giro
Da boca da furna ao centro,
Sahia, e de rabo alçado
Vinha a correr para dentro.

Em tanto a pobre Raposa
Mil trabalhos supportava,
A' espera as vezes d'um grilo
Horas inteiras passava.

Com limitado alimento
O lasso corpo nutria ;
Para qu' o filho comesse
Muitas vezes naõ comia.

Quando vozes, ou latidos
Dalli mais perto escutava,
Por cautella aquelle dia
Fóra, hum só passo, naõ dava.

Havia algumas semanas,
Que pouco, ou nada comia ;
Passava fomes immensas
Mas sem desastres vivia.

Porém, ou fosse dos annos,
Ou de vida taõ penosa,
Cahio gravemente enferma
A Raposa lastimosa.

Entaõ com lagrimas ternas
De parte o filho chamando,
Estas palavras lhe disse
Lambendo-o de quando, em quando:

» Em quanto pude, meu filho,
» De sustos viveste isento,
» Com fadigas com trabalhos
» Vinha trazer-te o sustento.

» Agora he bem, que me faças
» O mesmo que te fazia
» Qu' huma infeliz alimentes,
» Que em teu soccorro confia.

» Mas antes qu' ao mundo saias
» Quero sãos conselhos dar-te:
» Sou tua Mãi, sou mais velha,
» E a viver devo ensinar-te.

» Em teus irmãos toma exemplo,
» E igual desventura evita:
» Aprende á custa dos outros,
» Que naõ he pequena dita.

» Na abundancia naõ confies,
» Della nunca apreço faças,
» Qu' a abundancia as mais das vezes
» Traz comsigo mil desgraças.

» Distante desta caverna
» A caçar nunca te afoites,
» Porque logo que te assaltem
» Naõ terás onde te accites.

» Ensinou-me a experiencia;
» Segue o systema que sigo,
» Antes fomes sem desastres,
» Que farturas com perigo,

Em tanto o filho impaciente
Estas rasões mal ouvia,
Morto por sahir pensava,
Que o tempo já lhe fogia.

Ao campo sahio, e alsando
Contra os ventos o focinho,
Partio saltando aos pés juntos
Sem farejar o caminho.

Como doido sem cessar
Montes, e valles correu,
E falto de reflexaõ
Da furna o tino perdeu.

Entrou n'uma fertil vinha,
E sobre as uvas saltando
Sem se lembrar de mais nada
Comeu, que ficou impando.

Depois sahio, foi deitar-se,
E assim com sigo rosnava:
» Amizade naõ me tinha
» Quem deste bem me privava.

» Se minha mãi passa fomes
» Por tolice, ou por molluria,
» Eu naõ sou tolo, naõ quero
» Viver por gosto em penuria.

» Naõ, outra vez lá naõ torno,
» Verei agora o que come,
» Já que de fomes gostava
» He bem que morra de fome.

Disse, no somno pegou,
E hum largo espaço dormio;
Depois que dormio se ergueu
Experguiçou-se, e partio:

Tornou pelo vêzo á vinhã,
Já das uvas naõ fez caso;
Entrou n'uma capoeira,
Que damno! tudo foi razo!

Ao grande motim que fez
Hum Caseiro despertou,
E taõ ligeiro acodio,
Que na embuscada o pilhou.

Erguendo hum páo ás mãos ambas,
Huma lambada lhe atira,
Que se em cheio lhe acertasse,
De meio a meio o partíra.

D'esquentilhaõ foge o triste,
Mas encontra ao mesmo passo
Hum Vinheiro, que lhe prega
Hum tiro pelo espinhaço.

Uivando tinto de sangue,
Sem atinar por onde hia;
Debalde em busca da cova
Montes, e valles corria.

Em tanto a pobre Rapoza,
Que sem alentos estava,
Mais, que a falta de sustento,
A do filho lamentava.

Arrastada como pôde
Ao campo havia sahido,
Por ver se o topava, quando
Ao longe lhe ouve hum gemido.

Regouga, fita as orelhas,
E attento ouvido applicando,
Vai pelo som procurallo
Tremendo, e cambaliando.

Convulso, todo mortal
Encontra o filho infeliz.
Que a penas de perto a vê
Com voz truncada lhe diz:

» Talvez mãy, talvez, que eu nunca
» A tanta affliçaõ chegasse,
» Se abraçando teus conselhos,
» Com pouco me contentasse.

» Após me fui da abundancia
» Sem ter do estrago receio,
» Mas desta imprudencia louca
» Eis o premio que me veio.

» Quanto melhor me seria
» Viver em penuria escassa,
» Do que morrer na abundancia
» A's mãos da cruel desgraça.

Disse: e com ancias mortais
Torceu-se, urrou, e morreu;
E a mãy tambem de paixaõ
Dizem, que o rabo estendeu.

PARABOLA

O Avaro, e o Jumento.

POr ver se erguia cabeça,
Trefego hum pobre avarento
Foi alugar por dois mezes
A certo amigo hum jumento.

Hum só minuto de folga
Ao triste animal naõ dava,
De quantas sortes podia,
De tantas o disfructava.

Vinha de fóra, e se logo
Outro frete apparecia,
Antes que a reçaõ lhe désse,
Punha-lhe a albarda, e sahia.

Só de favas hum chapêo
Lhe dava á noite a comer,
Porque pagallo ajustou
Morrendo-lhe em seu poder.

Hia abundando porém;
Crescendo a sua ambiçaõ,
Comsigo disse huma vez
Indo botar-lhe a reçaõ:

» Se eu daqui tiro hum punhado
» Isto á besta nada monta,
» E no fim de poucos dias
» D'uma reçaõ tenho a conta.

Disse, e hum punhado lhe tira
Que naõ foi dos mais pequenos
E igual porçaõ as mais noites
Lhe dava sempre de menos.

D'ahi a huns dias fazendo
Projecto igual ao passado,
Da reçaõ do pobre arenque
Tirou segundo punhado.

Assim teimoso em juntar
Seguindo a cega ambiçaõ,
De noite, em noite lhe foi
Diminuindo a reçaõ.

De sorte qu'em tempo breve
Vio o misero jumento,
A meia duzia de favas
Tornado todo o sustento.

Naõ era inda hum mez completo,
Que andava o triste alugado,
E já de fome, e lazeira
Se via desfigurado.

Dando aos ilhaes de fraqueza
A cada passo cahia,
E sem que alijasse a carga
Tornar-se a erguer naõ podia.

Huma noite d'agua, e vento
O miseravel sendeiro
Trepicou, e deu comsigo
Dentro d'hum grande atoleiro.

O Avaro todo raivoso
Com paulada, que fervia,
Puxando-o pela arriata
Desta sorte lhe dizia:

Dá-lhe agora em ser manhoso?
Pois hei de tirar-lhe a manha
Vossê he novo, bem pode,
Naõ he a carga tamanha.

Quer-me pirraças fazer
Por limitar-lhe a reçaõ,
Pois protesto por quem sou
De tirar-lhe a oppiniaõ.

Aqui me tem, que trabalho,
E tambem como bem pouco.
Fora! he mais grave? e nas ventas
Lhe prega hum tremendo sôco

Depois tirando-lhe a carga
Levantalo pretendia;
Mas quando o erguia d'hum lado,
Do outro lado lhe cahia.

Entaõ pegando n'hum páo
Tanto raivoso lhe deu,
Que o lazarento animal
Esperneando morreu.

O Dono quando isto soube,
De tanta insolencia irado,
Foi-lhe a casa pelo ajuste
De justiça acompanhado.

O Avaro afflicto lhe entrega
Tudo o que juntado havia;
Mas de resto pelas custas
Inda foi ver a enxovia.

Nesta fabula moral
Veja a prudente razaõ,
Qu' o muito poupar tambem
Faz a nossa perdiçaõ.

PARABOLA II.

Os Ladrões.

EM noite escura, e chuvosa
Subir d'huma Quinta o muro
Vil Ratoneiro tentava,
E o corpo em vaõ balançava
N'umas piteiras seguro.

Julgava que o Fazendeiro
A casa naõ tinha vindo,
E qu' os moços descuidados,
Estariaõ descançados
A somno solto dormindo.

A mesma idéa formando
Tambem outro Ratoneiro
Da Quinta rodeava o muro,
Até que cego do escuro
Topar vem no companheiro.

Quem

Quem he? lhe pergunta a medo:
E o outro: *Naõ me conheces*,
Lhe torna, *sou teu amigo*
Foi ventura o dar contigo
Estimo bem, que viesses.

Ora ajuda-me a subir
Antes que nos sinta alguem,
Porqu' eu assim que trepar
Do muro a maõ te hei de dar,
Para que subas tambem.

Deste predio o rico espolio
Roubaremos a seguro.
Disse: e o companheiro ousado
Em tais rasões confiado,
O ajuda a subir ao muro.

Mas quando em cima se apanha,
Sem pejo á promessa falta:
Lugar mais baixo procura,
As mãos a hum tronco segura,
Firma os pés, e em terra salta.

Vil, desta sorte me enganas?
O outro lhe clama enraivado,
Queira o Ceo, que alguem te sinta:
E elle já dentro da Quinta
Lhe torna assim descarado:

Companhia naõ carеço,
E como enganar-te puде,
Busca, ou segue outro caminho,
Que eu posso roubar sozinho,
Naõ preciso quem me ajude.

Disse, e logo avante parte:
Porém os cães o sentiraõ,
E tanto motim fizeraõ,
Qu' os moços todos se erguêraõ,
E á Quinta armados sahiraõ.

O triste que tal presente,
Volta ao muro de corrida,
Tenta subillo, e naõ póde,
Brada: *Amigo a hum triste acode,*
Qu' intentaõ roubar-lhe a vida.

Vingativo o Companheiro,
Que estava ao muro vizinho,
Isto ouvindo, assim o investe:
Sózinho roubar quizestes,
He bem qu' o pagues sózinho.

Nisto em chusma entre alaridos
Os moços com elle deraõ,
O corpo lhe desmembráraõ,
E assim que morto o julgaraõ,
Fora da Quinta o pozeraõ.

Passado hum pequeno espaço
Forçando os vitaes alentos,
Em quanto luta co' a morte,
Clama afflicto desta sorte,
A voz truncando a momentos:

Eis o premio de meus crimes,
N'ambiçaõ fazendo estudo
Perco a vida sem soccorro,
Vivi pobre, e pobre morro:
Tudo perde quem quer tudo.

SATYRA AOS VICIOS.

QUando pela extençaõ do vasto mundo,
Naõ d' Estoica dureza o peito armando,
A' livre indagaçaõ as azas solto,
A idéa em sentimentos espraiada
Milhões de scenas lamentaveis nota:
Com magoa observa os loucos desvarios
Dos trefegos hnmanos, que blasonaõ
Do excelso dote da Rasaõ, vedado
Ao resto dos mais entes que respiraõ,
E em pelagos de vicios mergulhados
Seus dias envenenaõ, tramas tecem
A' fragil vida, que por gosto encurtaõ,
Vivendo em rijos ferros como escravos
Das triunfantes paixões ao carro presos.
Que triste he contemplar a sãa Virtude,
Ao ver dos homens extravios tantos,
Entre as mãos esconder a linda face,
Qu' o pejo tinge, e as lagrimas aljofraõ.
No vento encastellada a vãa Soberba,
Da algemada Razaõ cospe no rosto,

E aos pés o globo submetter procura.
Rende-lhe cultos o enfunado humano,
Qu' alarde ocioso de brasões fazendo,
Pizar os seus iguaes pretende altivo;
Na vãa fadiga de ostentar grandezas,
Hum leve menoscabo, hum leve insulto
Lhe faz sofrer do inferno os males todos:
O tempo vôa, chega a surda Morte,
Que põe de nivel distinções mundanas,
Em nada a fofa persumpçaõ lhe torna,
E ri de o ver na tosca sepultura
Do mais abjecto dos Plebeos calcado.
Verdugo inexoravel de si mesmo,
O misero Avarento arde nas chammas
Da sedenta ambiçaõ, da baixa usura.
Mesquinhando a precisa subsistencia
Sobre os cintados cofres prenhes d'ouro
Da magra Precisaõ no jugo arqueja:
Qual nos sumptuosos paços de Bysancio
Entre as Bellas da Georgia o frio Eunuco,
Qu' as zela, e naõ as goza, assim o Avaro
Guarda o que naõ disfructa, e paz lhe roubaõ
Sustos, vigilias, precauções, cuidados:
Nos braços da penuria acaba a vida,
A vida penitente, e detestada
Pelo faminto, perdulario herdeiro,

Qu'

Qu' aos banquetes, ao jogo, ao luxo entregue
Em breves dias exhaurindo os fructos,
Que longos annos de escassez juntáraõ,
Nas mãos da fome, da miseria acaba.
Se os livres olhos d'outra parte lanço,
Que horror me naõ infunde o torpe Egoista!
A' frente de traições, dolos, embustes,
Do infortunio dos mais, degráos formando
Para subir ás honras ás grandezas:
Eis arvora a Razaõ seus estandartes,
A mascara se rompe, e o monstro indigno
Do cume do edificio qu' elevára,
Com despenho infeliz no chaõ baqueia.
Ergue-se o turbulento Demagogo,
E de facciosas sedições sectario,
Revolta o povo a Patria sacrifica:
E antes qu' o fim do seu projecto alcance
Traidor punhal o peito lhe atravessa.
Mas que damnos crueis naõ traz ao mundo
O bifronte, cambiante Lisonjeiro?
Qu' insenso falso aos crimes abrazando,
E aos erros lauros de louvor tecendo,
Escora os erros, fortalece os crimes:
Eis da nociva adulaçaõ rebentaõ
Crueis abrolhos, precipicios duros,
E junto aos qu' incensava, Idolos cegos

Fica dos males na torrente envolto;
Qu' espectaculo atroz me esfria o sangue!
Amplas messes de crimes se levantaõ,
E amplas messes de horrores brotaõ dellas,
De ver, e contemplar scenas taõ duras
A mente se fatiga, os olhos cansaõ.
Progenie vãa do lodo organizado,
Que da atroz propensaõ rojas os ferros,
Vê das loucas paixões, dos loucos vicios
Quantos a fera alluviaõ sepulta:
Vê pelas ribas do profundo pego,
Nas impias garras dos crueis remorsos
Os que salváraõ por indulto a vida
A dura terra, os claros Ceos enchendo
De inuteis ais, de pranto arrependido:
Se áspera encontras da Virtude a estrada,
E das brutas paixões doce o caminho,
Porque de espinhos se emmaranha aquella,
E este de brandas rosas se atavia;
Vê qu' os espinhos alma Gloria occultaõ,
E as rosas negros precipicios cobrem:
Segue a Virtude, que a Virtude grata.
Premeia aquelles, que lhes rendem cultos:
Detesta os vicios, as paixões detesta
Que só terrores precipicios trazem.

Fim da primeira Parte. IN-

INDICE

EPISTOLA

De Elmiro, Tagidio ao Autor. Pag. 1

SONETOS

ADeos Inalia, a Deos meu bem, qu' a sorte, 28
Armou-se hum dia Amor, da eburnea aljava 12
As leves chinxas Marineu lançava 46
Ceos! qu' implacavel horrida figura 48
Com duros ferros me enlaçaste os pulsos 20
Crava-me antes no peito hum ferro duro 21
Dardeja os raios teus, Jove infinito, 44
De enlaçados listões ornava hum dia 14
De mil ciumes, de temores cheio, 26
Deixai os filtros, os farpões hervados 49
Deixou-me; a fé rompeu qu' as almas liga 63
Estes muros que ves aos Ceos erguidos 32

Formosa Alcippe aos teus desdens affeito 8
Fremem, Supremo Deos, ventos irados 56
Fui entre ferros por Amor levado 34
Graças a Amor, quebrei o grilhaõ duro 45
Hervaõ-se ignios farpões, rufaõ tambores 59
Hoje qu' Inalia faustos Annos conta 27
Hum dia ornado Amor de verde louro 35
Hum pouco hum pouco, o mar, enfurecido 29
Já matizando o Ceo de vivas cores 23
Junto da voraz pyra qu' ondeava 62
Junto deste cypreste corpolento 24
Lafões dos Lusos inclyto Patrono 51
Lilia, em quanto naõ foge a fresca tarde 17
Mãi dos tristes Mortaes, Virgem celeste 57
Mandou-me Alcippe que vivesse atado 9
Medonha corre a noite, a frouxa Lua 22
Mentes Lemano, a minha Celia amada 19
Meus olhos viraõ teu delicto infame 39
Morro Ingrata por ti, mais hum instante 58
Mudou-se Amor em Roxinol hum dia 38
Naõ decanto Senhor neste aureo dia 50

Naõ mais Nathercia receosa vivas	43
Naõ sei Marcia naõ sei que laço forte	60
Naõ te comprehendo coraçaõ mavioso	33
No seio desta fria sepultura	55
N'um verde espesso bosque se occultavaõ	13
O costume, Senhor, faz natureza	52
O vento zune, mais se empola o Tejo	64
Perfida Alcippe naõ te lanço em rosto	10
Porque me roubas o descanço antigo?	41
Qual Diana gentil n'um bosque umbroso	31
Quando hoje a Aurora no rosado oriente	40
Quatro vezes na ecliptica brilhante	36
Que assombro! aos astros subito se eleva	54
Que julga só Amor naõ me desdigo	65
Que Nynfa observo além! qu' anciada corre	16
Risonha margem do aprazivel Tejo	25
Saltando sobre a praia humida, e fria	47
Se Amor de brancas pennas me cobrira	15
Se da vil, que te sulca, me vingares	11
Se intentas ser meu barbaro homecida	42
Se o trono exalta os meritos brilhantes	53

Temendo Amor qu' a mundo eu publicasse 7
Tinto de sangue por brazaõ mostrava 18
Tu com setas nas mãos gesto sombrio 61
Vai-se a Lua nas ondas sepultando 37
Vóa saudoso lugubre suspiro. 30

ODES.

A D. Affonso Henriques descercando seu filho D. Sancho bloqueado em Santarem pelo Miramolim dos Arabes 67
A Immaculada Conceiçaõ da V. M. 75
No feliz nascimento do Serenissimo Principe da Beira ô Senhor D. Antonio 80
Ao grande Affonso de Albuquerque 86
Na publicaçaõ da paz de Portugal com Castella, e França. 92
A hũm rico vaidoso. 99

DI-

14

DITHYRAMBOS.

Nas faustas melhoras do Serenissimo Principe o Senhor D. Joaõ. 103
Ao Illustrissimo Excellentissimo Senhor Duque de Lafões no fausto nascimento de sua Excellentissima filha 125
Aos annos de Cassidro 149
A Celia 165

O TEMPLO DE GNIDO. 183

APOLOGOS.

O Roxinol, e a Cigarra 191
O Touro, e o Leaõ 194
O Pastor, e o Lobo 196
O Pombo, e a Raposa 200
A Raposa, e o Lobo 207
O Caõ, o Gato, e o Rato 210
Os Rafeiros, e o Goso 213
O Pavaõ, e o Burro 216

A Raposa, e o filho 219

PARABOLAS.

O Avaro, e o Jumento 228
Os Ladrões 233

SATYRA.

Aos Vicios 237

COMPOSIÇÕES POETICAS.

COMPOSIÇÕES POETICAS

OFFERECIDAS

AO SERENISSIMO SENHOR

DOM JOAÕ

PRINCIPE REGENTE DE PORTUGAL

POR SEU AUTOR

B. M. C. S.

SOCIO DA ACADEMIA TUBUCIANA

ENTRE OS ARCADES

BELMIRO TRANSTAGANO.

PARTE II.

LISBOA

NA IMPRESSAÕ REGIA

M. DCCCIII.

Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus;
Nam neque chorda sonum reddit, quem vult manus, et mens.

Horat. Art. Poet. v. 345.

IDYLLIO I.

NOs olhos d'Ilvia se fizeraõ fortes
Dois trefegos Cupidos,
Qu' armados sempre de farpões buidos
Feriaõ peitos, perpetravaõ mortes.

Eu que zombava dos Mortais feridos,
Vêr Ilvia desejava;
Mas sempre cauteloso receava
Ser victima dos Numes fementidos.

D'um freixo á sombra, quando o naõ cuidava,
Ilvia encontrei dormindo,
Entaõ doce prazer n'alma sentindo,
Ceos! disse, *alcanço o bem que procurava.*

Posso agora observar seu rosto lindo
Isento de temores:
Porém, triste de mim, hum dos Amores
Velava, e esteve meu projecto ouvindo.

Farpões tira d'aljava matadores,
E de impiedade cheio,
Em quanto em ver a Nynfa me recreio,
Me atira hum dos cruentos passadores:

Depois lançando em mim, qu' em vaõ pranteio
De magoas negra turma,
Me diz: *Teme a belleza, ou velle, ou durma,*
E aprende naõ zombar do pranto alheio.

IDYLLIO II.

DA fria, tarda Lua o meio rosto
Do Sol na ausencia a terra alumiava,
Huma noite do estivo ardente Agosto.

Quando eu tranquillo ao somno me entregava
Debaixo de frondifera parreira,
Que a porta da cabana me assombrava.

Logo de sonhos chusma lisonjeira
Na mente perturbada me esculpia
Marcia, a Nynfa melhor desta ribeira:

Ora que a frente lhe beijava cria,
Ora qu' as mãos de neve lhe affagava,
Ora que em mares de prazer morria.

Eis quando mais gostoso isto sonhava,
Chega de Amores turbulento bando
Ao sitio onde eu taõ ledo repousava:

Qual dezafia os Zefyros voando,
Qual na lucta convem, qual na carreira
Qual se demora as frexas implumando:

Trepaõ-se outros acima da parreira,
E equilibrios fazendo, voltas, saltos
Cai-me hum em cima, folhas, e poeira.

Acordo no maior dos sobresaltos,
E ao ver disturbio tal, com torvo gesto
Aos Numes grito de socego faltos:

Já que turbais meu somno, eu vos protesto,
Que o brinco da parreira acheis frustrado,
Se tornardes aqui, bando funesto.

Quando me via de prazer banhado
Com Marcia n'um transporte confundido,
Cortais meu gosto, apenas começado.

Nisto o cruel qu' havia ao chaõ cahido
Cravando-me hum farpaõ, com voz agreste
Me diz, vaidoso de me haver ferido:

» *Pois qu' ao teu sonho tanto apreço déste,*
» *Cança-te em ver se gosas acordado*
» *O que lograr dormindo naõ pudeste.*

Eis depois da sentença haver firmado,
Sobe aos ares, fazendo longos giros,
E vai da chusma inteira acompanhado
Rindo, e brincando ao som de meus suspiros.

IDYLLIO III.

O Fauno.

HUma Naiade bella desdenhosa,
As aureas tranças penteava hum dia,
Na margem d'huma fonte deleitosa.

A sombra que dos alamos cahia,
O sopro d'um Favonio lisongeiro,
Do intenso ardor seus membros defendia.

Occulto a vigiava d'hum vimeiro
Fauno (1), campestre Nume, suspirando
De seus brilhantes olhos prisioneiro:

Com

(1) Para poder adornar este meu Idyllio de expressões vivas, e sentimentos expressivos tomei para Protagonista o mesmo Deos Fauno lembrado do preceito de Horacio.
Silvis deducti caveant, me judice, Fauni etc. *Art. P. V.* 242.

Com viçosos jasmins de quando em quando
Lhe atirava, que n'agua transparente
Hiaõ tremulos circulos formando:

A Naiade mimosa erguia a frente,
E a huma, e outra parte de asustada
Volvia os garços olhos diligente.

Solta Fauno de gosto huma risada,
E d'um pullo se esconde a Nynfa bella
No liquido crystal sobresaltada:

O Fauno salta em seguimento della,
Deitando-lhe subtis seguros laços;
Porém naõ póde conseguir prendella.

Ora ancioso nas aguas mete os braços,
Ora com meiga voz a desafia,
Ora fica escutando alguns espaços.

Mas vendo, que assim nada conseguia,
Torna a esconder-se n'um vergel frondoso,
Por ver se a Nynfa sem temor sahia.

Dalli fitando a orelha cuidadoso,
D'agua os olhos naõ tira, e pranto exhala
Contra o motim das aves de raivoso:

Mal respira temendo amedrentalla,
Té qu'impaciente de taõ longa espera,
Descendo á fonte desta sorte falla:

Nynfa cruel, taõ linda como fera,
Surge d'agua outra vez, por hum momento
Com teu semblante meu pezar modera:

Ah! se te escondes por me dar tormento,
Afaga-me, depois torna-te esquiva,
Que assim me farás damno mais violento.

Contra mim te aconselho, que he taõ viva
Minha paixaõ, que em troco de lograr-te
Soffrer naõ temo pena mais activa.

Acaso he culpa, dize, idolatrar-te?
Se maltratas quem faz por ti finezas,
Que farás a quem busque maltratar-te.

Naõ sei porque motivo me desprezas:
Por ti peno, por ti me inundo em pranto:
E a ter de mim piedade naõ te avezas.

Naõ sou taõ feio, que te cause espanto;
He meu corpo membrudo, he vigoroso,
Danço a compasso, com doçura canto:

D' olhos pequenos sou, d' olhar fogoso,
D' hirtos anneis o meu cabello he cheio,
Sou cornifronte, bem talhado, airoso.

Mas se inda me desprezas por ser feio,
Vê que a filha gentil da espuma fria
Do Deos mais torpe, a ser esposa veio.

O Ceo naõ deixa impune a tyrannia,
Anaxarete em pedra naõ mudára,
Se ás magoas d'Ifis atendesse hum dia.

Quem me dera, que o mesmo Ceo usára
Comtigo, ó Nynfa, porqu' entaõ meu pranto,
Como as pedras abranda, te abrandára!

Se na Lybia nasceste naõ me espanto,
Que folgues de causar crueis pezares,
Mas se naõ, como podes fazer tanto!

O que perdes prevê se mallograres
Hum amor taõ fiel, taõ verdadeiro,
E o que lucras tambem, se me adorares.

N'huma das fragas daquelle amplo outeiro
Se entranha a gruta minha, coroada
De fresca murta, flórido azareiro.

Alli sobre meus braços reclinada,
Se terna ouvisses os meus ais vehementes,
Podéras, Nynfa, ter feliz morada.

As parreiras c'os alamos frondentes
Lhe tecem fresco pavilhaõ viçoso,
Que a livra das crueis calmas ardentes:

De verde achanto, de alecrim cheiroso
Se alastra o chaõ; á porta vive atado
Hum Zefyro, que adeja pressuroso.

D' alta rocha hum ribeiro despenhado
Manso lago lhe vem formar diante,
De vimes, e de cannas sombreado.

No ramo o terno rouxinol velante
Com gorgeios subtis dalli s' escuta,
A pena devertindo á triste amante.

De caça, e peixe abunda a minha gruta,
E em molle colmo n'hum recanto interno
Guardo encamada saborosa fruta.

Ruge-me prezo contra o frio inverno,
Que as carnes corta, os membros enregela;
Em rica talha, salutar Falerno.

Naõ, no mundo naõ vés outra mais bella;
Muitos amigos meus a tem gabado;
Deu-ma Silvano, e Pan bebeu por ella.

Bromio risonho alli se vê gravado
Junto de larga, corpulenta Dorna
Libando hum copo de crystal dourado.

Nyn.

Nynfa loucãa, que d'hera a fronte exorna,
Quer furtar-lho, e parece, que ás risadas
Porcima o vinho com puxões, lhe entorna.

Vê-se tambem nas ondas azuladas
Cypria, regendo em concha de mil cores
De rosas mansas Pombas arreadas:

Verdes Tritões ás costas c'os Amores,
De roda as leves caudas meneando,
A' Deosa os olhos piscaõ brincadores.

Vê-se o caso de Dafne miserando,
(Menos dura que tu) e doutra parte
Mil scenas d'Amor fero. e d'Amor brando.

Tudo teu he, naõ tenho mais que dar-te,
Que o mesmo terno coraçaõ, que tinha,
Perdi no instante que cheguei a olhar-te.

Naõ te apanho, ao teu Fauno te avizinha
Vem ver se pulsa, a maõ põe neste peito,
Verás qu' isto naõ he fabula minha.

Naõ sei, naõ, que mais faça a teu respeito!
Só se queres, qu' ás mãos do mal vehemente
Acabe a vida em lagrimas desfeito.

Se isto he teu gosto morrerei contente:
Mas vê, que de teu genio hum padraõ deixas,
Qu' ha de infamar teu nome eternamente.

Nada, nada te abrandaõ minhas queixas:
Ah! qu' ou foste de marmore formada,
Ou a meus echos teus ouvidos feichas.

E's mais corada, que a romãa coráda;
Mais alva, que o jasmim; tens mais belleza,
Que a roxa Aurora na manhãa dourada.

Mas que tygre ha tambem com tal fereza,
Que se iguale comtigo, ou rocha dura,
Qne tenha, como tens, tanta dureza?

Assim clamava cheio de ternura
O triste Fauno, a voz interpolando
Com lugubres gemidos de amargura:

A fonte hum pouco esteve contemplando
Com gestos mil, depois n'agua insoffrido
Mete de novo os braços titubando.

Mas vendo o fructo de seus ais perdido,
Convertendo em furor tantas finezas,
Clama outra vez dest' arte embravecido:

Sobre ti chovaõ (já que assim desprezas,
Ingrata Nynfa, meus fieis amores)
Negras desgraças, languidas tristezas.

Nas margens tuas naõ rebentem flores;
Turbem-te as aguas serpes venenosas,
Livrem de ti seus gados os Pastores.

Naõ cantem neste sitio aves saudosas;
E Amor t' enrede, por maior castigo,
Com quem te cause mil paixões zelosas.

De todos horror sejas.... mas que digo?
Eu mesmo que te amei taõ terno, e brando,
Já me desprezo de fallar comtigo.

Disse, e bramindo os pés aligeirando
Se entranha por asperrimos abrolhos,
Aa lagrimas raivosas alimpando,
Que lhe ferviaõ nos irados olhos.

IDYLLIO IV.

Belmiro, e Lereno.

Lereno.

AGora, que rumina o manso gado,
(Balando de hora, em hora,) o molle feno
A' sombra do arvoredo rebanhado:

Canta, Belmiro meu, canta a Lereno
Os doces versos, que á rosada Elvira
Cantaste à sombra neste bosque ameno.

Que sei, qu'a Bella quando t'os ouvira,
Nos troncos alguns delles entalhara,
E ind' hoje quando os lé d'amor suspira:

Cantando, quem comtigo se compára!
Na Corte, onde viveste annos inteiros,
Tens de insigne cantor fama preclara.

Com

Com tudo o mais vaidoso dos Roupeiros
Teu canto humilde achou, tua voz rouca,
Gil mordaz grasnador destes outeiros.

Para vãos improperios só tem bouca,
E he sempre quando falla, ou quando canta
Em frase obscura de conceitos ouca.

Mas de que ladre hum Mevio, quem se espanta:
Eia Belmiro, se alegrar-me queres,
Aos leves ares tua voz levanta:

Que em premio te darei, se isto fizeres,
Aquelles dois neixentes coroados
D'azuis boninas, alvos malmequeres:

Ambos a Celia estavaõ consagrados:
Mas Celia em teu favor ambos dispensa
Tanto podem teus dignos predicados.

Belmiro.

Mercenario naõ sou, sem recompensa
Poder cumprir teu gosto assás estimo:
Premiar o meu dever fora huma offensa:

Mas se naõ canto bem, se bem naõ rimo,
Se além de rouco humildes versos urdo,
Que sou cantor egregio naõ intimo:

Naõ clamo que he belleza hum torpe absurdo;
A paixaõ nos meus votos naõ domina;
Nem com trovas de estalo o campo aturdo.

Mas tem Gil para sabio má doutrina,
Que o sabio quando encontra nota, ou falta,
Diz onde os erros saõ, e as leis ensina.

Lereno.

Quem pensa como tu, quanto se exalta!
Vãmente offusca o merito o Invejoso,
Qu' o merito brilhando aos olhos salta.

Mas dá principio ao canto sonoroso,
Que por ouvir-te as aves naõ gorgeiaõ,
Nem move as azas Zefyro amoroso.

Belmiro.

Se minhas toscas vozes te recreiaõ
Deixa, que pulse em teu louvor a lyra,
Que fogo as Musas na minha alma ateiaõ.

Lereno.

Outros versos mais ledo hoje te ouvira.

Belmiro.

Que he lei teu gosto, para mim, reputâ.

Lereno.

Canta os que te pedi feitos a Elvira.

Belmiro.

Sim que de côr os tenho, eu canto, escuta.

Cantico.

Se Amor se naõ retira
Dos lindos olhos teus com que me feres;
Porque tyranna Elvira
Sendo amor destes meus, deixar-me queres?
Juntos passemos (gloria da minha alma)
Neste bosque sombrio a intensa calma.

As auras bulliçosas
Se espreguiçaõ por entre os verdes ramos
Das arvores frondosas:
Soltaõ as aves melicos reclamos:
Cai do umbroso arvoredo sombra amiga,
Que dos raios de Febo nos abriga.

Mas que suspeitas novas
Me gritaõ n'alma, qu' tens outro objecto;
Cruel, me dás mil provas
No inquieto coraçaõ, no olhar inquieto,
Que hum peito ancioso, huns olhos vacillantes
Saõ delatores das paixões amantes.

Segundo o que imagino,
He Marino quem logra os teus favores,
O rustico Marino;
O mais tosco, o mais vaõ dos pescadores;
Ah! se isto he certo, Elvira desgraçada,
Quanto és digna, meu bem, de ser chorada.

Se hum genio interesseiro,
O que naõ julgo, a ter-lhe amor te excita,
Hum misero Barqueiro
De quanto dar-te póde necessita:
Quem do mar vive exposto ás incertezas
Juntar naõ póde solidas riquezas.

Dos pobres pescadores
Intentas qu' ao mais pobre o Ceo te ligue!
Da chuva, ou dos calores
Naõ tem choça, nem gruta em que se abrigue,
E se he dono do barco em que fluctua,
A rede com que pesca naõ he sua.

Da Sorte mais ditoso
Eu tenho a posse de fecundas terras;
De gado numeroso
Os valles cubro, cubro as altas serras,
Naquella encosta cem colmeias cresto:
Tenho a choça em que vivo, outras qu' empresto.

Se elle das pescarias
A fataça te offerta, a boga, a truta,
Eu destas serranias
Dar-te-ei a caça o leite, o mel, a fruta:
Se conxinhas te dá varias nas côres,
Eu frescos molhos te darei de flores.

Bem sei que he deleitoso
Ver as chinchas lançar n' azul corrente,
E em dia bonançoso
D'agua o peixe tirar no anzol pendente;
Na praia os ruivos camarões saltando,
E os carangueijos de travez andando.

Porém quanto he mais grato
Prender as aves com subtil negaça;
Ou ver no inculto mato
Cahir na ichó traidora a simples caça;
Os cordeiros loução correr nos montes;
Por entre os juncos burbulhar as fontes.

Naõ tem Marino prendas,
Que o façaõ digno de ventura tanta:
Elvira, naõ te offendas,
Mas julgo, que por tosco he que te encanta:
Se falla he mal, se dança a rir provoca,
E esturge quando canta, ou quando toca.

Que vezes me naõ rio,
Quando me lembro, que de Aglais nas vodas
Em certo desafio
A mofa, e riso foi das Nynfas todas,
Que Alzor lhe disse » *Irmaõ quando cantares*
Naõ pesques, ou naõ cantes se pescares »

Se acaso hum amor louco
O brilhante discurso naõ te illide,
Combina, observa hum pouco
Quem eu sou, quem elle he, depois decide,
Que bens te esperaõ vê, se minha fores,
Se delle, qu' afflições, que dissabores.

Mil sustos pavorosos
Tu' alma nublaraõ quando observares
Os Euros procellosos
Em crespas serras levantando os mares;
Vendo abrir hum sepulchro em cada vaga
Para tragar-te o amante, que naufraga.

Mas quanto mais dourados
Os teus dias seraõ, se minha fores;
Os sustos, os cuidados
A paz naõ turbaráõ de teus amores:
Solicitos em férvidos extremos,
Quanto em amor se gosa, gosaremos.

Na estiva calma ardente
Terás o bosque umbroso, em que te abrigues,
A limpida corrente,
Em que te banhes, e o calor mitigues,
O leite, qu' as entranhas refrigera,
E hum brando somno pouco a pouco géra.

No Inverno tormentoso
Quando aquilaõ fremente o mundo aballa,
E o raio estrepitoso
Rompendo as nuvens serpeando estalla,
Em meus braços na choça ouvindo amores,
Crerás qu' estamos na estaçaõ das flores.

Ao fogo ambos sentados
Grato magusto fumegar veremos,
E esquivos a cuidados,
Do espumante liquor brindes faremos:
Depois alegre a mão lançando á lyra
Farei o nome resoar d'Elvira.

Mas cheia de ternura
Gratas vistas de amor sobre mim deitas!
Venci-te, que ventura!
Fugi temores meus, fugi suspeitas.
Vem, pastora gentil, vem nos meus braços
Tecer eternos amorosos laços.

Lereno.

A fresca sombra do arvoredo umbroso
Quando ergue o Sol no estio a prumo a fronte,
Dos roxinoes o cantico mavioso:

Ver o dia apontar no alvo Horisonte
Rompendo as sombras do nocturno manto:
Achar sequioso na espessura a fonte.

Nada, caro Pastor, me alegra tanto,
Nada tanto recreia meus sentidos,
Como ouvir teu suave, doce canto.

Toma, toma os neixentes promettidos,
Com elles este vaso feito de hera
Onde estaõ mil emblemas esculpidos.

Ganhei-o na passada primavera,
Se a rezes o quizesse ver trocado
Quatro, ou cindo de mais hoje tivera.

Belmiro.

Que mais quero, que ser por ti louvado,
Feliz em merecer os teus louvores;
Assás com elles fico premiado.

Mas Febo occulta já seus resplandores
Por traz de aquelles ingremes outeiros,
Manchando as nuvens de rosadas côres.

Inda levo ao pascigo os meus cordeiros,
Qu' a errar no campo a viraçaõ convida:
Estivera ao teu lado annos inteiros.

Lereno.

Ninguem canta melhor, por minha vida!
E ha quem falle de ti! Mas nada estranho
Que sei, quanto a ignorancia he atrevida.

Belmiro.

Unido o teu rebanho ao meu rebanho
Pela encosta cortemos á floresta.

Lereno.

Em prazer embebido te acompanho:
Nunca nunca, passei taõ grata sesta.

IDYLLIO MAGICO.

N'Um bosque tenebroso emmaranhado
O terno moço Elvandro se envolvia,
D'implacaveis ciumes flagellado.

Nas pennugentas faces lhe corria
Pela falsa Nicèa amargo pranto,
Que de ouvillo gemer vaidosa ria.

Da noite horrivel o medonho manto
Enchia a terra de temor porfundo;
D'aves sinistras se escutava o canto.

Bramia o rouco vento furibundo;
Do poente Ceo nubloso fuzilava;
De grossa nevoa se cobria o mundo.

Entaõ medroso o infausto Elvandro entrava
Por huma horrenda, lobrega caverna,
Onde o mago Fascino se alvergava.

Tris-

Triste claraõ de funebre lucerna
Globos, hervas, metais lhe descobria,
Instrumentos da magica superna:

Banhado em pranto, cheio de agonia
Aos pés de Pytoniso (1) macilento
O triste a causa do seu mal dizia.

Torcendo os olhos o escutava attento
O sombrio Agoureiro, e lhe affirmava,
Que fim teria seu cruel tormento.

Do sinuoso alvergue se apartava,
E d'alva Trivia (2) as luzes duvidosas
Comsigo altos mysterios recordava.

No entanto Espectros, Larvas espantosas,
Negros Lemures fogo respirando
Surgem das sêccas moitas paverosas.

(1) *Pytoniso*, Nome que se dava aos Agoureiros, ou inspirados por Apollo a quem chamavaõ *Pytio* por ter morto a serpente *Pyton*.

(2) *Trivia* a Lua.

Voz naõ resôa, põe-se o vento brando,
Vai pouco a pouco á vasta serrania
Hum profundo silencio adormentando,
E o Mago desta sorte principia:

» Com esta vara de cervino (1) trevo
» Cortada á meia noite em minguante,
» Tres circulos concentricos descrevo
» Seis tangentes lhes tiro, huma secante;
» Sete vezes agora encarar devo
» Da fria Lua o pallido semblante:
» Com vivas preces oblações misturo,
» Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

De

(1) *Cervino trevo.* Gabriel Grisei distingue o trevo em tres especies, azedo, cervino, e d'ouro: Plinio affirma, que quando as suas folhas se comprimem he sinal de tempestades. Camões Eleg. VII. diz que he symbolo do apartamento.

De trevo, que he sentido apartamento.

» De novo as Feras deste bosque amento;
» De venenos lethaes componho hum misto;
» A terra firo, cruzo o firmamento;
» E d'alva Rolla o coraçaõ registo:
» Dou vista ao velho Lobo turbulento,
» Que depois, que o ceguei tem Febo visto
» Tres vezes hum Coluro (1), e outro Coluro;
» Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

» Eu pude á força das palavras minhas
» Matar a velha feiticeira Ecata;
» Qu' ás gargalhadas entre accezas pinhas
» Cruzava os rios convertida em Pata:
» E á vesga Bruxa Gorga qu' ás vizinhas
» Os tenros filhos ensarilha, e mata
» Dei vida, revoquei do Averno escuro.
» Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

(1) *Coluro.* Os Coluros saõ dois circulos maximos da Esfera, que se cruzaõ nos polos; chama-se hum *Equinoccial*, outro *Solsticial.*

» Possa tambem meu filtro poderoso
» Hoje a Nicêa roubar Gil dos braços,
» E entre elles pôr Elvandro desditoso
» Que illesos beija seus amantes laços:
» A's Deidades do reino pantanoso
» Assustem meus encantos, e ameaços;
» Trema Thetis (1) no mar, nos Ceos Anxuro. (2)
» Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

» Depois que abrazo a myrrha em cinco lumes
» Sobre o Sino-samaõ descripto ás canhas,
» Nesta Ceraste (3) o ferro de tres gumes
» Tres vezes cravo, e tiro-lhe as entranhas:
» Desfeitos sejaõ teus crueis ciumes,
» Como no fogo lhe desfaço as banhas:
» Ditoso vejas teu Amor futuro.
» Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Bem

(1) *Thetis.* Deosa do mar: toma-se pelo mesmo mar.
(2) *Anxuro*, he hum dos nomes que se daõ a jupiter
..... *queis Jupiter Anxurus arvis.*
Praesidet. Virg. L. VII. Eneid. V. 799.
(3) *Ceraste*, huma especie de serpente cornigera.

» Bem como esta Betilia (1) encantadora
» Pulla aos ares, e cai no chaõ tremendo,
» Pulle, e trema no peito da Traidora
» O falso coraçaõ d'ancias morrendo:
» O ramo do verbasco (2) accendo agora
» Na pedra Apsitos, (3) e igualmente accendo,
» Entre os dois mil discordias, odio puro,
» Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

» Agora envolvo o peçonhento Sapo
» Na barba negra do lidroso Bode:
» Tapo-lhe os olhos, e á Tyranna os tapo:
» Já Nicêa, o teu bem, ver Gil naõ póde.
» Este sangue qu'á Strige (4) achei no papo,
» Em cima por tres vezes lhe sacode:
» Tal filtro abranda o coraçaõ mais duro.
» Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

As-

(1) *Betilia.* Certa pedra consagrada, que por si só se levanta aos ares.

(2) *Verbasco*, Certa herva cujo talo arde, e dá huma luz perfeita.

(3) *Apsitos*, Pedra que conserva o fogo em si por 7 dias.

(4) *Strige*, Ave nocturna, que mata, e chupa as crianças de noite. *Vid. Ovid. L. VI. Met.*

» Assim como dissipa o subtil vento
» O fumo de Zacoum, (1) que estou queimando,
» Se dissipe á Cruel do pensamento
» Do teu competidor o aspecto brando.
» Retorço, qu' assim ambos atormento,
» Da ursa a cauda, que arranquei fitando
» O olho esquerdo no chuvoso Arturo. (2)
» Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

» Nas mãos tres folhas da Baxana (3) estallo
» Tu estalla outras tantas d' Amoreira (4),
» Antes qu' o negro espantadisso Gallo
» Batta as azas, e cante a vez terceira;
» Dize agora de mil saudades ralo
» Nicêa esquiva, e rala essa Toupeira,
» Que pelo esquerdo pé c'um pé seguro.
» Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Do

---

(1) *Zacoum*, Planta Arabica espinhosa, cujo fructo he taõ venenoso, que os do Paiz lhe chamaõ *cabeças de diabo*.

(2) *Arturo*, Estrella na cauda da Ursa maior.

(3) *Baxana*, Arvore do Reino de *Deli* de quem escreve *Mayolo*, que as raizes saõ taõ venenosas, que mataõ aos que as tocaõ, e o fructo, que he chamado *Nirabix* he taõ salutifero, que cura todo o veneno.

(4) *Amoreira*: Arvore bem conhecida entre nós, e cele-

» Do bicudo Toucan (1) da verde Rella (2),
» Que abrazei com incenso, as cinzas lanço
» Sobre os olhos da vibora amarella,
» E com tres nós lhe enleio este Licranço.
» Veneficio taõ forte á Nynfa bella,
» Que te rouba malefica o descanço,
» Fará de cêra o coraçaõ perjuro.
» Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

O

---

bre pela historia de *Pyramo*, e *Thisbe* de cujo sangue as amoras, dantes brancas, se tornaraõ roxas.

(1) *Toucan*, Ave Americana do tamanho de hum Melro, mas tem o bico do comprimento de dois palmos sustenta-se em pimenta, pelo que alguns lhe chamaõ *Ave pipivera*: o Padre Kircker diz, ser admiravel antidoto contra todo o veneno.

(2) *Rella* Rãa verde da terra, muito venenosa.

» O Phelonio (1), a Mandragora (2), o Dictamo (3),
» Queimo em cima do fetto (4) com sementes,
» E em quanto a chamma ondeia, pisa o ramo,
» C'o esquerdo pé descalço, da Nepentes (5).
» Por mim (dize) de amor arda quem amo;
» Pizar possa afflições, zelos ardentes,
» Em quanto eu certas orações murmuro.
» Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Nes-

(1) *Phelonio*, Herva magica.

(2) *Mandragora*, Herva fetida cujo çumo bebido faz somno lethargico.

(3) *Dictamo*, Herva contra-veneno.

(4) *Fetto*, Herva de quem o vulgo nimiamente supersticioso crê, que a semente he hum dos maiores amavios.

(5) *Nepentes*, Herva contra á melancolia.

» Neste olho sêcco de estrellado Touro
» Na appariçaõ de Aldebaran (1) tirado ,
» Tres vezes crava o páo do verde louro
» N'agua do Merrha (2), e do Silon (3) banhado :
» Se o vires brotar lume he fausto agouro
» Eilo se inflamma: foi propicio o fado !
» Ati volve o teu bem, fica seguro.
» Trina Deosa, attendeste ao meu conjuro.

Callou-se o velho Augure; e pressuroso
Na esquerda o lituo (4) encantador erguendo,
Mil prestigios explora jubiloso.

Troou terrivel hum torvaõ tremendo,
E preza de improviso em doces laços
Se vê Nicêa, votos mil fazendo
Do terno Elvandro nos ditosos braços.

CAN-

---

(1) *Aldebaran* ou *oculus Tauri*, he huma estrella meridional da primeira magnitude, que está na cabeça do signo *Tauro*.

(2) *Merrha*, lagoa cujas aguas eraõ taõ pestilentes, que inficionavaõ aos que as tocavaõ.

(3) *Silon*, rio junto da lagoa dita cujas aguas eraõ taõ salutiferas, que com ellas se curavaõ immensas enfermidades.

(4) *Lituo* O cajado, ou vara dos Nigromanticos.

CANTATA

A nossa Senhora do Cabo, sendo Juiz na sua festa o Serenissimo Principe Regente o Senhor Dom Joaõ.

SObre a frente de naufragos escolhos
Tem a Desgraça negro throno erguido,
Donde lançando atravessados olhos
Do crespo mar ao dorso entumecido,
Em verdes aras de immular naõ cança
A humanidade cega,
Qu'em lenho fragil á incerteza entrega
A vida, e a esperança.
Se para subsistires
He força, que te exponhas
Das ondas bravas ás traições medonhas,
A quem recorrerás, afflicto Humano,
Qu'o riso da Ventura naõ conheces;
Exposto ás iras do soberbo Oceano,
Se amplo soccorro naõ obtens, pereces;
Instados pelos Aquilos raivosos

Que-

Querem tragar-te os mares alterosos:
Pedir favor ao Ceo he baldar preces,
Que o Ceo acceso em ira,
Farpas de fogo contra o mundo atira.
Madrasta a patria terra
Negando-se aos teus funebres lamentos
Te assolla, e te desterra:
Os mesmos elementos
Juntos a hum tempo te declaraõ guerra.
Mas eis! qu' entre o negrume pavoroso,
Qu' o espaço ethereo sepultar procura,
Feliz Astro fulgura:
Serena o mar, scintilla o Sol formoso,
Transmontaõ nuvens, furacões transmontaõ,
E alegres dias no Oriente apontaõ:
Es tu, Virgem do Cabo, es tu, qu' assommas,
E a grande empreza d'amparar-nos tomas;
Sempre maviosa, e cauta
D'esteio serves á nutante vida
Do sossobrado Nauta,
Que por ti chama, que teu nome invoca,
Em quanto ancioso por salvar-se lida.
Cançado navegante, mais naõ temas,
Dos horridos tufões as crueldades,
Qu' ás soltas, furiosas tempestades
A Virgem lança rigidas algemas:

Assim que raia sua face pura,
Lá torna á Estigie escura
De horriveis males o cruel contagio:
Seus raios naõ dardeja a Desventura:
Nem sobre as azas do infeliz Naufragio
A horrenda Morte victimas procura.
Salve, salve dos Lusos Protectora,
Estrella da manhãa, fonte de graças,
Qu' os ferros do infortunio despedaças,
A quem submisso teu auxilio implora.
Sem temor dos pezados turvos ares,
Das horridas procellas,
As ancoras sarpai dos Lusos mares,
Maritimos devotos,
E aos mansos ventos desfraldai as velas,
Qu' ás vossas oblações junta os seus votos
JOAÕ dos Lusos Pai, Principe Egregio:
Ao grato abrigo de seu Nome Regio,
Curvos aos pés vereis climas ignotos,
E a misera Indigencia
Transida, e lacrimosa,
Achar benigno amparo, achar clemencia
Nos braços d' Abundancia dadivosa.
O' Lysia venturosa,
Exulta, exulta de ufania cheia,
Que hum Principe desfructas, que saneia,

A furia de teus damnos procellosa:
A Virgem Mãi piedosa
De seus cultos se apraz, seus rogos ouve,
E tudo lhe concede
Quanto em nosso favor ancioso pede.
Quem ha que te naõ louve,
O' Principe benigno,
De mil imperios digno,
Se por teu Povo te disvelas tanto?
A Mãi do immenso Deos tres vezes Santo,
Que acceita o culto, que lhe dás profundo,
Teus dias abençôe
De mil celestes graças te corôe,
E a teus illustres pés sobmetta o Mundo.

ARIA.

Entestaõ raivosas
As vagas frementes
Nas rochas ingentes
Dos turbidos mares;
Serpeia nos ares
Corisco flagrante,
Procella bramante
Gelar-nos procura,
E a atroz Desventura

Qu'

Qu' a terra desola
Nas ondas immola
Mortaes a milhões.

Mas quem ferveroso
A ti, Virgem Santa,
As vozes levanta,
Vê logo enfreados
Os Euros irados:
O Mar alteroso
As ondas amansa,
E a doce Bonança
Ao susto horroroso
Veloz extermina;
O' Virgem divina,
Se orar tambem posso,
Os dias estende
Ao Principe Nosso,
Que terno te rende
Fieis oblações.

» CANTATA » (1)

No fausto Nascimento da Serenissima Princeza da Beira a Senhora Dona Maria Thereza Francisca de Assis.

Jam nova progenies coelo demittitur alto
Virg. Egl. IV. v. 7.

AS bronzeas portas do bifrente Jano
Vejo, qu' horror! de par em par abertas!
Reinos talados, povoações desertas
Rios de sangue humano!
A Guerra hostil, fremente
Desfez em mil pedaços
Os torcidos anneis da atroz corrente,
Que lhe rugia nos cruentos braços;
Intrepidas cohortes
Escolta armipotente
D' Estragos, Sustos, Latrocinios, Mortes.

A

(1) Recitada pelo A. a SS. AA. RR. no Paço de Nossa Senhora da Ajuda em Maio de 1793.

A bellica Discordia atraiçoada
A precede feroz de sanha armada,
Serpeia lhe ao redor da triste frente
Azul, viperea coma, que sibilla:
Na esquerda lhe scintilla
Ceruleo facho ardente,
Com que devóra o Mundo;
Desordens, Sedições, Furores, Damnos,
Incolas feros do Cocyto immundo,
Assanha contra os miseros Humanos;
Em quanto a seva Erinnys,
Chovendo raios, enea Egide embraça,
E aos mesmos Ceos mil vezes ameaça.

ARIA

Dos cavados rijos bronzes
O fatal rouco estampido
Nos profundos valles sôa:
Com aspecto enfurecido
Sobre nuvens d'atro fumo
A terrivel Morte vôa;
Naõ perdôa
Ao tremente frio Medo,
Nem ao bellico Valor.
Rolaõ soltos pelos campos

Aureos elmos emplumados
Abolados.
Tristes ais no Ceo retumbaõ
De milhões d'infortunados,
Que por lei d'iniquos Fados
(1) Ferreo somno os olhos cerra.
Temerosa a Paz divina
Deixa a terra,
E da esfera crystallina,
Fito a fito olhando o mundo,
Treme, esfria de terror.

Mas que Deosa gentil de pó cuberta,
Com pallido semblante
Diviso titubante
Aqui, e alli volvendo a vista incerta?
A fronte encastellada enrama em torno
De louro, e de cypreste:
Cahida sem adorno,
A longa talar veste
Em roxo sangue dos Mortaes ensòpa.
Que triste scena! és tu sublime Europa!
Em que funesto lastimoso estado

Te

(1) Olli dura quies oculos, et ferreus urget
Somnus.....
Vig. Eneid. L. X. v. 745, e L. XII. v. 309.

Te pôz teu duro fado!
Das Regias filhas tuas prepotentes
Cidades florecentes,
Que a teus peitos nutriste disvelada,
Te vejo rodeada,
Qual sacrilega empunha o mortal ferro,
E as mãos audaces contra os Ceos levanta!
Qual ao Crime decepa a vil garganta:
Qual ergue altares ao punivel Erro.
Do barbaro Gradivo
Seguindo as rubras tremulas bandeiras,
Eilas surdas á voz da Humanidade.
Sem vida jazem legiões inteiras
Aos pés da Crueldade:
Mas que assombro, que rara maravilha!
Lysia, Lysia famosa,
Da rica Europa a mais brilhante filha;
Entre a falange das Irmãas guerreira,
A testa magestoza
Enrama de pacifica oliveira!
Em vez de horrendo alfange, ou dardo agudo
Arnez polido, triplicado escudo,
Recem-nascida lhe affortuna os braços
Huma gentil Princeza,
Assombro da belleza,
Penhor seguro dos mais firmes laços.

ARIA.

Angelicas Virtudes
O Olimpo despovôaõ,
E ao tenro peito vôaõ
Da Infante Regia Nynfa
Do Luso Imperio esteio,
Ventura que nos veio
Da maõ Celestial.
As Graças lhe bafejaõ
O rosto perigrino:
Outorga-lhe o Destino
Mil dotes sobre-humanos:
De Lysia, ao vella, fogem
Receios, Magoas, Damnos:
Ditosos Lusitanos!
Ditoso portugal!

Do intonso claro Cynthio Esposa bella,
Calliope fecunda,
As causas me revéla
Do immenso gosto, que minha alma inunda;
Hoje me empresta a lyra alti-cadente,
Que a rapida corrente
Do Strimon enfreava,
Que enternecia as feras,
E dos hombros do Rhodope arrancava

As arvores procéras.
Escute, cheio de suave espanto,
O vasto Mundo meu sonoro canto,
Sacro Furor, o coraçaõ me abrazas!
Que sinto, ó Ceos, a voz me titubeia!
Batendo as igneas azas
Os ares sulca minha vaga Idéa.
Do Futuro nublado
As portas de diamante arrombo ousado.
De CARLOTA, e JOAÕ por todo o Templo
Messes, e messes d'Heroismos noto,
E dando ao mundo Leis, regendo Imperios
A Filha augusta lhe diviso ao lado
N'um throno magestoso
Erecto, e sustentado
Pelas mãos da benefica Inteireza,
Do Merito sublime,
Da solida rectissima Equidade,
Da candida Piedade.
As próvidas Sciencias,
As Artes afanosas
Cingem-lhe a testa com festões de rosas.
Em vaõ tenta Bellona despiedada,
A' base de aureo Solio
Com cem grilhões atada,
No terno heroico peito

Soi

Soprar-lhe a flamma do furor Mavorcio,
Qu' a terna Humanidade, a sãa Prudencia
Mil vezes lhe demostraõ
Quaõ breve se murcháraõ
Os louros qu' adornáraõ
Semirames, Harpalices, Zenobias,
Pantesiléas, Cleopatras, Camillas,
Susto, e gloria de Marte sanguinoso.
Em tanto o voraz Tempo jubiloso,
Humilde, e reverente
Aos pés lhe prostra a foice reluzente,
E sobre a terra das prisões de flores
Os aureos dias de Saturno solta.
Themis do Olympo volta,
E a prodiga Abundancia
No centro do Universo
Entorna, exhaure seu florido cofre.
Despenhaõ-se de chofre
A Penuria, o Desastre, o Crime adverso
No Barathro horroroso.
Ulyssêa feliz, que em teu regaço
O germen viste pullular viçoso,
Que sobre as nuvens erguerá seus ramos:
Exulta, exulta que Adonai piedoso,
A quem mil graças damos,
Ouve teus rogos, e teus rogos cumpre.

Jámais temas, qu' a funebre Desgraça
De ver qu' arrastas seus grilhões se ria,
Nem qu' o Disturbio victima te faça
De sua tyrannia,
Que a nova Heroina, de teus votos preço,
Te esquiva, e rouba a quantos infortunios
Possa urdir em teu damno a injusta Sorte:
E erguendo a fama tua
Sobre as Ethereas regiões serenas,
Reune em ti, no templo da Memoria,
De Sparta, Roma, Athenas
O fasto, o brilho, a prepotencia, a gloria.

» A R I A »

O mundo assola
Enyo ferina,
Prostra, e fulmina
A gente humana.
Só Lysia ufana
Dos Ceos mimosa,
Os fructos gosa
Da meiga Paz.
A nova Estrella,
Qu' em seu Oriente
Nasce, e fulgura,

Mil

Mil bens lhe augura.
Eia louvemos,
Lusos famosos,
Quem taõ ditosos
Hoje nos faz.

» CANTATA »

Aos annos de Laura.

O Instante volta do Natal florente
De Laura encantadora.
O' como alegre vem abrindo a Aurora
As portas d'ouro do rosado Oriente
Ao Nume intonso da voluvel Délos!
Ornando os quadros, que veceja Flora
D' aljofar transparente,
Pranto saudoso de seus olhos bellos.
De rosas coroado,
No aureo puniceo coche refulgente
Do Hydaspe surge magestoso o Dia,
Vibrando accelerado
Brilhantes setas de nascentes luzes
Contra a estellante Noite, opaca, e fria,
Que ás Scythicas montanhas
Os nocturnos frisões medrosa guia.
Vencidos, e aterrados
O ethereo campo cedem

De

De informes sombras esquadrões cerrados;
Em quanto Febe desmaiada, e froxa
A esfera azul, e roxa
A passo, e passo temerosa deixa.
As frias auras sussurrando acordaõ
Por entre as folhas da nutante selva,
E os Zefyros brincões pregando as azas,
Rolaõ por cima da orvalhada relva;
A par transmontaõ do Silencio triste
Os leves Somnos em confuso bando,
Os braços a miudo esperguiçando.

» A R I A »

Entre juncos, e espadanas
Com sonoro murmurio
Erra o claro manso rio
Mais que nunca ufano, e ledo:
Pelos ramos do arvoredo
Pendurados
Os aligeros Cantores,
Em melificos trinados
Louvaõ, cantaõ seus amores:
Com mais pompa as ternas flores
Hoje ao vento aromas daõ.
Os seus dons benigna entorna

A florida Primavera :
Novo brilho inunda a Esfera,
Nova galla o campo adorna.
Hum prazer geral respira
A profusa Natureza ;
Nem ancioso já suspira
Entre as serpes da Tristeza
Meu sensivel coraçaõ.

Causa perenne de meus ais saudosos,
Laura, meu terno amor, Nume adorado,
Dos annos teus ditosos
He este o Dia, o Dia suspirado!
O Dia que me trouxe
O bem mais puro, que dar póde o Fado,
Que acerba, odiosa, e triste,
O' Nynfa encantadora,
A propria vida para mim naõ fora,
Se o Deos terrivel, que na dextra açama
O raio furibundo,
Com teus encantos naõ dotasse o mundo?
D'Eóo o fulgidissimo luzeiro
Que inunda o Orbe inteiro
De placida alegria,
Que tristeza, qu' horror me infundiria
A faltarem na terra esses dois astros,
Qu' em teu gentil semblante

A magoa de existir tanto me adoçaõ?
Esses dois astros de benigno influxo,
Onde a pureza, a graça resplandecem,
De meus destinos arbitros piedosos.
Que importa qu' a Desgraça
Contra minha alma sem cessar fulmine,
Que mil saudades, mil funestos sustos
Em torno ullulem de meu peito amante,
Se apenas chega o venturoso instante
De ver teus olhos, tua imagem bella,
A horrisona procella
De meus crueis Pezares
Foge, qual foge o desgarrado armento
Do Lobo truculento.
Porém quanto he custosa esta ventura
Ao teu fiel Belmiro
Brutais Hyrcanios monstros,
Que o placido alvedrio te sobpeiam
De mim te apartaõ, Ceos! como se eu fora
Torvo Leaõ feroz, qu' acceso, e bravo
Teus brandos membros lacerar quizesse.
Ardes por mim, por mim terna suspiras,
Constante amor, constante fé me guardas,
Eis a culpa fatal por que te arrojaõ
Ao negro abismo do cruel Desgosto,
Sem que lhes mova o coraçaõ ferrenho

O triste pranto, que t'aljofra o rosto,
Capaz de enternecer Marpesias Rochas.
Mas ah! que parte nos teus damnos tenho!
Que funebres pezares naõ fascinaõ,
Meu peito onde germinam
Viçosas permanentes esperanças,
Quando junto dos Argos que te observaõ
Hum teu furtivo olhar me denuncia
As duras magoas, que por mim supportas?
Se á falsa Hypocrisia
Rendesses vivos cultos,
Talvez qu' infausta victima naõ fosses
De tantas afflicções, tantos insultos:
Mas tu detestas o punivel dolo,
Pizas do cego Fanatismo o collo,
Naõ dás incensos a profanas aras;
Sabes qu' ao Ceo nenhum vivente illude,
E crimes naõ mascáras
Com trajes da Virtude.
Eis porque chovem sobre ti do Olympo
D' immensas graças perennaes diluvios;
Eis porque os ferros, que vaidoso arrojo,
Nunca os estragos soffreráõ do tempo.
Ah! quem pudera neste amavel Dia
Innumeros Thesouros tributar-te.
Quem mil Augustos Scetros

Tivera qu' offertar-te!
Porém teu genio raro
Mundanos bens despreza,
As cem famintas negras fauces truncas
Da sordida Avareza;
Mais a ternura de minha alma estimas,
Que o mando, e qu' a riqueza.
E devo acaso desistir de amar-te?
Quebrar os puros votos,
Que sobre as niveas mãos te fiz mil vezes?
Naõ, naõ julgues em mim tanta impiedade
D' ingrato a nodoa horrivel
Nem por momentos manchará meu nome,
Sou a teus dons sensivel,
E até qu' o triste final termo assomme
No alcaçar da Firmeza
Verás minha gostosa Liberdade,
Nos firmes laços de teus dotes preza.

ARIA

Amores, e Graças
Os ares povôaõ,
E alegres corôaõ
De fulgida Gloria
No templo brilhante

Da-

Da eterna Memoria
O nitido Instante,
Que vio com vangloria
Ao bem qu' idolatro
No mundo nascer.
Ah! sempre eu te veja
Dos Numes amado,
Momento dourado,
Sem que despiedoso
O Rispido Fado
Te nuble, te affronte:
E Laura mimosa
Mil vezes te conte
A' sombra ditosa
Do fausto Prazer.

MADRIGAL.

DEixei por falsa Armania encantadora;
Amei Nathercia dura,
Que foi tambem perjura;
Mas era mais qu' Armania em tudo linda:
Depois Celia adorei mais bella ainda:
Deixei-a por traidora:
Marilis amo agora,
Qu' a todas na belleza se realça:
Porém se em falta della
Hei de ter para amar outra mais bella,
O Ceo permitta, que me seja falsa.

MADRIGAL.

QUando mais terno a Lilia i'idolatrava,
N'um dia em que o meu gado apascentava
De repente vi mortas duas rezes;
Corvo sinistro ouvi grasnar tres vezes
No cypreste do raio denegrido:
Temi do fero agouro persuadido
Ver fogo no casal, ronha no gado,
Ou outro algum successo desgraçado:
Porém naõ foi assim, tive a ventura
De achar Lilia cruel nos braços d'outrem,
De riscar da lembrança huma perjura.

MADRIGAL.

PAz deprequei a Amor ancioso hum dia;
E Amor a Ismena paz tambem pedia.
Que triste infausta scena!
De mim zombava Amor, d'Amor Ismena!
Instamos ambos orvalhando a terra
De pranto amargurado,
Cedeu Ismena ás preces do Vendado:
Mas elle qu' impios dolos n'alma encerra,
Depois qu' obteve a paz me fez mais guerra.

MADRIGAL.

Soltai mais doce voz, aves saudosas:
Brotai novo matiz, prados florentes:
Dobrai as sombras, arvores frondosas,
Mais fragrancia exhalai, flores virentes,
Que depois de huma ausencia dilatada
Torna a ver-vos Marilia, os meus amores:
Porém se virdes a cruel mudada
A novo amante conceder favores,
Em paga lhe negai desta inconstancia
Melodia, prazer, sombra, fragrancia,
Aves, Campinas, Arvoredos, Flores.

MADRIGAL.

Achei Marilia bella
Dormindo á sombra d'um frondente arbusto,
Sentei-me junto della,
E entre prazer, e susto
A face côr de rosa,
Dando hum suspiro, com fervor lhe beijo:
Desperta, e desdenhosa,
O sitio alimpa que levára o beijo.
» Cruel, entaõ lhe digo,
» Em vaõ limpas a face melindrosa,
» Que o beijo que te dei tornou comigo.

MADRIGAL.

Favonios lisongeiros,
Que espalhais meus suspiros nestes valles,
Voai, voai ligeiros,
E à dura Jonia referi meus males:
Contai-lhe as crebras dores,
Que excitaõ na minha alma seus rigores:
Mas ah! triste demim! vós illudidos
Levais ás broncas penhas meus gemidos!
Reparai que o meu bem Jonia inclemente,
De pedra naõ he toda, tem de pedra
O coraçaõ sómente.

MONOLOGO I.

A LAURA

Tecum vivere amem, tecum obeam libens.
Hor. L. III. Ode 9.

AS negras azas da saturna Morte
Meu debil peito assombraõ,
Retumba na minha alma a voz terrivel
Da immensa Eternidade.
Ancias pungentes, horrorosos sustos,
Traidores sobresaltos,
Meu palpitante coraçaõ laceraõ.
Encanto sempre amado,
O' Laura, é doce bem, onde te occultas?
Porque me desamparas?
Queres poupar-te á dor, ao sentimento
De ver-me, e de escutar-me?
Ah! vem com teus suaves meigos olhos
Fazer menos amargo
O fel, que bebo da tyranna Morte.

Vem

Vem terna, e compassiva
Ouvir o ultimo a Deos de quem te amava
Mais do que a propria vida.
Vem, que se tardas acharás meu corpo
Nas trevas do sepulchro,
Pasto de immundos, asquerosos vermes:
Entaõ de inutil pranto
A fria campa regarás saudosa,
E hum mudo horror austero
Por mim te increpará do teu descuido.
Em teus mimosos braços
Deixa, que solte os ultimos suspiros.
Seja Laura piedosa
Quem meus turbados froxos olhos cerre,
Quem jure ao meu cadaver
Eterno amor, eterna fé mil vezes.
Mas devo acaso expor-te
De taõ funesta scena a imagem triste?
Que dôr naõ fora a tua,
Quando observasses do teu grato amante
Os membros inflexiveis;
Frias as carnes, macilento o rosto,
Os labios denegridos,
Os labios, que a teus labios amorosos
As chamas transmittiaõ,
Que as férvidas entranhas me abrazavaõ,

Onde ávida fazias
De proximos prazeres sempre novos
Ferneticos preludios,
Seguidos sempre de expressões mais doces,
Que os doces favos de Hybla.
O termo assomma, ó Ceos! meus dias tocaõ
A meta inevitavel:
Já da vida me apaga hum mortal sopro
As ultimas faiscas:
Eu morro, sim eu morro, mas naõ temo
Da Parca o previo golpe:
Nem deixar na viçosa flor dos annos
Vãos mimos da ventura:
Sinto, ó Laura infeliz, sinto deixar-te
N'um depravado mundo,
Cheio de embustes, de injustiças cheio,
Onde a Razaõ mil vezes
Geme sem fructo aos pés do Despotismo:
Es branda, es grata, es meiga,
Ao terno impulso das prixões sensivel;
Nas aras da Virtude
Votivo insenso fervorosa abrazas.
Feliz de quem obteve
De teus agrados as primicias ternas,
De quem sobre teus braços
Colheu de suas oblações o fructo.

Mas

Mais triste por extremo
De quem teus raros attractivos deixa;
De quem na horrenda noite
Do pavoroso tumulo sombrio
Vai, para mais naõ ver-te,
Jazer submerso n'um perpetuo (1) somno.
O' Deos, ó Nume Eterno,
Que no Imperio da luz ao mundo attentas
Com olhos de piedade,
Se aos frageis Entes, que te pintem soffres
Segundo seus caprichos,
Que te imputem defeitos proprios delles
De tua Essencia indignos,
Os vãos delirios meus, meus vãos transportes
Perdoa compassivo,
Saõ meus crimes de amor arder nas chammas,
Ceder á Natureza,
Que o fogo das paixões me sopra n'alma,
Qu'a Razaõ me agrilhoa,
Quando pretende o Imperio disputar-lhe.
O' Deos, eu naõ te arguo,
Mas se hum peito inflexivel me outorgasses,
Hum genio esquivo, indocil,

Es-

(1) .... perpetuus sopor urget. Horat. L. II. Od. 24.

Estes grilhões, que rojo naõ rojára,
Qual bronze, ou marmor duro
De Laura aos gratos dons fora insensivel:
Mas Ceos! a luz brilhante
Vai-me dos olhos turbidos fugindo:
Mortifero desmaio
De mim se apossa, eu morro, a Deos, eu morro:
Hirá voando aos Orbes
Envolto no meu ultimo suspiro
Teu nome, esquiva Laura.

MONOLOGO II.

Come, lovely Nymph, and bless the silent hours.
Pope
Summer the second pastoral. Ver. 63.

DO abismo surjo, do horrido lethargo,
Que os membros me opprimia,
Os olhos inda absortos vacillando
Abro, e volteio a susto.
Mas que medonha escuridaõ me cerca,
Que trevas silenciosas,
Amplo asylo do horror, minha alma enlutaõ?
Só mal distinguo ao longe
Erma espirante luz, que espalha a froxo
Funerea claridade,
E a cada instante se amortece, e anima:
Imagem pavorosa
Do escaço alento, que me esteia a vida;
Lá voa o som troante
D'uma nocturna solitaria hora.
Nos braços do repôso

Tu-

Tudo socega, tudo em paz descança.
Que funebre silencio!
Bater o coraçaõ no peito escuto!
E em tanto horror submerso
Inda meus olhos assombrados buscaõ
A meiga, doce Laura:
Inda impera em minha alma agonizante
A linda imagem sua;
E hei de, meu bem, sem ver-te ir-me, e deixar-te
Exposta a precipicios?
E hei de espirar sem ti, hei de a meus rogos
Surda encontrar-te hum dia?
Mas foge, foge d'um medonho espectro
Qual sou, qual me contemplo.
Foge; aterrar-te de me ver naõ queiras,
Fausta, benigna Sorte,
D'impios desgostos ao meu bem preserva,
Recata-lhe incessante
A innocente candura, o virgem pejo.
A seducções exposta
Ai de mim! que farás, mimosa Laura?
A fragil natureza
Cede aos combates de importunas teimas,
E quando affecta as chammas
D'um casto puro amor, sempre triunfa
O sofrego Appetite.

Ceos!

Ceos ! que horrivel terror me corre as veias !
E haõ de assentir os Fados ,
Que outras prisões teus alvos pulsos liguem ?
Que as faces te profane
Boca impudica de vivente impuro ?
Haõ de assentir , que rompas
Sagrados votos de firmeza eterna ?
Que risques da lembrança
Tantos excessos de ternura minha ?
Sim , sim qu' os torvos evos
Existencia constante a nada outorgaõ :
Depois que delirante
Sobre a minha horrorosa sepultura ,
Quebradas as madeixas,
A côr perdida , em lagrimas ardentes
Os olhos affogados ,
Por mim bradares com truncadas vozes :
Depois que envolta em magoa
Tremendas juras de firmeza eterna
Fizeres a meus ossos ,
A pouco , e pouco o leve , instavel tempo
Da tua vaga idéa
Irá riscando minha triste imagem :
Saudades fugitivas ,
Froxas lembranças d'um já tibio affecto
Te ficaráõ apenas ,

Ah !

Ah! que terrivel, devorante incendio
De meu cruel Ciume
As sombras do futuro me esclarece!
Lá vejo em triste quadro
Voando-te de roda amantes queixas
D'um tentador objecto;
Mais sensivel talvez aos dons, ás graças
De teu brilhante rosto,
Que aos raros dotes de tua alma pura.
Ouves-lhe indifferente
De seus extremos os primeiros votos.
Roga, teima, suspira,
Naõ para ámallo, para ouvillo o attendes.
Commovem-te os seus damnos:
Eis Amor, eis Amor ganha a victoria;
Já presa em novos laços,
Sem dó me entregas ao dormente abysmo
Do frio esquecimento.
Em transportes amantes embebida
Já córas, já te assustas
Quando meu nome desgraçado sôa
Diante do teu Nume,
Tremes quando na idéa te appareço
Com susto de aggravallo.
Tu mesma, se elle o quer, enches de injurias
Aquelle que adoraste!

Cho-

Chovei raios, chovei contra a perjura;
Infernos, sovertei-a.
Falsa, e valor terás de ver meus ossos
Cubertos de ludibrios?
Teme, teme, que minha infausta sombra,
Furores dardejando,
Vivas te arranque as perfidas entranhas.
Treme.... Porém que furia!
Me tem de horrores assombrado a mente!
Eu mesmo com blasfemias
Maculo tua candida pureza!
Eu mesmo encho de ultrajes
Quem tanto adoro, quem por mim se abraza!
De imaginarios crimes
Accuso temerario hum firme peito,
Exemplo da ternura?
O' Morte; ó Morte, os golpes teus desfecha,
Pune hum fallar blasfemo.
Ah! que o sangue me esfria, a voz me falta,
A mente se perturba!
Sem ver-te, idolo meu, sem ver-te espiro
Nos braços da Saudade.

CANÇAÕ

A Marcia.

VOluvel Marcia, em quanto o veloz Tempo
Das faces te naõ murcha as vivas rosas,
E da tarda Velhice as mãos rugosas
Naõ cobrem d'alvo gelo
O teu dourado lucido cabello;

Em quanto de ternissimos amantes
Prezas vontades a teus pés suspiraõ,
E ardentes votos de redor te giraõ,
De Amor aos doces laços
Entrega o coraçaõ, entrega os braços.

Ninguem desprezas, mas ninguem te inflamma:
Com doces vistas, onde enganos vendes,
Cultos de todos acceitar pretendes:
Recreias teus ouvidos
Com tristes queixas de Mortais vencidos.

Vê que em murchando a flor da fresca idade,
Vaõ dotes, graças, perfeições fugindo,
E os olhos mais gentis, gésto mais lindo
Só tristes desenganos
Despertaõ n'alma aos ávidos humanos.

Escolhe entre os amantes que te adoraõ,
O que mais puras oblações te rende:
A hum só objecto a liberdade prende,
E hum aspero desprezo
O resto solte, que de amor tens prezo.

Quando o ferrete dos pezados annos
Marcar teu rosto, qu' hoje inspira Amores,
E dos viventes mal olhada fores,
Terás hum digno amante,
Que naõ se enoje de te ser constante.

D'uma terna amizade entre as cadeias
Quanto serás feliz! quanto adorada!
De angelicos prazeres volteada,
Em doce paz ditosa
Da vida o resto passarás gostosa.

O frio inverno da velhice inerte
Dos amores espanca a chusma altiva,
Apaga as chammas da paixaõ mais viva;
E só pura amizade
Resiste ao gelo da caduca idade.

Se para a escolha me pedisses voto,
Surda ás instancias de hum ardente affecto;
Eu te mostrava hum digno, hum grato objecto;
Que os braços teus pretende,
E que mais pura adoraçaõ te rende.

Se delle queres os sinaes, escuta:
Quem seu retrato vé, vê meu retrato,
Qual eu sou grato, e firme, he firme, e grato.
De sorte qu'a escolhello,
Sem me veres, jámais poderás vêllo.

Ah! bella Marcia amada, e nunca amante!
Antes qne o tempo audaz meus damnos vingue,
Cede á ternura, o vario genio extingue:
Teme, que Amor te inflamme,
Por quem os lindos olhos teus naõ ame.

CANÇONETA I.

A Immaculada Conceiçaõ da Virgem Maria N. S. (1).

QUe fraudes horriveis,
Que horrivel estrago,
Famelico Drago
Semeia entre nós,
O collo escamoso
Arfando feroz!

Empanna seu bafo
Os lustres ethereos,
C'os olhos vipereos
Fascina os Mortais.
Veneno golfando
Das fauces lethaes.

Por

(1) Recitada na Academia de Humanidades de Lisboa na Sessaõ de Dezembro de 1790.

Por terra alongado
Hum hora serpeia,
E a cauda encadeia
Em longos aneis,
Outra hora corisca
Dos olhos crueis.

Os Ceos ensurdecem
A nossos clamores.
Marulho de horrores
Nos vem combater.
Quem póde no mundo
Seguro viver?

Porém que Donzella
D' Estrellas c'roada,
Em nuvem dourada
Lá vejo assommar!
Os Anjos se escutaõ
Em córos cantar!

Seu manto raidoso
Nos ares fluctua!
Sustenta na Lua
Os candidos pés!
Quem és raro assombro?
Responde; quem és?

Oh sorte! oh prodigio!
Feliz maravilha!
He esta, he a Filha
Celeste de Abraham:
Chegou aos humanos
Geral Redempçaõ.

Dissipaõ-se as trévas
Funestas do mundo,
O Drago iracundo
Trepida de horror;
E o susto do estrago
Lhe dobra o furor.

A lingua farpada
Em fremitos vibra:
Sanhudo equilibra
O corpo no ar,
E a Sacra Donzella
Procura assaltar.

A Virgem sem susto
Da fera damnosa,
Co' a planta mimosa
Lhe opprime a cerviz
Illesa alcançando
Victoria feliz.

Torcendo-se arqueja
No jugo potente
A torva Serpente
Cuberta de horror,
Em vaõ, em vaõ se arma
De sanha, e furor.

A cauda cerulea
De negro manchada,
Em arco vibrada
Afferra no chaõ.
Ora abre, ora fecha
As fauces em vaõ.

Os Ceos te bem-digaõ,
Donzella formosa,
Vergontea frondosa
Do claro Jessé;
Por quem libertado
O Mundo se vê.

Do Sol Sacrosanto
Foste inclyta Aurora,
Feliz defensora
Dos filhos de Adam.
Tu abres as portas
Da Santa Siam.

Es Mãi, Filha, e Esposa
Do Numen Superno,
Illesa ab æterno
Da culpa geral:
Feliz oppressora
Da Serpe infernal.

Primeiro que ao Astro,
Que os Ceos illumina,
A mente Divina
Essencia te deo,
E foste c'roada
Rainha do Ceo.

A Çarça incombusta
Tu és, oh Senhora,
A quem naõ devora
A culpa voraz.
E's Iris Celeste,
Annuncio de paz.

Celebrem-te sempre
Do Olympo os Cantores
Perennes louvores
Te dem os Mortais:
Teus cultos se vejaõ
Crescer mais, e mais.

Da torva Discordia,
Da Inveja sedenta
Benefica isenta
O nosso Atheneo:
Mil graças lhe alcança,
Mil bençãos do Ceo.

CANÇONETA II. (1)

EM fresca manhãa do Outono,
Qu' Aurora o campo aljofrava,
Da choça minha eu sahia;
E o manso armento levava
Apascer na relva fria.

Doces Canções numerosas
Hia traçando na idéia
Contra Amor, e seus enganos,
Para cantarem na Aldeia
Comigo os outros Serranos.

Eis que d'hum bosque de murtas
D' Armania ao Casal vizinho
Vejo sahir pressuroso
Hum travesso rapazinho;
Mas de gesto magestoso.

Ro-

(1) Premiada pela Academia Real das Sciencias na Sessaõ de 12 de Maio de 1791.

Roxa venda a luz dos olhos
Com tres voltas lhe roubava:
Nas mãos hum arco trazia;
E ao lado em formosa aljava
Crueis farpas embebia.

» Tenro menino, lhe brado
(De vêllo com dó infindo)
» Deste frio naõ teus medo?
» Guarde-te o Ceo, como és lindo!
» Quem és? onde vás taõ cedo?

» Quem sou bem sei que naõ sabes;
» Porque se acaso o soubesses
(Me responde enfurecido)
» Póde ser que naõ tivesses
» De mim tanto escarnecido.

» Pois sabe, que eu sou no mundo
» Arbitro das liberdades:
» Todos em meus ferros gemem,
» Uno, e desuno as vontades.
» No Orco, e no Olympo me temem.

» Agoz

» Agora, onde vou depressa
» O verás. » Nisto arrancando
Do carcaz farpaõ fulgente,
Vem para mim caminhando
Com torva, sombria frente.

» Rapaz travesso, lhe digo,
» Onde vens? O que proferes?
» Quem sou conheces bem pouco;
» Ora vai-te se naõ queres,
» Que te mostre o quanto és louco.

Mas pé atraz nisto pondo,
Faz-me ao peito pontaria,
Despede o virote hervado,
Em cuja farpa trazia
D' Armania o nome gravado.

Meu coraçaõ atravessa:
Salta a borbotões o sangue.
D' Amor o poder conheço,
E a seus pés, já quasi exangue,
Humilde soccorro peço.

Mas de meus rogos zombando
» Onde estaõ teus ameaços?
(Me diz com voz mofadora)
» Ferir-te, naõ tens dois braços?
» Chega a mim, vinga-te agora.

Só com truncados soluços
Lhe respondo, e o Deos tyranno
Lançando-me atrozes ferros,
Prosegue: » Ouve, audaz humano;
» A sentença de teus erros.

» Amarás, envolto em magoas,
» Armania por teu castigo,
» E nesta paixaõ penosa
» Jámais a verás comtigo,
» Se quer hum' hora, piedosa.

» De teus rivais adulada
» Geral desprezo affectando,
» Zombará de teus queixumes,
» Expondo teu peito brando
» A's mãos de crueis Ciumes.

» Quer vendo-a, quer della ausente
» Naõ dará fim teu tormento,
» Que te instará sem piedade,
» A' vista o Zelo cruento,
» Ausente a cruel Saudade.

Disse, e quando vou pedir-lhe
Lenitivo a meus pezares,
As leves azas soltando
Me foge veloz, nos ares
Brilhante rasto deixando.

A fascinante Desgraça
Vem apôz do meu tormento;
Meu grado trigo emmurchece,
Nem curo do pobre armento,
Que á mingua todo engafece.

Desta sorte amando fico
Armania, entre magoa immensa,
A qual capricha inhumana
De ser da cruel Sentença
Executora tyranna.

CANÇONETA III.

N'Um bosque frondente
De murtas, hum dia
Nathercia formosa
As horas dormia
Da sésta calmosa.

Dos troncos floridos
Favonios voadores;
Que froxos sopravaõ,
Chuveiros de flores
Sobre ella entornavaõ.

De hum terno Vendado,
Que ao bosque viera
Os outros carpindo
De quem se perdêra,
Foi vista dormindo.

Ao vella, nos olhos
O pranto repreza
O meigo Cupido;
E já lhe naõ peza
Haver-se perdido.

Gostoso os cabellos
Lhe enastra de rosas;
Em torno lhe adeja;
E as faces mimosas
Mil vezes lhe beija.

Mas eis que o tumulto
No prado vizinho
Dos mais escutava:
O terno Amorzinho
De gosto saltava.

As palmas batendo
Aos outros corria,
Ufano, e vaidoso;
E hum premio pedia
Do encontro ditoso.

Depois que perguntas
Os mais lhe fizeraõ,
Lançando-lhe os braços,
Em paga lhe deraõ
Immensos abraços.

Já ledos, e afoitos
Os Numes damninhos
O Campo atalaiaõ,
E os tenros bracinhos
Nas Aves ensaiaõ.

Já destros sobraçaõ
Os coldres fulgentes,
Os arcos formosos,
Que tinhaõ pendentes
Nos Olmos frondosos.

Já tecem mil filtros,
Mil tramas atrozes;
E apenas se apromptaõ,
Em chusmas velozes
Ao ar se remontaõ.

O Nume, que trouxe
A nova benigna,
A frente occupava,
E a tropa maligna
Risonho guiava.

Soberbo no centro
O Chefe Cupido,
Hum ferro empunhando,
Bradava insoffrido
Ao trefego bando:

» Mil vezes Nathercia
» A nosso respeito
» Nos tem resistido,
» Mas hoje seu peitõ
» Veremos ferido.

» Lethargicos somnos
» O corpo lhe rendem:
» Seus olhos traidores
» Já naõ a defendem
» Dos meus passadores.

» Rasguemos-lhe o peito ,
» Os pulsos lhe atemos ;
» Da paz se despoje ,
» E agora veremos
» Se ainda nos foge.

» Poz termo , Belmiro ,
» Teu fero tormento ,
» Naõ vivas queixoso ,
» Que chega o momento
» De seres ditoso.

Mas nisto descobrem
A Nynfa os Frecheiros ,
E todos suspiraõ
Por ser os primeiros ,
Que o peito lhe firaõ.

As frechas terçando
Crueis , e ferozes
O adejo apressáraõ ;
Mas todos velozes
A hum tempo chegáraõ.

Quaes delles, apenas
Contemplaõ seu rosto,
Da furia esquecidos
Despontaõ de gosto
Os ferros buidos.

Quaes delles travessos
O seio lhe indagaõ,
E as faces divinas
Surrindo-lhe afagaõ
Co' as mãos pequeninas.

A' boca purpurea,
Que aromas exhala,
Os outros corriaõ,
E todos bejalla
Primeiro queriaõ.

Aquelles que froxos
Mais tarde chegavaõ,
Trepando, os ligeiros
Pezinhos firmavaõ
Nos mais companheiros.

Porém huns com outros
Tal bulha, tal guerra
Inquietos urdiraõ,
Que todos em terra
De chusma cahiraõ.

Hum Fauno, que perto
Notava invejoso
A turma vendada,
Da queda gostoso
Dá longa risada.

A Nynfa desperta
A' voz estrondosa,
E os olhos divinos
Levanta maviosa
Aos Numes ferinos.

Eis todos lhe fogem
De assombro feridos,
Os ferros engeitaõ,
E aos troncos subidos
Medrosos a espreitaõ.

O Nume doloso,
Que o bando regia,
De pejo corava,
E em quanto fugia
Desta arte clamava:

» De Amor naõ te queixes,
» Belmiro amoroso:
» Teu Fado inclemente
» Fazer-te ditoso
» Jámais me consente.

» Natercia a quem amas
» Meu culto anniquila;
» Mil vezes irado
» Tentando ferilla,
» Me vi destroçado.

» Escuda-lhe o peito
» Seu rosto alvo, e lindo:
» Como hei de rendella,
» Se mesmo dormindo
» Naõ posso vencella? »

Callou-se, e alimpando
As lagrimas futeis,
N'uns cedros copados
Quebrou por inuteis
Os ferros hervados.

CANÇONETA IV.

HUm dia que soube
Vulcano iracundo
Os males, que ao mundo
Provinhaõ d'Amor;

Jurou, que n'ardente
Voraz ferraria
Jámais lhe faria
Hum só passador.

Cupido entretanto,
Que a jura ignorava,
Ferir desejava
Hum livre Pastor.

Dirige-se a Lemnos,
E aos Brontes pedia
Das frechas, que havia
A frecha melhor.

O Pai que o presente
Exclama severo:
» Aqui mais naõ quero
» Ver esse aggressor.

» Se nesta Officina
» Houver quem o deixe
» Entrar, naõ se queixe
» Se vir meu rigor.

O Nume com pragas
Os orbes atrôa,
A Gnido revôa
Qual rapido Açor.

Aos outros Vendados
Seu mal, sua afronta
Mil vezes reconta
Com ancia, e furor.

» He crivel, que hum Nume
(Clamava o Frecheiro)
» D'um torpe Ferreiro
» Precise o favor!

» Mãos tenho, ao trabalho
» Maior naõ me escuso,
» Das armas que uso
» Serei constructor.

Callou-se; e nas margens
Do Tejo destina
De egregia Officina
Fazei-se erector.

Já çafras, bigornas,
Tenazes se aprontaõ;
Os Ocios transmontaõ
Do rancho voador.

Tornados ferreiros
Os lindos Vendados,
Aos Brontes crestados
Causavaõ pudor.

Qual delles batendo
As nitidas azas
Das rubidas brazas
Desperta o calor.

Qual delles depondo
O rigido malho,
No duro trabalho
Alimpa o suor.

Das chammas, que zunem,
Dos golpes dobrados
Nos montes cavados
Retumba o fragor.

O Mestre Vendado
Feroz, carrancudo
Ralhando por tudo
Lhes dobra o fervor.

Resurgem das forjas
Nas mãos dos Vendados
Farpões cicalados
De raro lavor.

As farpas lhes pulem,
As hastes empennaõ,
E o ferro envenenaõ
No Estygio liquor.

As frechas cruentas,
Que huns promptas deixavaõ,
Os outros provavaõ
Com fero clamor.

A's rochas alpestres
Com furia as brandiaõ,
Que tortas cahiaõ
No chaõ sem vigor.

Tornavaõ de novo
Na fragoa a mettellas,
Porém qualquer dellas
Surgia peor.

O Mestre Cupido
Bramia, raivava;
E em vaõ demostrava
O seu dissabor.

Mas nisto apparece
A fulgida Inalia;
Vencendo Acidalia
Em graça, e explendor.

Ao vêlla o Vendado
Exclama incessante,
Tingindo o semblante
De rubida côr:

» Das altas emprezas,
» Que tenho intentado
» He Jove sagrado
» Benigno fautor.

» Nos olhos de Inalia
» As frechas toquemos,
» Que frechas teremos
» A nosso sabor.

O Isento Belmiro
Entanto assommava,
Do gado que amava
Feliz guardador.

Eis logo em sua alma
Tentou fazer prova
Da seta mais nova
O atroz matador.

Nos olhos da Nynfa
Primeiro a prepara,
Depois lha dispara
Com fero estridor.

O peito lhe rompe,
E o sangue que salta
As carnes lhe esmalta,
Que esfria o temor.

Sem outros auxilios,
O Nume cruento
Se vê n'um momento
Do mundo Senhor.

Já contra seu braço,
Que tudo atropela,
Naõ vale cautela,
Naõ basta valor.

D'um mal ó Vulcano
Livrar-nos quizeste,
E hum mal nos fizeste
Mil vezes peor.

C'os ferros antigos
Amor furibundo
Naõ era do mundo
Geral vencedor.

Mas hoje qu' Inalia
Entrou na conquista,
Naõ ha quem resista
Ao Nume traidor.

CANÇONETA V.

N'Um risonho, claro dia (1)
Quando a terra abrazeava
Quasi a prumo o Sol formoso
Eu calmoso
Me enranhava
N'um gentil bosque frondente,
D'alvos freixos assombrado,
Por fugir da calma ardente.

Serpeando em longos giros,
Retalhava toda a selva
Hum regato que murmura.
Verde escura,
Fresca relva,
Que hum Favonio mal ondeava,
Com mil flores de mistura
O terreno tapizava.

(1) Todos os versos desta Cançoneta tem a terceira syllaba longa, segundo o uso dos Poetas Italianos.

Assim, que entro o bosque umbroso,
Qu' hum verdor eterno veste,
Ouço a grata melodia
De harmonia
Taõ celeste,
Que minha alma, de encantada,
Foi ás nitidas estrellas
N'um transporte levantada.

Mansamente me encaminho
Ao lugar, donde parece
Vir o canto sonoroso,
Receoso,
Que pudesse
Minha vista inopinada
Ao cantor sonoro, e doce
Perturbar a voz sagrada.

Quando junto d'um rochedo,
Qu' adornava a tosca fronte
De junquilhos recendentes,
Das correntes
D'uma fonte
De redor todo orvalhado,
Vi Cupido á fresca sombra
Entre murtas assentado.

Hum festaõ de gratas flores
Lhe adornava a coma undosa,
Que em aneis nos hombros gira:
Maga Lyra
Sonorosa
Contra o peito segurava,
E pulsando as aureas cordas
Brandos versos modulava.

Atrinada voz Celeste
Encantava a selva toda,
Nem as aves gorgeavaõ,
Nem voavaõ,
Só de roda
Os gentis ledos Amores
O silencio interrompiaõ
Dando palmas, e louvores.

Cautamente passo, e passo
Vou de roda caminhando
Ao rochedo cavernoso;
Ancioso
Suspirando
Por ouvir o Deos frecheiro,
E naõ longe acautelado
Me escondi entre hum vimeiro.

Da mimosa branda Psyche (1)
Em amor Amor desfeito,
A ternura, a gentileza,
A firmeza
De seu peito,
A meiguice o genio brando,
Ao canoro som da lyra
Desta sorte hia cantando:

» Branda Nynfa, objecto amavel,
» De caricias fonte pura,
» De minha alma luz superna:
» Es mais terna,
» Que a ternura:
» Com teu peito carinhoso
» Aprender póde o meu peito
» A ser meigo, a ser mavioso.

(1) Psyche Nynfa emula de Venus na formosura, a quem Cupido amou ternamente.

» C'os encantos, que fabrico
» Dómo os ventos, prostro as feras;
» Os Mortaes aos orbes subo,
» E derrubo
» Das Esferas,
» Se me apraz, os Numes Santos;
» Tu mais fazes, tu me vences,
» Tem mais força os teus encantos.

» Eu nos Ceos inflammo a Jove,
» A Plutaõ abrazo, e rendo
» No fatal reino das magoas;
» Entre as agoas
» Fogo accendo;
» Mas teu rosto alvo, e superno
» Abrazeia a quem abraza
» Terra, Mar, Olympo, Averno.

Entretanto qu' o Vendado
Do seu bem os dons requinta,
Vivo ardor em mim se ateia,
E na idéia
Se me pinta
A meiguice, a gentileza
Do meu bem, da minha Jonia
Explendor da natureza.

Da rosada linda boca,
Donde a graça emana, e chove,
Recordava a formosura,
A ternura
Com que move
Os divinos olhos bellos,
Que taõ caro a todos vendem
O fatal prazer de vêlos.

Recordava quando ao bosque
Ter comigo a furto vinha;
Que nas faces me beijava,
E jurava
Ser só minha;
E os dulcissimos instantes,
Em qu' hum terno abraço unia
Nossos peitos palpitantes.

Esta placida lembrança
Tal soberba me infundia,
Que julgava alucinado,
Que ao Vendado
Venceria,
Se a canora voz soltasse,
E com elle em desafio
Do meu bem os dons cantasse.

Azas deu este projecto
Ao meu louco atrevimento;
Eis que surjo do Vimeiro,
Ao Frecheiro
Me apresento,
E com gesto carregado
Affectando preeminencia,
Com desprezo assim lhe brado.

» Naõ presumas, que me assombra
» Tua voz, Nume potente.
» A cantar te desafio,
» Que o meu brio
» Naõ consente,
» Que ante mim louvores tantos
» Dês a Psyche, sem mostrar-te,
» Que o meu bem tem mais encantos.

Eis o Deos quando isto escuta
Em pé se ergue furioso,
E c'o rosto acceso em ira
Deixa a lyra
Pressuroso:
Range os dentes enraivado;
De travez me lança os olhos;
E assim falla perturbado:

» Naõ

» Naõ cuidei, que a tua audacia,
» Vaõ Mortal, chegasse a tanto,
» Mas a culpa he minha, indigno,
» Que benigno
» Vi teu pranto,
» E abrandei por teu respeito
» Da soberba, altiva Jonia
» O marmoreo isento peito.

» Armas dei contra mim proprio:
» Quem me manda ter piedade
» C'os Mortais, do mundo infando;
» Que abusando
» Da bondade....
Mais Amor dizer queria,
Quando assim lhe corta as vozes
Minha barbara ousadia:

» Bem descubro no que expressas
» O receio, que te agasta:
» Já cantar posso a victoria,
» Que por gloria
» Só me basta
» Ver-te ancioso, e trepidante.
» Ah! por certo que tem Psyche
» Hum brioso, hum digno amante.

Quan-

Quando o Nume tal percebe,
De pudor as faces tinge,
Ora mostra no alvo rosto
Seu desgosto,
Ora finge
Hum risonho terno agrado,
E hesitando alguns momentos
Me responde simulado:

» Naõ Belmiro, eu naõ receio
» Alternar comtigo o canto,
» Bem que excedas aos melhores
» Dos Cantores,
» Só me espanto
» De te ver, inda ha dois dias,
» Grato, humilde, e lacrimoso;
» E que já me desafias!

» Porém como assim o queres,
» Em o louro, intonso Pythio, (1)
» Que este bosque está queimando,
» Declinando,
» Neste sitio
» Me verás, que por agora
» Desafios naõ consente
» Esta calma abrazadora.

» Ui! Amor, pois quando ha pouco,
Lhe tornei, cançôes tecias
» A' que vive na tua alma,
» Que he da calma
» Que sentias?
» He mais quente o Sol agora?
» Mas já sei, donde procede
» O calor que te devora.

» Naõ

(1) Pythio o Sol, dito assim por ter morto a serpente Python.

» Naõ, Mortal, saberás logo
» A quem teu arrojo insulta.
Disse. É mais veloz, que o vento
N'um momento
Se me occulta;
E os Amores qu'o cercáraõ
Sem cessar mil, e mil vezes
Minha audacia praguejáraõ.

Entretanto eu figurava
Ter vencido ao Deos Vendado,
E até já me parecia,
Que me via
Laureado;
Recebendo altos louvores,
Quer nos prados, quer nos montes,
Das Serranas, dos Pastores.

Figurava qu'alto premio
Do meu bem receberia,
Que fineza carinhosa,
Amorosa
Me faria:
Porém quanto saõ baldados
Os projectos lisongeiros
Dos viventes desgraçados!

Mal qu' os leves ares corta
O cruel Idalio Nume,
Desce ao reino do tormento,
E cruento
Por costume,
Duras farpas sacudindo
Entre os vis tartareos monstros,
Ampla estrada foi abrindo.

Alli mesmo de perverso
Os estragos se sentirão:
Os que nesta vida amárão
Suspirárão
Quando o virão,
E de Amor os que morrêrão,
Das feridas lastimosas
Roxo sangue inda vertêrão.

Mais humano, e mais piedoso
O Cerbéro ás almas late.
Desenruga a' crespa frente
Pluto ardente,
E de Hecáte
Beija o rosto, as mãos enlaça.
Une Ixion (1) a roda ao peito;
E inda crê, que Juno abraça.

Nisto Amor a furna emboca,
Onde as Furias assanhadas
Daõ tormentos á porfia,
Noite, e dia
Rodeadas
De traições, magoas, queixumes,
Iras, damnos, sustos, odios,
Sedições, guerras, ciumes.

(1) Illic Junonem tentare Ixionis ausi
Versantur celeri noxia membra rota.
Tibul. L. I. Eleg. 3.

E depois que ao falso dolo,
Ao desprezo furibundo,
Ao furor, á vãa suspeita,
Laços deita,
Volta ao mundo,
E ao meu bem, veloz chegando,
Lhe introduz no amante peito
O cruel estygio bando.

Eis a Nynfa, raro exemplo
Da ternura, e da bondade,
N'uma Tygre se transtorna,
E se adorna
De impiedade.
Em rancor, e furia acceza,
Do rosado, lindo rosto
Perde a côr, perde a belleza.

Eu das tramas insciente,
Que o Vendado me tecia,
Busco a Nynfa apressurado,
Que inda ao prado
Naõ descia,
A contar-lhe prasenteiro
O furioso desafio,
Que tivera c'o Frecheiro.

Eis

Eis a encontro, . . ah ! qu' ainda tremo
Desta scena pavorosa,
Vejo a irada blasfemando,
Lacerando
Furiosa
A gentil madeicha ondeada;
Baça a luz dos vivos olhos;
Rouca a voz, a côr mudada.

Assustado lhe pergunto:
» Meu suave unico emprego,
» Quem sacrilego te offende?
» Quem pretende
» Teu socego
» Ver hum' hora perturbado?
» Naõ, naõ mais, naõ mais me esconda
» A razaõ de tanto enfado.

De braveza suffocada
» Vai-te em paz, monstro maligno,
Me gritou, » Numes valei me!
» Defendei-me
» Deste indigno.
Nisto aos olhos meus se esconde.
Chamo-a em vaõ, em vaõ lhe brado;
Que a meus ais nada responde.

En-

Entre as mãos da horrivel morte,
Dando aos Ceos vozes magoadas,
Fico absorto, e irresoluto;
Quando escuto
Mil risadas,
Volto o rosto, era Cupido,
Que zombava do meu pranto
N'umas balsas escondido.

Naõ motiva tanto assombro
Ao mais timido vivente
Ver cahir junto ao seu lado
Inflammado
Raio ardente,
Como a vista de Cupido
Motivou neste meu peito,
De mil sustos combatido.

Vou fallar-lhe, e na garganta
Se me prende a voz queixosa;
Quando o perfido, que ordena
Esta Scena
Lastimosa,
De jactancia dando visos
Por ludibrio assim me fallá
Entre mofas, e sorrisos:

» Para a noite o canto guardas?
» Que molleza, humano, he essa?
De te ver naõ sei qu' infiro!
» Já, Belmiro,
» Naõ tens pressa?
» Vê qu' he posto o Sol dourado,
» E que estou ha largas horas
» De esperar por ti cançado.

» Vem cantar a tua Bella,
» Que por ti se inflamma anciosa;
» Vem louvar-lhe a formosura;
» A ternura
» Carinhosa,
» Qu' inda agora neste prado
» Te mostrou, qu' isto he bastante
» Para o premio te ser dado.

» Ah! perverso! a minha amada
(Lhe respondo enfurecido)
» Se he cruel, tu a tornaste,
» Receas-te
» Ser vencido,
» E expozestes ás mãos do engano
» O meu bem, que d'outra sorte
» Naõ Podia ser tyrano.

» Mas naõ cuides, que por isso
» De vencer-te me isentaste;
» Se por fraude, e astucia horrenda
» Da contenda
» Te livraste,
» Arma embustes, forja laços,
» Fementido, e vê agora
» Se te livras dos meus braços.

Abrazado em negras iras,
Da vingança atroz sedento
Furioso ao Deos envisto,
Que previsto
N'um momento
Furta o corpo, o arco encara,
Passa o pé, firma-se, e destro
Aurea seta me dispara.

» He mortal para que aprendas
» A temer-me, e respeitar-me,
» Findará teu mal co' a morte,
» Desta sorte
» Sei vingar-me »
Assim clama o Deos nefando,
E risonho os ares cruza
Outra frecha em mim cravando,

Do meu bem sem causa agora
Desprezado, aborrecido,
Alvo sou de mil desgraças
Pelas traças
De Cupido,
Sem que possaõ meus clamores
Abrandar hum só momento
Seus desprezos, seus rigores.

Ah! por mais qu' hum triste humano
Em venturas se confie,
Dellas nunca brazaõ faça,
Nem por graça
Desafie
O Vendado caviloso:
Tema os Numes: tome exemplo
Neste caso lastimoso.

» METAMORFOSE »

» *O Diamante.* »

Et quæ nescierim melius male quæritur herbis,
Moribus, et forma consiliandus amor.
Ovid. Epist. VI. Hisiph. Jas.

DA tibia lua á debil claridade,
N'um ermo horrivel para encantos proprio
A maga Circe em louco amor ardendo,
A voz soltava em férvidos Conjuros,
A cuja força os polos vacillavaõ,
Abria a terra as horridas entranhas,
E entre voragens de espantoso fumo
Surgiaõ do Orco Espectros ululando.
O indomito Adamante alvo, e purpureo
Mais do qu'a neve alpina, e Cyprias rosas;
Funesto, ardente amor lhe accendeo n'alma.
Do claro Ganges o houve a prisca Vesta,
E as Furias seu horoscopo agouraraõ.
Sem fructo a Deosa vezes mil chamando

A's faces o pudor, á voz o susto
Tentou mover-lhe o coraçaõ marmoreo.
Até que vendo tanto excesso inutil,
Recorre à força dos fataes prestigios,
Recurso extremo de paixões violentas.
Depois qu' a vára d'aveleira nova
Tres vezes ergue, e o ar cruza tres vezes,
Outras tantas o amianto accende, e apaga,
E sobre hum iman pondo a planta esquerda,
Assim brada; fitando em Febe os olhos:
» Déa qu' abitas o Orco, a Terra, o Olympo,
» Se em vivo amor ardeste como eu ardo,
» Protege o encanto que tramar intento:
» Adamante cruel frustra meu pranto,
» Faze qu' apenas o inhumano toque
» O sangue, qu' encerrar este eneo vaso,
» Morto de amores pela origem delle,
» O duro peito se lhe abrande, e mova.
Disse, e Febe, em sinal qu' a prece ouvia
Em nuvens tres seu vario rosto espelha,
E quatro luas no Orbe se divisaõ;
Hum subito relampago vislumbra,
E hum sonoro torvaõ rebomba ao longe:
O faustó agouro a Déa acceita, e logo
No chaõ traçando hum circulo, lhe inscreve
Hum regular octogono, a quem tira

Dos

Dos oito ângulos quatro parallelas.
Depois ferindo o braço esquerdo, esmalta
De rubro saugue o seio do eneo vaso,
E o colloca do circulo no centro.
» Trivia (brada outra vez) antes que largues
» De Geminis a Casa, vou prover-me
» D' hervas, que pódem remover aos Fados
» Com seu, com teu auxilio, e meus conjuros
» Ao centro deste octogono o Tyranno
» Será nas azas de hum tufaõ trazido.
Disse, e no dorso d'um ceruleo Drago
Aos Thessalicos montes vôa anciosa.
Hum Fauno entanto, que de horror coberto
Vigiava a Deosa n'um vergel occulto,
Assim qu' a vê partir, sai curioso
A indagar os Mysterios que observára:
Mas quando mais attento as magas linhas,
De susto arripiado, escruta, e nota
Incauto, hum pé mal pondo, entorna o sangue
Tombando o vaso na encantada terra.
Temendo as iras da furinosa Circe,
Elle treme, vacilla, titubeia,
Mas tanto hesita que descobre hum meio.
Corre, encontra hum Cordeiro, abre-lhe as veias
Entrega ao vaso igual porçaõ de sangue,

Occulta canto, o qu' entornára, e foga.
Fis volve a Deosa a terminar o filtro,
E enigmaticas vozes trovejando,
De narcoticas hervas rouba o succo,
E o vento orvalha em torno a si com elle.
Depois tres vezes invocando Hecate
Aconitos, mandragoras, verbenas,
Frias cicutas, venenosos teixos,
No seio abraza de sulfureas chammas,
E as cinzas lança de redor aos ares:
Sem outro encanto, n'um deliquio immerso
Lhe assomma o Joven Adamante ao lado
Por hum ruidoso furacaõ trazido.
A Maga insciente da traicaõ do Fauno,
Faz pela força de encantadas vozes,
Que o Triste o sangue do Cordeiro libe,
E entaõ dos laços do deliquio o solta.
Por essencia do filtro ao Malfadado
O duro peito se lhe abranda, e move
E hum vesuvio d'Amor lhe brota d'alma;
Naõ consagrado á Pythonissa Dêa,
Sim ao Cordeiro a quem libára o sangue
Doudo, e alheio de si, corre em procura
De quem lhe sopra n'alma o fogo amante:
A Deosa quer-lhe obstar, frustra os intentos

Do

Do effeito inesperado, pasma, e treme:
Chama-o de longe, mas sem fructo o chama.
Febe de magoa acastellando as nuvens
A face occulta, com terror da scena,
E o mundo em triste escuridaõ sepulta.
O Louco em tanto perturbado, e cego
Sóbe ingremes rochedos escarpados,
Explora fundos valles, cavas grutas;
Até que em tanto horror perdendo o tino,
Do cimo d'alta rocha se despenha.
Os membros crystallinos estalando
Dispersos huns dos outros palpitáraõ:
Dohido o coracaõ a voz convulsa
A Deosa deprecando aos Ceos piedade,
N'um diluvio de lagrimas se abysma.
Já Febo erguia no horizonte a frente,
E ouvindo as preces da amorosa filha,
Em dura pedra ao Malfadado muda,
Que de Adamante, se chamou Diamante;
E em honra ao tello amado prole sua,
Do seu proprio esplendor lhe cede hum raio,
E o mais brilhante o faz das pedras todas.
O padre Ganges com amor paterno
Franco asylo lhe dá nas margens suas,
E inda hoje he fama, que se encontra nellas.

Mas

Mas quanto póde Amor! quanto o Destino!
Perdendo a animaçaõ, perdendo a fórma,
Inda conserva a natural dureza,
Inda he mais duro do que as pedras todas;
E só (como he voz publica) se abranda
(1) Quando lhe toca do Cordeiro o Sangue.

(1) O vulgo crê, que o sangue do Cordeiro he a unica cousa que póde abrandar o Diamante, e isto basta para verosimilhança.

» METAMORFOSE II. »

» *O Asinheiro.* »

Vivia perto dos Trinacrios montes
O avaro Azinho rustico porqueiro,
Fructo que d'uma Driade tivera
Ascalafo espiaõ do Reino escuro.
Cobrindo os campos d'anafados porcos
O mais avaro dos viventes era,
Consagrando a seus bens tamanho apego,
Que para os naõ gastar se victimava
Nas aras da indigencia, e da penuria.
Ceres que o roubo de Plutaõ carpia,
Transida, fatigada, e sequiosa
Os dois Pinheiros do Ida no Etna accesos,
Que nas mãos lhes ardiaõ apagando,
Anciada lhe entra no colmado alvergue.
Baxado havia de supremo Olympo
De impetrar permissaõ do claro Jove
Para trazer do Averno ao mundo a Filha;

Se

Se o preciso jejum guardado houvesse,
(1) Que he lei do Abysmo imposta pelas Parcas,
Que nunca volva de tartareas sombras
Quem no Orco algum sustento houver tomado,
Á Deosa antes de entrar no atroz Cocyto
O lasso corpo refazer querendo,
Implora com que mate a sede, e a fome:
O Avaro Azinho, qu'em lucrar só cuida,
Do estado em que se via a infausta Deosa
Tirar querendo vantajosos lucros,
Depois de vãas escusas, vãos pretextos,
Prompto alimento conferir-lhe ajusta,
Com tanto que lhe jure pela Estygie,
Dar-lhe com que manter sempre os seus porcos
Ceres de fome, e sede attenuada
Lhe annue ao demandado juramento;
Mas novos lucros pretendendo o Avaro
Só de agro vinho, só de eivados pomos
Lhe orna a mesquinha solitaria meza.
Irada Ceres de insolencia tanta,
Por terra tudo com furor lhe arroja;
O tosco Azinho com baldões a insulta,

(1) *Lege tamen certa, si nullos contigit illic*
Ore cibos; nam sic Parcarum fœdere cautum est.
Ovid. Lib. 5. Metham.

E á Deosa a Jove deprecando auxilio,
No peito a mão lhe põe; ao mesmo passo
O Indigno immovel n'um espasmo fica;
A mente se lhe turba; e pouco a pouco
As plantas pela terra se lhe entranhaõ,
E em tortuosas raizes se convertem;
O corpo se lhe alonga, e muda em tronco;
Em curvos ramos trocaõ-se-lhe os braços;
E em verdes folhas os cabellos todos.
Em arvore frondosa convertido,
Que inda Azinho se chama, ou Azinheiro,
Ceres o voto que lhe fez cumprindo,
Faz que sustento natural de Porcos
Produza sempre em seus agrestes fructos.
Aos quaes tem ainda avaro apego tanto,
Que os naõ larga de si, que os naõ desprende
Senaõ á força de crueis varejos.
Depois do atroz castigo a Deosa irosa
Entra nas tristes Regiões do susto:
E assim que do Alto Amon intima as ordens
Aos Ministros fataes do Rei das trevas,
Por todo o Reino Estygio se devaça
Se a Esposa de Plutaõ, depois de Esposa
Tomado havia algum sustento no Orco.
Que naõ: depoz do Averno o Povo inteiro.

Já Ceres tinha dos Juizes todos
Licença de trazer a Filha ao mundo;
Quando Ascalafo pai do tosco Azinho
Do filho o damno atroz vingar querendo,
Perante Eaco, Radamantho, Minos,
Delata, que Proserpina comêra
Sete grãos de Romãa nos jardins d'Orco.
Eis se revoga a publica Sentença.
Eis Ceres mais feroz que as Furias todas,
(1) Depois de ver o delator punido,
Tendo no Flagethonte hum facho accezo,
Que as lobregas varedas lhe esclarece,
Ao mundo volta de furor bramindo:
Ao descer dos Trinacrios encontrando
O inculto Azinho em Arvore mudado.
Nelle de novo o novo damno vinga;
Chega-lhe o facho que do Averno trouxe,
E secando-lhe a seve nutritiva
Em torrido carvaõ subito o deixa:
E naõ contente de castigos tantos,
Passando á prole do infeliz seu odio

Mani-

(1) Ascalafo foi convertido em bufo por Proserpina. Vê Ovid. Lib. V. Methm.

Manda em opprobrio da vindoura casta,
Que só seus troncos para o lume sirvaõ:
E para que hum só fogo os naõ consuma
Aos homens o uso do carvaõ inventa.
Das messes a cultura lhes ensina (1)
Para se absterem de comer seus fructos.

ME-

(1) Os Athenienses chamavaõ a Ceres *Thesmofore*, ou *Legisladora*, porque antes do uso do paõ, os homens sustentavaõ-se de Bolotas, e viviaõ errantes pelos bosques: e esta Deosa lhes ensinou a Agricultura, o que os obrigou a sociarem, e polir-se.

Prima Ceres ferro mortales vertere terram
Instituit: cum jam glandes atque arbuta sacra
Deficerent silvæ etc. Virg. Geor L. I. v. 147.
Prima Ceres homine ad meliora alimenta vocato
Mutavit glandes utiliore cibo. Ovid. Fast. L. IV.

» METAMORFOSE III. »

» *A Palmeira.* »

DO undante Nilo a rubida Pomona
Houve hum filho, e huma filha ambos d'um parto,
Elle Oreno chamado, ella Palmira:
No ponto do seu triste nascimento
Sinistros Corvos roucos grasnos déraõ,
Negro amentado Lobo uivou tres vezes,
E ingneo meteóro ardeo sobre seus lares;
Os Pais cheios de horror de agouros tantos
Querendo os fados precaver, consultaõ
Sobre o Destino dos recentes gemios
O equóreo vate, que apascenta as Focas.
Este depois, que prezo em rijos laços
Horrîveis fórmas por soltar-se toma,
Do nubloso Futuro o véo rasgando,
A fatidica voz assim desata:
„ Se á pouco os olhos no Universo abristes,
» Quaes vossos crimes saõ, tenros Infantes,

» Para o Ceo contra vos chover desgraças!
» N'um louco terno amor ardereis ambos,
» Que além da morte passará comvosco:
» Sustos, horrores, oppressões, desastres
» Nunca abater faraõ vossa constancia.
» Fugi, fugi hum do outro, ó desditosos!
» Porque logo que virdes coroádo
» Vosso impudico, incestuoso affecto,
» O extremo golpe soffrereis da Parca,
» E os proprios Deoses mostraráõ piedade
» De vosso triste, desastrado termo.
Disse, e escapando aos laços qu' o prendiaõ,
Por entre as vagas subito se esconde.
Os ternos pais de magoa, e dór feridos
Ouvindo a sorte dos gentis infantes,
As leis pretendem prevenir dos Fados;
Esperaõ que dois lustres se completem,
E á casta Delia a tenra filha votaõ,
E o filho exulaõ para estranhos climas.
Mas quem foge aos decretos do Destino?
Quem pode contra o Fado oppôr barreiras:
D'um sympathico amor victimas ambos,
Ambos feridos por crueis saudades,
A fim de se gosarem tudo emprehendem.
A triste ausencia das paixões verdugo,
Mais as chammas de amor lhes sopra n'alma.

Quantas vezes Palmira n'alta noite
Em busca do fraterno ausente amante
Errando por medonhos, densos bosques
Foi dos lascivos Satyros corrida:
Quantas vezes ligada a rijos troncos,
Sendo colhida na teimosa fuga
Provava as iras da feroz Diana;
Ora exposta ao calor do intonso Febo
Quando a prumo dardeja os igneos raios:
E ora vendo rasgar seus alvos membros
Com flagellos de silvas espinhosas:
Já suspensa nos ramos pelas tranças:
Já coberta de injurias, e de affrontas:
Porém seu genio indomito, e constante
Ao pezo sottoposto dos tormentos
Em vez de se abater forças tomava.
Entanto Oreno de si proprio alheio
Morto de amores, de saudades morto,
Ais impacientes com fervor soltava:
A hum louco frenezi de Amor entregue,
Foge do lár qu' o exula de quem ama,
E intenta prescrutar omundo inteiro
A thé qu' a Ninfa por quem arde encontre:
A precipicios horridos exposto,
Exposto á furia de famintas féras,
Já barreiras transpõe, montes alpestres,

In-

Ingremes cerras cruza, áridas brenhas,
Inhospitos certões, areaes ardentes,
Até que as vagas por limite encontra:
Mas sem que ao pezo de oppressões se abata,
Fazendo a Venus sacrificios, votos,
Eilo em fragil baixel se entrega ás ondas:
Com longos remos fere o mar, levando
O acaso por governo, o amor por norte.
Denso negrume entanto enluta os ares,
Soltas procellas furiosas bramaõ,
Rebenta o mar em flor na aguda prôa
Do curvo lenho, qu' os tufões sossobraõ,
E em negras rochas, onde as vagas fervem,
Em mil pedaços se lhe torna o lenho:
Mas sem que o triste na constancia affrouxe,
A fragil vida salva sobre hum remo:
O vento o arroja sobre as fundas praias,
Que ás fugas do seu bem termo tem posto.
De novo cruza serranias arduas,
De novo arrosta ignotos precipicios;
Mas já o ponto lastimoso chega,
Escripto no volume da impia Sorte,
Em que se haõ de cumprir as leis do Fado:
O louco amante de si proprio alheio,
Tristeza, e gosto sente n'alma a hum tempo.
Guiado pela maõ do atroz Destino,

Entra n'um verde solitario bosque;
Onde Palmira fatigada á sombra
Da nova fuga descançava os membros.
Morfêo na idéa á mizera pintava
Entre scenas de magoa o terno amante,
E tanto horror lhe dava o sonho horrivel
Que erguendo a voz bradava *Oreno*, *Oreno*.
Oreno, *Oreno* os eccos repetiaõ;
E Oreno ouvindo ressoar seu nome
De susto, e gosto esfria, e titubea,
Nova esperança lhe alvoroça o peito,
Triste alvoroço o coraçaõ lhe assusta:
Corre, procura, indaga o bosque inteiro;
Até que a Nynfa suspirada encontra.
Que transporte! Que susto! Que alegria!
Elle subito a abraça, elle a desperta,
Elle de beijos férvidos a cobre:
Palmira duvidosa, alvoroçada,
Crendo-se indigna de ventura tanta,
Inda o que vendo está julga qu' he sonho,
Aperta o caro Irmaõ, une-o a seu peito,
Sente-o, goza-o, conhece-o, naõ duvida,
Franquea-lhe a alma, e o resto lhe franqueia.
As arvores que em torno o insesto viraõ,
De horror os ramos para o chaõ curváraõ;
Murchou-se a relva, que pizaraõ ambos;

Ave

Ave agoureirâ lhe piou de roda,
Triste presagio de propinquos damnos;
Entanto soaõ nos fragosos montes
De velozes libreos crebros latidos,
A casta Deosa venatoria assoma,
Com farpas duras perseguindo as feras:
Os dois amantes em prazer ondeando
De nada tino daõ, de nada cuidaõ,
Tremulos, fròxos ais, soltaõ convulsos;
Diana os ouve, e os vê, furiosa os chama,
E Oreno a si d'um extasi tornando,
A fuga emprehende com terror da Deosa.
Palmira em tanto horror menos sentindo
Perder a vida, que perder o amante,
Vai Oreno chamar, eis cega d'ira
Lhe vibra a Deosa ao peito hum ferro agudo,
Que leva a morte na cruenta ponta;
A voz lhe fica na garganta preza,
E do nome de Oreno a desditosa
O, O, somente inicial soltando,
Entre os labios com elle a vida exala.
Doído Jove de seu fado acerbo,
Em honra á Deosa qu' a trouxera ao mundo,
Em arvore converte a infausta Nynfa,
Que Palmira, ou Palmeira inda se chama.
Oreno apenas soube a scena horrivel

Pedindo aos Deoses huma igual mudança
Furioso rasga o coraçaõ, e espira.
Jove igualmente em arvore o converte,
Dando-lhe nome igual, e igual figura:
Mas quanto as leis dos Fados saõ penosas
Logo qu' além da morte se transmittem!
Em troncos duros convertidos ambos
Inda em amor se abrazaõ mutuamente,
Inda a indomavel condiçaõ conservaõ.
Por isso como o pezo das fadigas
Nunca póde abater sua constancia,
Debaixo os ramos seus do maior pezo
Em vez de se abaterem se levantaõ:
Symbolo da constancia nos trabalhos
Os heroes por trofeo, e insignia os tomaõ.
E inda he taõ forte o amor da malfadada,
Que a pezar da cultura, ou longos annos,
Sem ter o Irmaõ defronte naõ dá fructos,
Nos caroços dos quaes se vê gravada
A letra inicial do Nome Oreno,
O, O, derradeiro, que soltou dos labios
No instante, em que findou seus curtos dias.

» METAMORFOSE IV. »

» *O Suspiro.* »

DE quantos filhos a campestre Flora
Houve do alado Zefyro fagueiro,
Era Florindo, o candido Florindo
O mais brilhante, o mais gentil de todos.
Seus verdes olhos ao desdem volvidos,
As roseas faces, as madeixas d'ouro,
O lindo airoso talhe, as doces vozes,
De Amor nos ferros suspirar faziaõ
De brandas Nynfas numerosas chusmas:
Porém seu peito de esquivança armado
Mais do qu' os troncos, do qu' as penhas duro,
Vivia illeso das Idalias chammas.
Mil vezes cheio de furor Cupido
Tentou rasgar-lhe o coraçaõ vaidoso:
Porém mil vezes vio juncando a terra,
Das cruas frechas as partidas hastes.
O Moço inerme de jactancia cheio,

De seus triunfos blasonava altivo,
Em quanto o Nume protestava ancioso,
Dar-lhe o castigo de soberba tanta.
Mas quaõ depressa a erratica Fortuna
Desanda o gyro da voluvel roda;
E os almos Deoses a jactancia punem
Dos sempre ignaros, miseros viventes!
Hum dia acaso o rispido Mancebo
N'um bosque entrava, cujos frescos ramos
Em arco entretecidos assombravaõ
O crystal puro d'uma clara fonte,
Alli calmoso se deitava á sombra,
Contra o Vendado projectando injurias:
Quando a formosa rutila Diana,
Das castas Nynfas suas precedida,
Tambem corria fatigada ao bosque,
E do sitio formoso namorada,
N'um tronco pendurando as leves roupas,
As duras frechas, o temivel arco,
Junto da clara fonte se recosta,
Ora chegando á boca as frescas aguas,
Ora lavando os membros crystallinos.
Por entre os ramos o Vaidoso Joven
A Deosa vendo, sem qu' o visse a Deosa,
De vêr pasmava formosura tanta:
Porém Amor, a quem das mãos divinas

Jámais a leve occasiaõ se escapa,
De vingar-se encontrando hora opportuna
Em quanto mudo, absorto, e deslumbrado
Ao triste observa comtemplando a Deosa,
Hum ferro vibra de abrazado gume,
E subtilmente o coraçaõ lhe fere.
O mago fogo, qu'o farpaõ trazia,
Lhe foi callando brevemente as veias,
E o malfadado alheio de si proprio,
Já treme, já delira, já soluça,
Já sente Amor, e Amor bebe, e respira:
Ora intenta expressar seu puro affecto
A' doce causa, que presente encontra,
Ora receia, que os seus eccos tristes
O doce bem, qu' adora lhe affugentem;
Mas em quanto suspenso, e vacillante
Comsigo alterca, anima-se, e desmaia.
Sedeudo Javalí no bosque assomma.
E a bella Deosa sobraçando as armas
Ante as mimosas Nynfas corre ao monstro,
E mais ligeira que o ligeiro vento
Por entre as brenhas rapidas se occulta.
» Espera, espera » afflicto, e perturbado
Lhe clama o triste » Minha amada espera »
Nisto se entranha pelas densas moitas
Buscando a Deosa qu' avistar naõ pode.

Já corre alpestres montes, fundos valles,
Grutas explora, matos investiga:
Já torce as mãos aos Ceos pedindo amparo:
Já contra os Ceos blasfema, e se enfurece:
Até qu'á sombra n'um frondoso oiteiro
Encontra o louro guardador de Admeto;
Alli turbado, e louco lhe pergunta
Se a bella Deosa vio, que sitio a esconde,
Mil promessas lhe faz, e impaciente
A' força intenta que lhe saiba della.
Ria-se Febo de loucura tanta,
E hum engano subtil na mente urdindo
Assim lhe falla: » Ha pouco vi quem buscas,
» Huma fera terrivel acossando,
» Entrou por essa mais vizinha brenha,
» Mas se naõ me illudio torna aqui logo. »
Naõ quiz o triste moço ouvir mais nada:
Do monte á brenha mencionada corre
Em busca do seu lindo amado objecto.
Febo entre tanto por zombar do triste,
Faz qu' hum longevo gadelhudo Fauno
De pés caprinos, poute-aguda orelha,
Tome a figura da gentil Diana;
Arco lhe empresta, aljava, passadores,
E huma chusma de Satyros matreiros
Tambem mudados em formosas Nynfas

Lhe

Lhe arranja em torno, impondo-lhes silencio.
Pouco tarda o Mancebo que naõ volte
Do sitio, qu'anhelante em vaõ buscára,
E apenas chega ao suspirado outeiro,
Qual foi o seu prazer, qual seu espanto
Ao ver a imagem do fingido objecto.
Eis se lhe prosta aos pés, e eis lhos abraça
Eis lhe pede qu'attente em seus pezares,
Ora humilde lhe clama, oro raivoso;
Soberbo, e vaõ de si mil cousas conta:
Diz qu'he prole de Numes sobre-humanos,
E mais digno de affecto, e de ternura,
Que o dormente Pastor da Latmia rocha;
Mas vendo que seus eccos lastimosos,
Compassiva resposta naõ conseguem,
Cumprir intenta seu desejo a força:
Levanta-se dos pés do surdo objecto,
Lança-lhe os braços impaciente ao collo,
E nos labios lhe imprime ardentes beijos;
Mas Febo que naõ longe o caso espreita
A densa tréva da illusaõ dissipa,
E o pobre amante se divisa ancioso
Peito, a peito c'o Satyro barbudo,
Cingindo-o ternamente com seus braços,
E beijando-lhe a immunda hircosa boca.
Os outros Faunos qu'ao redor jaziaõ

Mil apupos lhe daõ, mil sorreadas;
E com terra lhe atiraõ vozeando.
Corrido, e envergonhado o louco Joven,
Ardendo em raiva, brama, e titubea;
Coralhe o pejo o rosto, a furia os olhos;
Contra os Faunos remette que o toureiaõ,
E vingar-se querendo furioso
De quem taõ fero engano lhe traçara,
Hum luzente farpaõ do coldre tira,
E impavido se avança ao louro Nume,
Que ria sem cessar de ouvillo, e vêllo.
Tres vezes quer ferillo; mas tres vezes
Lhe furta o Deos o leve corpo ao golpe,
E em castigo de tanta, e tanta audacia
No peito hum ferreo passador lhe ensopa,
E sobre a relva semimorto o deixa.
Hum Favonio, que vira a scena infausta
A' triste Flora o triste caso intima,
A qual chorosa, afflicta, e delirante
Ao filho corre, deita-o no regaço,
Beija-lhe o rosto, vezes mil o chama.
Mas o moço infeliz pondo-lhe os olhos
Só com ternos suspiros lhe responde,
E entre seus braços espirar se deixa.
A triste Deosa por mercê de Jove,
Depois de acerbo copioso pranto

O tenro filho em tenra flor converte,
E por serem sómente agros suspiros
As finaes expressões, que lhe escutára,
Para eterna memoria o nome triste
De *suspiro* lhe dá, qu' inda conserva.
Mas he tal o seu duro iniquo fado,
Que perdendo a gentil humana fórma,
A lembrança cruel naõ perdeo nunca
De toda a scena infausta de seus damnos:
Por isso apenas vê do accezo Febo
Os igneos raios, a brilhante face
Concebe n'alma tal horror, tal pejo,
Que se esconde, se fecha, e se cumprime
No viçoso botaõ donde nascêra;
E só quando na esfera a noite assomma,
Em busca do seu bem, qu' inda idolatra,
Desfecha as folhas por mostrar-se, e vêlo.

» METAMORFOSE V. »

» *O Sapo, e a Doninha* »

DOninha a mais formosa das Napéas
Ardia terna pelo moço Adonis,
E o moço Adonis por seu rosto ardia.
Mil vezes, bránda Cypria, os teus favores
Pelos da Nynfa o perfido engeitava,
Mais prezando hum amor unico, e simples,
Do que huma usada prodiga ternura.
N'uma grata manhãa da Primavera
Em mutuo fogo ardendo os dois amantes
Entráraõ n'uma fresca amena gruta
De verde acantho, de alecrim forrada.
O perfume odorifero das flores,
O grato sopro das fagueiras auras,
O cantico das aves, o sussurro
Das ondas fugitivas dos regatos
A ditosos prazeres convidavaõ,
E cegos de ternura os dois amantes
Sensiveis ao clamor da natureza

Sus-

Suspiravaõ n'um vinculo ditoso.
Entanto o rude guardador Sarpalio,
Prole abjecta da gorgona Meduza,
Bruto mais torpe do qu' os Faunos torpes,
Entra acaso na gruta, onde os felizes
Embebidos n'um extase gozavaõ,
O que naõ goza, quem a mor naõ sente:
Alli de inveja, de ciumes cégo,
De subito assaltando o par ditoso,
Ao Moço incauto pelas tranças prende,
E á força intenta, segurando a Nynfa,
Libar o Nectar, que só liba Adonis.
Mas quanto pódes infernal ciume!
Mansos cordeiros, em leões convertes!
O acceso Joven de furor bramindo,
Atroz punhal do coldre arranca ao bruto,
E as mãos com elle férvido lhe rasga:
Aos crebros golpes o cruel sensivel
Ambos deixa escapar, e ambos lhe fogem.
Mordendo-se de raiva, acceso em furia,
Integrando na mente arduos projectos,
Porcura a Mãi de Amor, Venus formosa
E assim lhe falla os olhos esquinando:
» Que fazes, que naõ vingas tanto insulto?
» Ah! qu' ou Deosa naõ és, ou se és naõ amas!
» Em paz consentes qu' o teu caro Adonis

» Por huma vãa Napéa te abandone?
» Crê-me, falso naõ he, meus olhos foraõ
» Testemunhas fieis dos seus transportes,
» Ambos em braços apanhei ha pouco:
» Ah! que vingada tua affronta fora,
» Se velozes das mãos naõ me escapassem.
» Pune taõ vil traiçaõ: de que te serve
» No Ida o premio ganhar por mais formosa,
» Se em ludibrio de tua gentileza
» Ha quem outrem no mundo te prefira.
» Mas para te vingares naõ careces
» Raios pedir a Jove, auxilio ás Furias,
» Basta ouvir meus conselhos, e abraçallos,
» Para só de huma vez tres fins obteres:
» Depois qu' intacta fé jure guardar-me
» Dá-me a vil, que te offende, por consorte;
» Que deste modo tua affronta vingas,
» Banes ciumes para sempre d'alma,
» E os bons serviços que te fiz premeias.
A Deosa cega de furor mudando
Tenues suspeitas em formaes ciumes,
Jura cumprir do atroz Sarpalio o intento;
Busca Doninha, os pulsos lhe agrilhõa,
E á força ás aras de Hymineo a leva.
Alli a dar ao Bruto a maõ de esposa
Obriga a infausta, palpitante Nynfa,

Que

Que muda, e fria em vaõ nos Ceos pregava
Os lindos astros, que lhe eclipsa o pranto,
E depois que nas mãos das sevas Furias
Entre ameaços crueis, crueis tormentos,
Fé conjugal a fez jurar tres vezes,
Para que á sombra da sagaz cautella
Nunca amores furtivos gozar possa;
Manda que a penas falte á fé jurada
Remorsos infernaes de rojo a levem
Ao fero esposo, que em castigo a mate.
Do Templo entanto as aras estremecem:
Subito o Cirio Nupcial se apaga;
E Hymineo, que voltando o rosto ao lado,
A's Nupcias assistio, gemeo de magoa.
Sarpalio entanto de prazer coberto,
Em sofregos desejos abrazado
A victima conduz ao sacrificio:
Mas quanto podes femenil astucia!
Seu mal Doninha sem remedio vendo,
Hum forçado prazer ao rosto chama,
E fingindo que beija os novos laços,
Com frivolos pretextos, vãas promessas
Pôde as brutas caricias demorar-lhe,
Até que a leve occasiaõ lhe presta
Facil momento de ligeira fuga;
Ella corre, ella busca o terno amante,

Que impacieute a esperava onde mil vezes
Colher de amor os fructos costumavaõ,
Alli banhada em pranto lhe reconta
De seus desastres a infeliz historia,
O novo jugo, o horrivel juramento,
A sentença cruel, o engano, a fuga.
O terno Adonis suffocado, e frio,
Em pranto acerbo, em tristes ais desata:
Doninha mesma consolallo busca;
Mas desfallece no arriscado empenho.
Ambos n'um mutuo abraço palpitando
Ora se animaõ, ora desfallecem
Despedem-se mil vezes, mil se apertaõ.
Naõ podem conformar-se á atroz sentença,
E em vaõ de lhe escapar meios procuraõ.
Realça o pranto aos dois mais a belleza,
E huma flamma, outra flama devorante
Amor no peito d'um, e d'outro sopra;
Té qu' em desprezo da cruel sentença
As duas chamas n'uma se encorporaõ,
E ambos cegos de amor, a amor se entregaõ.
Sarpalio que raivoso, e vingativo
Tudo corria, procurava tudo,
Depois de excessos, de fadigas arduas,
Encontra os meigos férvidos amantes
N'um extasé amoroso confundidos.

Era-

Brama de raiva o Bruto, aos dois investe,
E do coldre arrancando hum ferro agudo
Traspassa o peito da infeliz Doninha,
Que das faces murchando as vivas rosas
Se entrega á morte, que lhe gela os membros.
Mas quando o golpe na infeliz desfecha,
Do subito successo espavorido
O moço Adonis, do carcaz arranca
Hervada frexa de pungente gume,
E unindo as pontas do flexivel arco
Com força Herculea, qu' o furor lhe presta,
Lha crava em meio da sombria fronte.
Tinto de negros borbutões de sangue
Sem vida o bruto cahe sobre hum dos lados;
Depois que balançando por tres vezes
Amiaça em torno o chaõ com dura quéda
O claro Jove que no ethereo assento
Lhe foi patente a funebre Tragedia,
Ou por imprecaçaõ da irosa Venus,
Ou para exemplo de impios, e perjuros,
A infausta Nynfa além da morte infausta
Converte em loura, trefega Doninha,
E o perfido Sarpalio horrendo, e torpe
Muda em idiondo peçonhento Sapo:
Mas trocando-lhe a especie n'outra especie;
Naõ lhe extingue os odiosos sentimentos,

Nem a lembrança do perjurio antigo,
Por isso a penas a consorte encontra,
Especando no chaõ os pés damnosos,
E os olhos fascinantes envesgando,
Espera a triste, que medrosa, e fria
Vem arrastrada por crueis remorsos
Meter-se-lhe na immunda, infesta boca,
Onde em castigo da perfidia sua
Recebe a morte, e cumpre a atroz sentença.

» METAMORFOSE VI. »

» *A Toupeira.* »

CHeia de assombro a Estygie hum ai mavioso
Já tinha ao Rei das trevas escutado,
E visto no soturno, iroso gesto
Hum raio de ternura vislumbrar-lhe:
Prodigio que franqueou do Averno as portas
A vez primeira á vivida esperança,
E fez que do Orco as sombras esperassem,
Ou termo, ou lenitivo a seus tormentos;
Que vendo-se cuberto de triumfos
O iniquo Amor no Ceo, no mar, na terra,
Quiz tambem alcançar trofeos no abysmo.
Eis mil hervados igneos passadores
Vibrou a prumo contra o patrio globo,
Que penetrando o seio dos Infernos
O duro peito de Plutaõ ferîraõ:
Só á casta Proserpina os poderes
De curar-lhe as feridas foraõ dados;

Mas a cruel com asperos desprezos
Mais, em vez de as curar, lhas aggravava.
O Despota do Barathro horroroso
Depois de excessos vãos, de vãas fadigas,
Depois de ver baldar instancias, votos,
Obter intenta por astucia, ou força,
O que por vivo afecto obter naõ póde.
Procura a velha ambiciosa Talpa,
Aia da esquiva Deosa, e guarda austera
De quem naõ pouco Ceres se confiava;
E depois qu'as desgraças lhe reconta
De seu constante malogrado affecto,
Como Nume das próvidas riquezas
Lhe offerta liberal ricos thesouros,
Com tanto que lhe entregue, ou mova a ingrata.
Talpa que n'ambiçaõ olha o seu Nume,
Fazer-lhe entrega da cruel jurando,
Os thesouros acceita, e receosa,
Que os visse, e lhe indagasse a origem Ceres
Na terra em fundas covas os esconde:
Depois busca Proserpina, e trocando
De guarda o sombrio gesto, em gesto affavel
O amor ardente de Plutaõ lhe intima:
Porém vendo baldar por longas horas
Subtis alliciações, nús lenocinios,
Convida a incauta Deosa a colher flores

N'um

N'um prado junto de frondente bosque,
Onde o sombrio amante errava occulto;
E astuta quando a vê mais descuidada
Entretida em tecer festões de flores,
Faz aviso a Plutaõ, que pressuroso
De subito apanhando a livre Ingrata,
No coche ardente, que seis Dragos tiraõ
Roubada ao Reino tenebroso a leva.
Ceres naõ vendo a terna cara Filha
Por ella a Talpa férvida pergunta:
Mas Talpa a côr perdendo, e titubando
Por algozes remorsos acuzada,
Milhões de vezes que a naõ vira jura.
Ceres parte, e esplorando o mundo inteiro
Por boca da Aretuza a historia sabe
Do infando roubo, da ardilosa entrega.
Eis de novo procura a infame Talpa,
E sobre o rapto de Plutaõ a inquire:
Mas a indigna dobrando os juramentos,
» Que Jove a cegue se tal vira » clama
Cega, cega serás lhe torna a Deosa,
E abrazada em furor lhe arranca os olhos.
Das impias dores a Infeliz instada,
Nas louras tranças da raivosa Diva
Ferra as iniquas mãos, ó scena estranha!
Eis d'improviso os membros se lhe apoucaõ

Cobre-lhe o corpo luzidio pêlo,
Escuras pintas o lugar lhe ocupaõ
Dos já defuntos arrancados olhos,
E só da humana forma conservando
As impias mãos qu' a Ceres se atrevêraõ,
Para eterna lembrança de seus crimes
Em torpe sevandija se converte,
Qu' inda Talpa, ou Toupeira hoje se chama,
Mas d'antiga ambiçaõ no fogo ardendo,
Com sustos, com trabalhos passa a vida,
Sotterrada minando a terra dura
Em busca dos thesouros qu' escondera;
E em vingança do opprobrio recebido
Destroe as sementeiras, e as searas,
Porqu' a Deosa as proteje, e lhas dedicaõ.

» METAMORFOSE VII. »

» *O Caracol, e a Mariposa.* »

Limax destró cultor de ferteis hortas
Com fructo amava a trefega Papilia,
Nynfa á seria Diana consagrada,
Mas qu' em opprobrio á Deosa a quem servia,
A facil Venus abrazava incensos:
A's vezes dias de afflicçaõ passavaõ
Os dois amantes de saudades cheios,
Sem que a ventura de se ver gosassem,
Qu' á vigilancia da pervigil Deosa
Mal conseguiaõ escapar instantes.
Cançados ambos de hum amor furtivo,
Que trunca as ditas no mais doce dellas,
Buscavaõ sempre de agradar-lhe meios,
Por ver se o gosto obtinhaõ suspirado
De se gozarem sem temor hum dia.
Papilia era a mais prompta, era a mais habil
Das Nynfas todas em servir a Deosa,

Nin-

Ninguem melhor as vestes lhe ajustava,
Ninguem primeiro lhe trazia as settas.
Ora contra o rigor da calma estiva
Tecendo os ramos dos vergeis frondosos
De fresca sombra lhe cobria o banho:
Ora as aureas madechas lhe enastrava
De cheirosos festões de frescas flores.
De igual sorte Limax por aprazer-lhe
Formas immensas de a servir buscava,
Humas vezes perigos arrostando
Batia as moitas, onde se escondiaõ
Velozes Corças, timidos Veados,
Hirsutos Javalís, rapaces Lobos,
Outras saltando vallas, ribanceiras;
Por entre as balsas aos lebreos veloses
A rapida carreira disputava,
E assim que a Deosa disparava o tiro,
Primeiro que elles lhe trazia a caça.
Até que hum dia mais que nunca afoito
Tanto amor naõ podendo conter n'alma,
Quebra as prisões do pejo silencioso,
E com supplicas vivas, pranto amargo
A Nynfa á Deosa por consorte pede:
Da louca pretençaõ Delia zombando.
Com mil pretextos dissuadillo intenta:
Mas vendo que de instar naõ cessa o louco

Por

Por ver se as fatuas pretenções lhe afróxa
De seus gratos serviços obrigada,
Esta horrorosa condiçaõ lhe intima:
» Doute a Nynfa qu'adoras, se protestas
» Dentro d'um lustro levantar-me hum templo
» Do alvo argenteo metal em que domino;
» Sem que meios illicitos procures
» Para erigirmo no aprazado tempo:
» Porém naõ cuides qu'illudir-me podes
» Que se ás propostas condiçôes faltares,
» O menor dos castigos que t'esperaõ
» Será, moço infeliz, a horrenda Morte.
Limax cego de amor, de paixaõ cego
Acceita as feras condições á Deosa.
Tanto os desejos a razaõ nos turbaõ!
Tudo facil na idéa se nos pinta,
Quando a vontade nos impera n'alma.
A casta Delia do que via absorta,
De novo ao louco dissuadir querendo
As arduas condições lhe expõe tres vezes,
E tres vezes lhe intima a enorme pena;
Mas naõ podendo soffocar-lhe as chammas,
Nem como Deosa quebrantar o voto,
Lhe entrega irada por consorte a Nynfa.
Limax vendo seu gosto coroado,
Julgava-se o vivente mais ditoso,

Nos

Nos transportes de amor todo embebido,
Mascarava o prazer de immensas formas:
Mas o tempo veloz volteando os dias,
Já vinha o termo infausto aproximando
De erguer o promettido templo á Deosa,
E o mesto dissabor da posse filho
No peito arrependido lhe cravava
Do atroz pezar, do atroz desgosto as frechas,
Falto de meios, de recursos falto,
Medroso dos castigos sobranceiros,
Fazer máo uso projectou da Esposa,
E obter com ella com qu' erguesse o templo:
Mas temeroso, que o soubesse a Deosa,
Por industria, e cautella conduzia
Hum portatil alvergue sobre as costas,
Que a furto armava, n'um, e n'outro sitio,
Onde a troco de prata para o templo
Venal prostituia a infame Esposa.
Largo tempo correu sem que podesse
Dos productos colher da sua infamia,
Com que formar do templo os alicerces.
Sofrego de interesses mais lucrosos,
Desdenhando os mortais, volvia os Numes,
E aos Numes facultava a indigna Esposa.
Febo de todos foi o que encantado
Da graça, da viveza de Papillia,
Quiz só gozar seus prodigos favores,

E a longa historia de Limax sabendo,
Sanar tentou seus proximos desastres,
E de tudo fazello independente.
N'uma concha que encheo no aureo Pactolo (1)
Varios mistos lançou d'Hermes (2) ofrenda,
E impos-lhe que a libasse: eis d'improviso
Dos alvos membros o Mancebo infausto
A emanar começou liquido argento:
E deste egregio dom fazendo alarde
Com ancia, e pressa deo principio ao templo:
Mas as Nynfas da Esposa companheiras,
Que a vil entrega descuberto haviaõ,
Entre si pudibundas murmurando,
Contar á Deosa infamias taes juráraõ.
Papilia soube da tençaõ das Nynfas,
E das penas propinquas temerosa
Banhada em pranto hum dia quando Febo
Mais terno entre seus braços a opprimia
Soccorro lhe pedio, pedio vingança
Contra aquellas, que urdiaõ seus desastres.
De ternura, e de Amor turbado, e cego

Ju-

(1) *Pactolo* rio da Lydia, que levava areias de ouro.
O'er golden sands let rich Pactolus flow.
Pope First Pastoral.

(2) *Hermes* Mercurio. O mercurio juntando-se com o ouro, dá-lhe a cor de prata.

Jurou vingala pela Estygie, o Nume;
Logo Papilia férvida lhe implora,
Que em fogo intenso abraze as Nynfas todas
Antes que á Deosa seus desmanchos contem:
O Nume por cumprir o atroz protesto
Do trilho usado os brutos extravia,
E a prumo hum pouco sobre as Nynfas baxa.
Eis d'impovizo as arvores se murchão:
Seccaõ-se as fontes seccaõ-se os regatos,
E o mundo falto d'ar abafa, e geme.
A Jove as preces dos mortais chegando
Manda voltar á Ecliptica os Ethontes,
Frustrando as impias intenções de Febo,
E á Nynfa causa de ruinas tantas,
Exemplo da leveza, e variedade,
Depois que hum raio vingador lhe atira
A muda em varia, leve Mariposa,
E em dura pena de intentar perversa
Em vivas chammas abrazar as Nynfas;
Quer que verdugo de si propria sendo
Procure as flammas, e se abraze nellas.
Por isso agora assim que as topa, a infaustã,
Douda, e medrosa lhe esvoaça em torno,
Até que entre ellas abrazada espira.
Limax que vê da infausta Esposa o termo,
O Ceo de negras maldições cubrindo,

Im-

Impias blasfemeas contra os Numes solta.
Irado Jove de tamanho insulto,
Depois qu' a lingua infame lhe emmudece,
Em tardo insecto de repente o muda,
Que entre nós hoje Caracol se chama,
E além de lhe fazer brotar na testa
Os indices crueis da sua infamia,
Para eterna lembrança de seus crimes
O condemna a trazer a casa ás costas,
Como a trazia taõ vilmente d'antes.
Agora o triste alheo do que fora,
E do que fora a idéa naõ perdendo,
Como em hortas cuidou, procura as hortas;
E em vendo Febo seu patrono antigo,
Por ver se inda a seu mal lhe dá remedio,
Sai da concha onde habita pudibundo,
E humilde, e vagaroso caminhando
Sua desgraça atroz lhe patenteia:
Mas naõ perdendo em tantos infortunios
O antigo dom, que o Nume lhe otorgara,
Para que a Febe conste, que inda póde,
Se a forma lhe mudar, erguer-lhe o templo,
Por onde passa argenteo rasto deixa.

EPIGRAMMA I.

Zoilo mordaz me insulta impaciente;
Mas delle se publíca,
Que os máos Poetas louva, os bons critica.
Se Apollo tal consente,
O' Zoilo, ó Maldizente,
Naõ sabes, naõ, depois que te conheço,
Quanto as criticas tuas agradeço.

EPIGRAMMA II.

O fogo de teus versos me exaggeras,
E logo me asseveras,
Que apenas leves manchas lhe divisaõ:
Porém tenho observado,
Que os versos todos que me tens mostrado
Manchas naõ tem, mas fogo he que precisaõ.

N. I. A hum Zoilo que para anniquilar os bons Poetas dizia bem dos máos.

N. II. A hum máo Poeta que dizia, que nos seus versos só pequenas manchas se encontravaõ, mas que em fogo nenhuns lhes excediaõ.

EPIGRAMMA III.

A' força me embutiste
Hum livro dos máos versos, que imprimiste.
Pedes-me agora a paga, tem paciencia,
Que se mos déste só pelo que valem,
Nada te devo em minha consciencia.

EPIGRAMMA IV.

Se os meus versos me compraste,
E bem delles naõ fallaste;
Naõ me aggravas, saõ favores;
Que mais prézo o teu dinheiro,
Do que estimo os teus louvores.

EPI-

N. III. A hum máo Poéta que me brindou com hum livro, que imprimio, e depois de seis mezes veio-me pedir o importe do dito.

N. IV. A hum estulto, que comprou os meus versos para dizer mal delles.

EPIGRAMMA V.

Quando me louvas da rosada Irene,
Porquem cego d'amor ardes, suspiras;
Os dotes, os agrados
O lindo aspecto, os olhos engraçados;
Doce ternura na minha alma inspiras.
Ah! deixa de exaltar-ma por piedade,
Que se persistes no costume antigo,
Tu perdes hum amigo,
E eu perco para sempre a liberdade.

EPIGRAMMA VI.

Horrivel Gorga, deixa o vaõ receio;
Podes sosinha andar, que naõ te offendem:
Teus vesgos olhos, teu semblante feio,
Saõ guardas, saõ Dragões que te defendem:
Porém de certo eu creio,
Qu'esse medo que tens taõ desconforme,
He roubado a quem vê teu rosto enorme.

N. V. A certo amigo; que me louvava incessantemente aquella que mais amava.

N. VI. A huma velha, que tinha medo de sahir só á rua por cauza dos maganões.

EPIGRAMMA VII.

O teu macho, que emprestas por dinheiro,
Dá coices, morde, cai, fica pegado;
Mas tu da gente humana carniceiro,
Tens nelle, se naõ érro, hum bom morgado,
Pois sempre que se aluga o teu sendeiro,
Além de obteres do aluguel a narte,
Tens logo que fazer pela tua arte.

EPIGRAMMA VIII.

Só tem hum erro a producção famosa,
Que tu chamas Tragedia,
Emenda-o, ficará cousa pasmosa,
Chama-lhe Farça, ou chama-lhe Comedia:
Porque eu vejo, assim Deos me faça Santo,
Que mais provoca a riso, do que a pranto.

EPI-

N. VII. A hum Cirurgiaõ, que alugava hum macho muito manhoso, que tinha, e naõ queria que se dissesse que o alugava.

N. VIII. A hum máo Poeta, que compoz huma Tragedia, que fazia rir.

EPIGRAMMA IX.

Pampa, vivo tonel de enorme bojo,
Em Gil, adega errante, hum ferro crava:
Todos a cauza ignoraõ deste arrojo;
Mas eu penso, que a idéa lhe adivinho;
Quiz Pampa matar Gil, porque pensava,
Que mais barato lhe ficasse o vinho.

EPIGRAMMA X.

A Marcia.

Quando souberes que deixei de amar-te
Chora, chora o teu bem, Marcia querida,
Que deixou nesse instante de ter vida.

EPI-

N. IX. A hum bebado, que deo huma facada noutro sem razaõ nenhuma.

EPIGRAMMA XI.

Tanto, e taõ bem representas,
Qu'inda quando estás sózinho,
Es Actor em mil Tragedias
Nas pregas do collarinho.

EPIGRAMMA XII.

Es Satyrico tamanho,
E taõ infimo Poeta,
Que affirma gente discreta,
Que só tu fazer podias
As satyras, que merecem
As tuas más Poesias.

EPIS-

N. XI. A certo Pobretaõ, que se jactava de representar melhor que ninguem, principalmente em obras tragicas, e partes patheticas.

N. XII. A hum Charlataõ maldizente, que compunha trovas.

EPISTOLA

Ao Senhor José Thomaz da Silva Quintanilha

Cependant laisse gronder quelques Censeurs,
Qu' aigrissent de tes vers les charmantes douceurs.
Boileau Epit. VII.

EM vaõ suave Eurindo em vaõ pretendes
Fugir á chusma de mastins damnados,
Qu' em tudo as prezas venenosas ferraõ:
Teve Homero Aristarcos, teve Zoilos,
Bavios, e Mevios ao Cantor ladravaõ
Qu' ao pio Teucro heroe salvou do Lethes.
Sempre o merito foi victima infausta
Nas torpes aras da faminta Inveja:
He com desprezo, com descuido olhado
Silvestre arbusto, qu' a ninguem faz sombra.
Nada tem, quem naõ tem, que se lhe inveje.
Mas quanto me naõ cansa, ingenou, Eurindo
Ver certos Petimetres vates novos,

Que

Que em sabendo grasnar francez mourisco,
E a Madama de tal compôr aos annos
Na lingua dos Pascazios fofas Odes;
Naõ só huns novos Pindaros se julgaõ,
Mas de Critico-sabios arrotando
Daõ por páos, e por pedras, ladraõ, mordem,
Naõ lhe escapa ninguem, tudo vai razo:
Camões na boca destes foi pedante,
Ferreira escuro, insipido Bernardes,
Monotono Diniz, Garçaõ rançoso.
E quando a qualquer destes perguntarmos,
Quais os Poetas saõ, que podem ler-se?
Fallando-nos de pápo, em tom de Mestre
Dirá, que tres na Grecia, dois no Lacio,
Volter na Gallia, Milton na Britania,
E hum só no Reino Luso, pretendendo,
Que entendamos ser elle *o non plus ultra*:
Se no fim desta arenga lhe rogarmos,
Que nos repita alguns dos seus Poemas:
Depois de nos matar com vãas escuzas
De fragil a memoria criminando,
(1) Parem os montes, nasce hum vil ratinho.
De Gongora restricto Plagiario,

Com

(1) *Parturient montes, nascetur ridiculus mus.*
Horat. Art. Poet. V. 139.

Com voz de trovoada irá ralhando
Poesias taes, que nem o Demo as pesque:
Do proposito buscaõ gallicismos,
Já desfarce naõ presta, vem *deguisa*,
Por banquete *repàs*, *sommèt* por cume,
E caprichaõ de ver nos seus Poemas
A torre de Babel nas varias linguas:
Nada importa que a frase seja escura,
Barbaro o estylo, o verso máo, com tanto,
Que a palavra da moda naõ esqueça,
Em Africa huma lança tem mettido.
Outros na profissaõ menos Doutores
Mas em estro suppondo-se huns abortos
Gabaõ-se qu'a insultante Paderia,
Assim qu'a voz lhes ouve nos outeiros,
Em torno boca aberta, ouvido á escuta,
Troca em palmas, em vivas, em obsequios
O picante *dicterio*, o chulo *á parte*;
Se ouvir hum destes busco, vou topallo
Entre Nynfas boçaes, marmanjas velhas,
Tescões Peraltas, que naõ lem por cima,
D'improviso glozando a cada mote
De Sonetos, e Decimas chorrillos:
Sem nexo, sem lingoagem, sem cadencia;
Partos informes da loucura humana:
E he com tudo applaudido, porqu' hum nescio

Acha

Acha outro nescio, que lhe dê louvores:
Mas ha inda, ao meu ver, peor canallia,
Que sem nada compôr descompõe tudo,
E infecunda, galrante, ecco dos outros,
Sem que, nem para que, a qualquer cousa
Aristoteles vem, Horacio, Vida,
Luzan, Boaló, Volter, chovem preceitos
Sem preceito allegados: se cahimos
Em ler perante hum destes obra alguma,
Com sardonico riso desdenhoso
Arqueando, e franzindo as sobrancelhas,
Como que lá comsigo está passando
Pela bitóla d'arte os nossos versos,
Com momos, aos qu' o cercaõ dará mostras;
Que saõ vans frioleiras, quanto escuta.
Saõ desta casta os perros, que nos ladraõ,
E qu' offuscar teu merito pretendem:
Mas traçando o painel de nós, e delles,
Que tem, que n'alta noite á clara Lua
De ladrar enroqueçaõ cães vadios?
Ella com luz igual seu giro acaba.
Com tudo he para rir ver o que vemos;
Lembraõ-se hum dia, que ser Vate he prenda,
No outro naõ só compõem, mas já criticaõ.
Naõ põe loge o Barbeiro sem ter findo
O tempo de Aprendiz, e feito exame:

Mas

Mas hoje para ser Poeta insigne
(1) Basta dizer : *Componho inclytos versos* :
E depois de vestir com falsas côres
Hyperbole , ou Antithese rançosa ,
Exclamar : *Isto he meu* , *isto naõ morre.*
O amor proprio dá leis , reina a vaidade ,
Ninguem quer correcção , mostraõ seus versos ,
Pedem censura , e esperaõ-lhes louvores :
Se hum destes nos consulta , e lhe apontamos
O defeito , que tem certa passagem ;
Testudo salta em campo a defendella ,
Trazendo á balha mil que a tem louvado.
Porém graças aos Ceos ! inda se encontraõ
Livres deste contagio insignes Genios.
Inda Montano (2) vive honra dos Lusos ,
Mestre da Lingua , de perceitos mestre.
Elmiro (3) naõ morreu , inda ergue os vóos ,
Inda emboca suave Epica tuba ,
Elmiro traductor claro , e nervoso
Do difficil a Pope , agudo Estacio.

Indá

---

(1) *Nunc satis est dixisse : Ego mira Poemata pango*
Horat. Art. Poet. v. 414.

(2) O Senhor D. . . .

(3) O Senhor José Agostinho de Macedo, taõ grande Poeta , como eloquente Orador. Traductor de Estacio.

Inda Alfeno (1) tem vida cáro ás Musas,
Que prático do Pindo nas varedas
As Gregas instrucções bebe na origem.
Inda Ismeno (2) rival do Cysne Ismeno
Da Morte audax triunfa: e inda tu vives,
Tu que de Hybla, e de Himeto escondes n'alma
Suave mel, que entornas em teus versos,
E que escutando impavido os latidos
Da matilha feroz, que a tudo avança,
Subplantas, e agrilhoas a Calumnia,
E fazes que teu nome á frente posto
Dos ternos Hymnos, que te affama Eráto,
Voando illeso vá por entre a chusma
Dos seculos futuros devorantes,
Até se hir encontrar co' a Eternidade.

EPIS-

(1) O Senhor Domingos Maximiano Torres, bem conhecido pelas suas bellas composições, e profunda litteratura.

(2) O Senhor Joaõ Vicente Maldonado, Author de sublimes, e energicas Poesias.

EPISTOLA

Ao Senhor J. M. de Oliveira, Lente de Mathematica etc.

Carmina vel Coelo possunt deducere Lunam:
Virg. Egl. VIII. v. 69.

ESTro Apollo te dá, saber o estudo,
Paciencia, e vagar, o genio, e a sorte.
Em ti reunido encontro, ó Sabio Jonio,
Quanto he preciso para ser bom vate.
Ah! que motivo te retarda os vôos?
Quebra as prizões do medo, as azas solta.
O Astro radioso centro dos Planetas,
A quem acestas o reflexo oitante,
E a quem alturas, e distancias medes,
He, caro Jonio, o mesmo qu'aos Poetas
Estro sagrado inspira, á morte os furta.
Naõ saõ de sorte alguma incompativeis
Poesia, e Mathematica, bem podem

Uni-

Unidas ambas, ambas cultivar-se.
Quando os astros observas n'alta noite,
De Orfeo na esfera a maga Lyra encontras.
Dos Ceos a Musa Urania ao mesmo tempo
Vates influe, Astronomos dirige.
Os Eclipses, as fazes dos Planetas,
O Moto das Estrellas scintillantes,
Qu' estudo foraõ do crinito Iopas (1)
Da eburnea lyra a voz naõ lhe abafaraõ,
Nem a vangloria de invocar as Musas.
Tratou d'Astronomia Arato (2) em versos.
(3) Hygino a Delio honrou cantando os Astros,
Mostrou Manilio (4) em metro as leis dos Orbes.

E

---

(1) . . . . *Cithara crinitus Iopas*
Personat aurata, docuit quæ maximus Atlas.
Hic canit errantem Lunam, Solisque labores.
Virg. Æn. L. I. v. 749.

(2) *Arato* Celebre Astron. e Poet. natural de Soli ou Soloé Cidade de Cilicia, foi comentado por Thales, Zenon etc. Suid. e Vossius falaõ delle.

(3) *Hygino* C. Julio Hygino floreceu no tempo de Augusto: foi Author das Fabul. et Astronomicon Poeticon.
Vê Suet. Vossius, Liv. I. cap. 20 Hist. Lat.

(4) *Manilio*: Poeta Latino Author de hum tratado de Astronomia em verso excellente.
Vossius de Poet. Lat. C. II. de Scien. Math.

E talvez qu' entoar tu mesmo ouvisses
Nas margens do Mondego insignes versos
(1) Ao Rival d'Euler, Keill, Hugens, Cassini
Leibnitz dos Lusos por sapiente infausto.
Ah! que receias! que temor te prende?
Temes acaso, que te conte o vulgo
Na chusma dos estolidos trovistas,
Qu' as frageis loges dos cafés entupem,
E a troco de liquor, fervente ponche,
Aos Patinhos, qu' em torno a penna largaõ;
Insulsas trovas a rosnar vomitaõ.
Se o vulgo errado o nome de Poeta
Concede francamente ao nescio, ao tollo;
Porque glosa huma decima, hum soneto,
O sabio austero a poucos o concede,
Qu' o Sabio os nomes confundir naõ usa.
Dize-me acaso em teu juizo estando,
Por cantora terás fanhosa velha,
Qu' ao som dos baques do dançanto berço
Ao Neto canta do Papaõ cantigas?
Chamarás Picador ao chanfaneiro,

Qu'

---

(1) *Ao Rival* etc. o Doutor José Anastacio da Cunha Lente de Mathematica na Universidade de Coimbra, e suavissimo Poeta.

Qu' assim qu' a venda acaba da hortaliça,
Montando-se d'um pullo entre as cangalhas,
Mete de trote o bruto espravonado?
Ou Musico ao Lacaio chamarias,
Porque toca na banza, ou na bandurra
O fandango Espanhol, a chula, a fofa?
Pois de igual sorte o nome de Poeta
Quadra ao trovista glosador de Motes.
Qu' injuria mais atroz fazer podias
Ao sabio Palomino, ao sabio Rume,
Se a par os fosses pôr do Rebequista,
Que no Pateo dos Bichos toca aos Ursos.
Aos Vates se faz sempre igual afronta
Quando chamamos aos trovistas Vates.
He d'um celeste dom prole a Poesia:
Culta sapiencia lhe regula os passos,
E a frente lhe orna d'immurchaveis louros.
Maior nome naõ tem Platão, qu' Homero,
Na fama Newton naõ excede a Milton.
O Filosofo insigne, e o Vate excelso
Entraõ a par no templo da Memoria.
Ah! que prazer naõ he, que desafogo
Pulsar a lyra as Musas convocando,
E em tom sublime ás solidas virtudes
Tecer dignos encomios, dignos versos.
Das férvidas paixões cantar o impulso

Do

Do terno Amor as flammas, e os suspiros
Qu' huns lindos olhos d'alma nos arrancaõ;
Heroes salvar do Lethes somnolento,
Fazer-se eterno a si, cantando os outros.
Convida-te a razaõ: Jonio, qu' hezitas
Solta do estro inflammado as livres azas,
E aos orbes te remonta onde mil vezes
A tua indagaçaõ tem divagado,
E subido teus olhos penetrantes.

CANTILENAS ANACREONTICAS.

I.

EM quanto o meu Zoilo,
Convulso de inveja,
De longe incessante
Me ladra, e moteja.

Eu surdo a seus eccos,
A lyra pulsando,
Meu nome eternizo
De Inalia cantando.

A' baixa lisonja
Louvores naõ urdo,
Nem fofo á vil plebe
Co' as trovas aturdo.

Erato me empresta
Harmonica lyra,
E Amor he sómente
Quem versos me inspira.

Applausos mereço
D'Alfeno, e Jacindo:
Elmiro me louva,
E o melico Eurindo.

Inalia mil vezes
Ouvir-me procura,
E ao som do meu canto
Se abraza em ternura.

Embora em meus versos
Mil satyras chovaõ,
Se Inalia os estima,
E os Sabios os louvaõ.

II.

As fuscas azas
Nesta espessura
Vem despregando
A Noite escura.

Quebra nas fragas
O Tejo irado;
O Ceo fuzilla
Do Sul nublado.

Morno Silencio
Vaga adejando,
Só Rans palustres
Saltaõ coaxando.

A tarda Lua
Sobre o horizonte
Levanta a froxa,
Pallida fronte.

Ligeiras nuvens
O Ceo toldando,
A luz a espaços
Lhe vaõ turbando.

Ah! feia noite,
Que horror profundo
Naõ vens cauzando
No triste mundo!

Mas se hoje a furto
Doces espaços
A minha Inalia
Vir em meus braços:

Manhã risonha
Heide chamar-te,
E em branca pedra
Farei gravar-te.

III.

Se he tido por Nume
O Thracio Cantor,
Por ser d'hirtas feras
Feliz domador.

E o Vate de Thebas
O mesmo alcançou,
Porque duras penhas
Cantando abrandou:

Eu sou mais que Nume,
Eu mais consegui,
Porque com meu canto
Inalia venci.

IV.

O Sol transmonta,
Celia formosa,
Bordando a esfera
De côr de rosa.

A furto encrespa
Zefyro frio
A limpa face
Do manso rio.

Deste penedo
N'agua pendente,
Que d'altos fétos
Corôa a frente:

Comtigo ao lado
No pego undoso
As leves redes
Lanço gostoso.

As magas vozes
Solta entretanto,
Alegre os ares
Teu doce canto.

Doido te escuto;
Mas que reparo!
Volve teus olhos
Ao rio claro.

Olha em cardume
Virem das grutas
Barbudos Barbos,
Manchadas Trutas.

D'argenteas Bogas,
D'azuis Fataças
Cheias levanto
As verdes naças.

Desde que pesco
Neste remanso
Naõ tirei, Nynfa,
Taõ rico lanço.

Mas que me assombra!
Tendo-te ao lado,
Fora impossivel
Ser desgraçado.

V.

Doce Amaryllis,
Meu bem amado,
Quem te motiva
Taõ grande enfado?

Pin-

Pintas no gesto
Vivo desgosto:
Raivoso pranto
Banha o teu rosto.

Se te pergunto,
Porque te inflammas?
Entre suspiros
Falso me chamas.

Se exploro a cauza,
Nada respondes;
C'o as mãos mimosas
O rosto escondes.

Falte-me a vida
Se fui perjuro,
Pelos teus olhos
Aos Ceos o juro.

Antes mil mortes,
Nynfa adorada,
Que hum só momento
Ver-te enfadada.

VI.

Castiga os ingratos,
Amor, desfigura
O lindo semblante
De Jonia perjura.

Primeiro lhe rouba
As tranças douradas;
Depois as papoilas
Das faces rosadas.

Dos olhos espartos
Da côr da safira
A luz, a viveza,
A graça lhe tira.

O collo lhe empanna:
As mãos lhe entorpece:
Deforma-lhe o corpo:
A voz lhe enrouquece.

Verei se então posso
Deixar de adoralla,
Já que me naõ move
Taõ impia encontralla.

VII.

Palreira Andorinha,
Que á volta d' Aurora
Sempre és do meu somno
Cruel turbadora.

Naõ basta qu' as noites
Consuma chorando,
De Jonia voluvel
No genio pensando?

Naõ basta na idéa
Pintar a perjura,
Fazendo ludibrio
Da minha ternura.

Cruel, para sempre,
Que ao somno me entrego,
Piando quebrares
Meu grato socego?

Ah! queira a Desgraça
Em paga, em castigo
Da fera impiedade,
Que tratas commigo:

Que

Que rompaõ teu ninho
Máos corvos infestos,
Bem como a tyranna
Quebrou seus protestos.

VIII.

No peito da falsa Olina
Gravou meu nome o Vendado,
E Olina tambem meu nome
Gravou n'um Cedro copado.

No lizo viçoso tronco
Inda o meu nome persiste:
Porém no peito da Ingrata
Nem delle a memoria existe.

Quem dirá que duraõ menos
As obras d'uma Deidade,
Do que as obras d'uma indigna,
Exemplo da variedade.

IX.

Ao tronco de hum Cedro
De Parras vestido,
C'os pulsos cruzados
Vi prezo Cupido.

C'os

C'os dentes mil vezes
Os nós remordia,
E as azas batendo
De raiva carpia.

Os laços lhe quebro
Molhados do pranto,
E pelos bracinhos
Da terra o levanto.

As loiras melenas
Dos olhos chorosos
Lhe afasto, e lhe beijo
Os labios mimosos.

Amor, lhe pergunto,
Quem foi, qu' em teus braços
Lançou despiedoso
Taõ rigidos laços?

Foi Marcia, foi Marcia,
Me diz soluçando,
Foi Marcia, que sempre
Me está maltratando.

Foi Marcia , que pena !
Lhe torno ás risadas ,
Pois Marcia travessa
Tem hoje pancadas.

Irou-se o Frecheiro
De tal zombaria ,
E hum ferro vibrando
Assim me dizia :

Tu zombas , humano ,
Da minha queréla ?
Pois como suspiro
Suspira por ella.

Parafrase do Epigramma de Moscho.

O Amor Lavrador.

X.

Feito Colono
Amor hum dia,
N'hum torto arado
Dois bois prendia.

Com lentos passos
N'huma alta serra,
Junto á rabiça,
Arava a terra.

No braço esquerdo
Tinha enfiado
Alvo cestinho
De azul tramado.

Delle á maõ cheia
Veloz tirava
Louras sementes,
Que ao chaõ lançava.

Ver

Ver pretendia
Na terra avára
Nascer de amores
Pingue seára.

E em quanto alegre
Isto exercia,
Aos Ceos olhando
Feroz dizia:

Se naõ me outorgas
Jove Potente
Farta colheita
Desta semente:

Qual por Europa
Em boi tornado,
Farei que puxes
Por este arado.

Por saber o que era amor
Fiz votos de naõ amar;
Hum encontro com Josino
Fez os meus votos quebrar.

GLOSA

I.

INda o fogo das paixões
Meu socego naõ turbava,
E a razaõ mal começava
A illustrar minhas acções.
Inda acerbas afflicções
Naõ me causavaõ terror;
Mas quem tanto ha de suppôr!
Por occulta sympathia
Já mil instancias fazia
Por saber o que era amor.

II.

Por maõ da Sorte guiado
No templo do Nume entrei ;
Que horror! De quanto observei
Ficou meu sangue gelado.
Vi rojar grilhões d'um lado,
D'outro vi peitos frexar ;
Junto do votivo altar
Montaõ de entranhas ardia :
Eu com terror do que via
Fiz votos de naõ amar.

III.

Ouvio minha voz o Nume,
E de meus votos zombando,
Deixa o solio onde ullulando
Vive a Saudade, o Ciume :
Do Fado abrio o volume
Quebrando o selo divino,
Leo-me nelle o meu destino :
» Novo escravo ha de Amor ter,
» Quando Corina tiver
» Hum encontro com Josino.

IV.

Deixo o templo do Vendado
Pensando na minha estrella:
Eis vejo Corina bella:
Eis vejo cumprir meu fado:
Em vivo amor abrazado
Amo quem naõ sabe amar.
Mova-te, Amor, meu pezar;
Abranda o peito ferino
De quem, por lei do Destino,
Fez os meus votos quebrar.

Ainda depois de morto,
Debaixo do frio chaõ,
Acharás teu nome escrito
Dentro do meu coraçaõ.

GLOSA.

I.

O Mar Tyrrheno (1) fendia
A náo de Ulysses doloso, (2)
E no horisonte nubloso
Pouco a pouco se escondia:
Circe que em furias ardia
Brada assim do Hesperio (3) porto:
» Ulysses, do Averno aborto,
» Do meu mal naõ hás de rir-te,
» Que hei-de buscar-te, e punir-te
» Ainda depois de morto.

II.

---

(1) O mar Tirrheno, o mar de Toscana.

(2) Como talvez, haja, como já houve, quem repare em ter dado a Ulysses o epitheto de doloso lembro-lhe que Horacio L. I. Ode VI. diz.

Nec cursus duplicis per mare Ulyssei

Onde o genit. *duplicis* naõ significa senaõ doloso, enganoso etc. E Camões Lus. Cant. X. Oit. 24.

Daõ os premios de Aiace merecidos
A' lingua vãa de Ulysses fraudulento.

(3) Hesperio porto, entende-se porto da Italia, chamada Hesperia do Rei Hespero irmaõ de Atlante.

II.

Eis que viva negra pomba
Em lume de teixo abraza,
E de cem môxos qu' empraza
Faz a Hecáte impia hecatomba:
Subito ao longe rebomba
Rouco horroroso trovaõ,
Zune furioso tufaõ,
As ondas a furia augmentaõ:
Larvas, e espectros rebentaõ
Debaixo do frio chaõ.

III.

Na procella furibunda
A náo sem leme, sem mastros,
Ora topeta nos astros,
Ora no abismo se afunda.
De novo a Maga iracunda
Diz: » Teu mal seja infinito,
» Morre infame, e no Cocyto
» Para terror dos malvados
» Na lista dos condemnados
» Acharás teu nome escrito.

IV.

Jove que a scena divisa
Quer salvar o Heroe valente,
» Basta: grita, e de repente
Foge o vento, o mar se aliza.
A Deosa que se horroriza
» Se he justo, diz, se he razaõ,
» Que fique impune a traiçaõ,
» Sacro Jove, ao menos finda
» Estas chammas, qu' ardem inda
» Dentro do meu coraçaõ.

AO MESMO MOTE

Glosa jococeria em fraze de Marujo.

I.

Tão bravo me tenho feito
Desde que lido comtigo,
Q' ás vezes mesmo commigo
Jogo o sôco a teu respeito;
Se for certo o que suspeito,
Que tu namóras o Torto,
Ou aqui, ou noutro porto
O tratante ha de pagallo,
Que sou capaz de esganallo
Ainda depois de morto.

II.

Naõ me daõ volta cincoenta
Por bem, sou mosquinha morta;
Mas por mal ninguem me corta
O cabellinho da venta:
Se você mangar intenta,
Naõ sai bem da mangaçaõ:
Ande co' a sonda na mão;
Porqu' a fazer-me pirraças
Hei de metella cem braças
Debaixo do frio chaõ.

III.

Mas tu choras? Essa he boa!
Naõ tenhas medo de mim;
Porque eu naõ sou taõ ruim
Como foi certa pessoa:
Os mais abatem-te a prôa,
Eu cá sirvo de palito
Pois hum homem, Deos bendito!
Tanto por ti bebe os ares,
Qu' em quantos muros topares
Acharás teu nome escrito.

IV.

Tu deves por força amar-me
Se naõ fico como hum preto,
Lá c'o Torto naõ me meto
Quem as arma, qu' as desarme.
Hei de comtigo casar-me
Mesmo por embirraçaõ,
Que desde aquelle encontraõ,
Que te vi dar, na ribeira,
Trago acceza huma fogueira
Dentro do meu coraçaõ.

Succeda o que succeder
Naõ hei de mudar de intento
Amar sem temer perigo
He maior merecimento.

Glosa jococeria em Dialogo entre huma Velha, e hum Marujo.

I.

Mar. DE naõ lhe dar hum sopapo
Agora he qu' eu torço a orelha,
Que cá ao filho da velha,
Nenhum galrante faz papo.
Velh. Pois tu n'um Moço taõ guapo
Manel havias bater,
Mar. Se a palrar o torno a ver
Com sua neta a Carcunda
Hei de arrumar-lhe huma tunda
Succeda o que succeder.

II.

Lá tem a filha do Arrais,
Que me tem amor em barda;
Que quando hum homem lhe tarda
Já vem procurallo ao Cais!
Pois avó, sabe que mais?
Promette-me casamento,
E eu cá ponho pôppa ao vento
Pago o vinho, e vou-me embora.
Amo a Carcunda já'gora
Naõ hei de mudar de intento.

III.

Mas isto naõ lhe faz móça;
A todo o mundo dá trella,
Aqui n'Adiça só ella
Traz mais de quarenta á roça.
Já me hiaõ dando huma coça,
Por seu respeito, huns de Vigo:
Mas qu'a naõ deixo lhe digo,
Inda que a breca me leve,
Que hum homem quando ama deve
Amar sem temer perigo.

IV.

Velh. Tambem você atenou
C'uma Moça qu' he hum brinco,
Que tem deixado alguns cinco
Dés que á mállo compeçou:
Em té o filho engeitou,
Que teve do Mestre Bento:
Mas você he taõ bulhento ....
Se a vir com algum palrar
Disfarce, que o disfarçar
He maior merecimento.

ENIGMAS, OU ADIVINHAÇOENS.

I.

NUa, e crua me puzeraõ
Entre o fogo abrazador,
Do tempo exposta ao rigor
Longos dias me tiveraõ:
A côr mudar me fizeraõ
Sobre pedra liza, e dura.
Hoje em quatro páos segura
Em continuas voltas ando,
Até que extinta ficando
Mude de nome, e figura.

II.

D' uma pedra fui nascida
Em molle cama aparada,
Com fumo infernal criada
D' estranhos corpos nutrida:
O ar me dá morte, e vida,
E do ár meu corpo alimento:
Ao ver Phebo desalento:
E no horror da noite escura
Protejo quem me procura
E a quem me toca atormento.

III.

Ando, e do sitio em qu' estou
Por mais qu' ande naõ me bullo:
Aquelles mesmos regulo,
Porquem regulado sou:
Prezo n'uma corda vou
Onde me querem levar:
Tenho hum pé, mas para andar
Nunca me póde servir,
E sendo opposto ao mentir,
Minto ás vezes sem fallar.

Sen-

IV.

Sendo em lizo páo formado
De dois animaes descende,
E he de quem serve, e defende
Abatido, e espezinhado:
Inda c'o bico fexado
Carne de vivos engolle:
Sendo flexivel, e molle
O rosto em ferros lhe prendem
Vai de salto onde pertendem
E se naõ querem naõ bolle.

V.

Juntos vivemos, e andamos
Vestindo trajos iguais,
E sendo amigos jámais
Ver hum ao outro estimamos:
Inda que mui longe vamos
Por solitario caminho,
Nenhum sai do patrio ninho:
Por uteis ambos nos temos,
Mas o que juntos fazemos,
Faz qualquer de nós sosinho.

En-

VI.

Entre flores fui gerada
Trazida a carcere feio,
Nutri mortais em meu seio,
Dei quartel a tropa armada:
A ferro, e fogo roubada
Fui do lar que me abrigou:
Com Deos mil vezes estou,
Mas quaõ triste he minha estrella,
Valho menos sendo bella,
Do que depois qu' o naõ sou.

VII.

Sem que meu domno me pegue
Ando na maõ de meu domno,
Adormeço, e mostro somno
Sem qu' ao repouso me entregue:
Nenhum vivente consegue
Meu movimento igualar.
Tenho em dois reinos lugar,
E em baixando sobre a terra,
Ou faço a meus irmãos guerra,
Ou só me occupo em andar.

En-

VIII.

Ente alado me criou,
Com seu sangue me nutri,
Replantar-me onde nasci
Naõ pode quem me roubou:
Para ser util qual sou
Soffri d'um ferro impio corte;
Tenho triste o nome, e a sorte,
E que me enluto he patente,
Quando contra algum vivente
Se dá sentença de Morte.

IX.

Tenho cór de penitente,
Conservo barbas crescidas,
Em minhas roupas compridas
Me furto aos olhos da gente:
Cumpro a lei do Omnipotente
Firme na excelsa bandeira,
Com tudo em lenta fogueira
Alguns Christãos me daõ fim;
Porque sabem, que de mim
Tem nascido muita freira.

X.

Nasci branco, hoje sou preto,
Como escravo fui vendido,
Sirvo aos pobres abatido,
Aos Potentados submetto:
Se alguns mortais comprometto,
Humiliações justifico:
As vezes de ouro sou rico:
De quadrupedes procedo;
Mas ás aves arremedo,
Qu' ao ar subo, e tenho bico.

XI.

Criei-me na terra, e nada
A' terra devo em criar-me:
Minha mãi para gerar-me
Foi preza, e depois maçada.
Quasi sempre desagrada
A funçaõ onde eu naõ vou:
Aos mortos defensa dou,
E em perdendo o ser que tenho,
A ter a figura venho
Daquella que me gerou.

XII.

Sustento a custosa vida
De numerosos Mortais,
Mas inda de muitos mais
Sou rigorosa homicida:
Na terra onde fui nascida
Naõ exerço os meus rigores:
Preza sirvo a meus senhores,
E que sou melhor se cré,
Quando estou no estado, em que
As mais couzas saõ peores.

XIII.

Giro ás vezes pelos ares,
Outras pizaõ-me na terra;
Annuncio a paz, e a guerra:
Cruzo Reinos, cruzo mares.
Respeitaõ-me nos altares,
Segredos occulto, e espalho:
Animo, e poupo o trabalho.
Pais tive abjectos, e pobres;
Mas honro ás vezes os Nobres,
Outras grandes sommas valho.

XIV.

Tens no corpo hum nome, o qual
A dorna em diminutivo,
E no seu augmentativo
Dôe, injuría, e faz mal:
Viver naõ pode o mortal,
Que huma vez chega a perdello:
Mostraõ nelle alguns o sello
Do trabalho, e da velhice:
N'uns mostrallo he peraltice,
N'outros he moda escondello.

XV.

Se me chamaõ feminino,
(Segundo certa patranha)
Posso o que pode o Destino:
Porém eu sou masculino
E a voz, que ninguem me estranha,
Ou causa á gente alegria,
Ou desgraças enuncia;
E com meu nome na Espanha
Se affirma, nega, e porfia.

XVI.

Trago o nome dividido
Em duas partes: Mas huma
No officio está da verruma,
E outra junto a certo ouvido:
Tendo pois o nome unido;
Naõ se encontra parte alguma
Onde naõ seja temido.

XVII.

Sou boa, e pelo contrario
A gente me denomina,
E inda quando estou malata
O mais sabio em Medecina
De sãa, por uso, me trata.

XVIII.

Inteira causo aos Mortais
Immensas commodidades,
Sem na Igreja entrar jamais,
E feita em duas metades
Sirvo em actos funerais.
Vou aclarar este enigma:
O meu nome se reparte
Quando o cadaver se estima,
Pôe-lhe por baixo huma parte;
Lançaõ-lhe outra parte em cima.

HEROIDE

D. Ignez de Castro ao Infante D. Pedro.

SE inda estremoso por meus olhos ardes,
Vem soccorrer a misera Consorte
Vem, caro Esposo meu, vôa, naõ tardes.

D'horriveis sustos infernal cohorte
Me assalta o coraçaõ, e muda, e fria
Sinto adejar-me em torno a surda Morte.

Tudo que vejo, tudo me enuncia,
Que para te roubarem dos meus braços,
Querem roubar-me a luz do claro dia.

Retumba nestes sumptuosos Paços
A voz d'um cruel Povo, que te obriga
A partir este nó em mil pedaços.

Ser d'Iberios Monarchas prole antiga,
Girar teu Regio sangue em minhas veias,
Naõ faz, qu'a sua protecçaõ consiga.

Busca despedaçar nossas cadeias:
Nem o commove lagrimas ardentes,
Nem vivas preces de amargura cheias.

Ah! se meus tristes damnos já naõ sentes,
Punja-te ao menos, punja-te a desgraça
Destes, que amaste, filhos innocentes.

O golpe, que seus dias amiaça,
Mais do qu' a minha propria desventura,
O debil coraçaõ me despedaça.

Primicias da mais candida ternura,
Quanto melhor vos fora, que ficasseis
Com vossa infausta Mãi na sepultura.

Antes na inculta Lybia vos criasseis,
Porqu' entre as bravas, sanguinosas feras
Peitos mais brandos pode ser que achasseis.

Mas vem, vem-me acudir, Senhor, qu'esperas?
Novo, Regio consorcio te destinaõ:
E meus sustos naõ saõ falsas quimeras.

Vem pôr termo aos desastres, que fulminaõ
Contra aquella infeliz, que tanto amaste,
Duros monstros, que o nosso amor criminaõ.

Quando os primeiros votos me firmaste,
Que a vida entre meus braços passarias,
Mil vezes pelos Ceos me asseguraste.

Meu bem, luz dos meus olhos, me dizias,
Nunca de te querer me satisfaço,
Tu só podes tornar ledos meus dias.

Se o throno me servisse de embaraço
Para gozar teu peito carinhoso,
Odiára o throno, deixaria o Paço.

No sitio mais deserto, e pavoroso
Comtigo viveria prazenteiro
Julgando-me o vivente mais ditoso.

Tu mais valia tens, qu' o mundo inteiro;
E quem a dita de gozar-te, alcança,
Aos bens maiores fica sobranceiro.

Assim azas criou minha esperança
Para se erguer taõ alto : Ai de mim triste!
Que fiz em teus protestos confiança.

De taõ vehemente amor já nada existe :
Sujeitas a vontade á voz do Povo,
Que em dar-te nova Espoza tanto insiste.

Goza, goza o prazer d'um amor novo,
Qu' eu perderei a vida amargurada,
Pois que teu duro peito naõ commovo.

Mas teme o furor meu, que despiedada
Teus dias turbarei, ingrato Esposo,
Inda na campa fria em pó tornada.

No instante em qu' estiveres mais gostoso,
Alta noite, beijando os novos laços
Entre a pompa do thálamo ditoso :

Ululando entrará nos Regios Paços
Minha sombra infeliz, e a fausta amante
Te arrancará raivosa dentre os braços.

Bramindo-te de roda a todo o instante,
Qual a Furia qu' a Orestes flagellava,
Teu flagello será, perfido Infante.

Mas qu' expresso? ai de mim! como se aggrava
Com vãns blasfemias o fiel Consorte,
Que de amor tantas provas me intimava!

Perdôa, amado Esposo, o meu transporte:
Se para explendor teu, cumpre qu' eu morra,
A mim propria darei cruenta morte.

Do peito a borbotões o sangue corra,
Qu' ufana de morrer por teu respeito
Nem ao Ceo pedirei, que me soccorra.

Naõ era meu infausto, humilde peito,
Naõ era digno de que nelle entrasses:
Tua sublime condiçaõ respeito.

Com-

Com tudo se meus olhos naõ amasses,
Naõ déras á Naçaõ tanto desgosto,
E talvez qu' a mil sustos me poupasses.

Mas eis qu'o pranto, que me inunda o rosto;
Pranto de meus amores triste fruto,
Tambem de te escrever me empede o gosto.

Talvez, Senhor, que rojes negro luto
Antes que novo dia te a manheça;
Que ja dos impios o tropel escuto.

Vem o golpe evitar, naõ aconteça,
Que manchem o que he teu mãos inimigas;
E se queres, que subito falleça,
Já te aborreço Ignez, basta que digas.

FIM.

INDICE

IDYLLIOS.

I. *Ilvia.* Pag. 5
II. *A Marcia* 7
III. *O Fauno.* 10
IV. *Bolmiro, e Lereno.* 20
V. *O Magico.* 32

CANTATAS.

I. *A nossa Senhora do Cabo, sendo Juiz na sua festa o Serenissimo Principe Regente o Senhor D. Joaõ.* 43
II. *No fausto nascimento da Serenissima Senhora D. Maria Thereza Princeza da Beira.* 48
III. *Aos annos de Laura.* 57

MADRIGAIS. 65 *até* 70

MONOLOGOS.

I. *A Laura.* 71
II. *A Laura.* 76

CANÇAÕ *A Marcia.* 81

CANÇONETAS.

I. *A immaculada Conceiçaõ da V. M.* 85
II. *A Armania.* 92
III. *A Nathercia.* 97
IV. *A Inalia.* 106
V. *A Jonia.* 114

METAMORFOSES.

I. *O Diamante.* 133
II. *O Asinheiro.* 139
III. *A Palmeira.* 144
IV. *O Suspiro.* 151
V. *O Sapo, e a Doninha.* 158
VI. *A Toupeira.* 163
VII. *O Caracol, e a Maripoza* 169

EPI-

EPIGRAMMAS. 177 *até* 181

EPISTOLAS.

I. *Ao Senhor José Thomaz da Silva Quintanilha.* 183

II. *Ao Senhor J. M. de Oliveira, Lente de Mathematica etc.* 189

CANTILENAS ANECREONTICAS. 195 *até* 208

QUADRAS GLOSADAS. 209 *até* 220

ENIGMAS OU ADIVINHAÇOENS. 221 *até* 230

HEROIDE.

D. Ignez de Castro ao Infante D. Pedro. 231

ERRATAS

Pag.	*vers.*	*Erros.*	*Emendas.*
13	4	Maõ sou	Naõ sou
ibid.	16	o mesmo Ceo	o mesmo o Ceo
39	7	cerR	céra
79	1	que terrivel	que o terrivel
83	10	que mais	que a mais
87	1	raidoso	radioso
100	12	respeito	despeito
108	3	armas que	armas de que
112	20	peor	maior
114	7	D'alvos	D'altos
124	1	Naõ Mortal	Vaõ Mortal
135	21	fúrinosa	raivosa
153	22	rapidas	rapida
172	23	volvia os Numes,	volvia aos Numes
183	12	ingenou	ingenuo
193	2	d'alma nos arrancaõ	nos arrancaõ d'alma

Junk. 8.90

C. 11 4 tomos em 2 vol.s, r. 1.500.

Pr. Klasal's de Leipzig 1889, só
dos 2 1.os vol.s 2.000